

PLÍNIO SALGADO

o esperado

5.^a edição



VOZ DO OESTE
INL/MEC

No momento em que esta obra vem a lume, em sua edição de cinquentenário, a luta política brasileira se desenvolve numa gigantesca arena onde o estado de espírito que a todos domina não pode dispensar o adjetivo *angustiante*.

Em 1931, ano da 1ª edição de *O esperado*, Plínio Salgado dizia: "Escutem... Há um rumor de passos... O Brasil está andando... São multidões que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas, nem do vento. Ouço passos andando..." E encerrava o livro com um capítulo que é apenas uma interrogação e uma pergunta: Para onde?

Estamos em 1981. Hoje não são quarenta, mas cento e vinte milhões de brasileiros andando, divididos entre os que querem construir — com independência e liberdade — e os que pretendem subjugar o Brasil — na sua utopia ou no seu aspecto concreto — às cadeias internacionais do imperialismo soviético-marxista, esquecendo-se todos que o seu instrumento de convicção — o mais poderoso exército da história — invadiu e dominou, em 1980, a ferro e fogo, o Afeganistão, e hoje, últimos dias de 1981, extermina na Polónia o assomo de liberdade e independência que os irmãos de João Paulo II tentaram um dia proclamar...

Mas, para onde estamos seguindo? Mudou o Brasil, que a literatura de Plínio Salgado retrata em cores e traços que até hoje permanecem firmes, indissolivelmente ligados ao homem brasileiro e sua trajetória neste meio século de existência? Mudaram os "estados de espírito nacionais"? Foi relegado ao esquecimento, definitivamente, "o fatalismo messiânico, o sebastianismo do povo brasileiro"? "Essa enfermidade nacional", nas palavras do próprio Plínio Salgado?

Não, infelizmente cremos que não. Não mudou o Brasil que Plínio Salgado abarca nas páginas de sua obra, não mudaram os ânimos da sociedade brasileira, quaisquer que sejam os seus segmentos, não foi debelada essa doença brasileira, que é a do apelo constante a um "messias da política nacional", conforme constata a revista "ISTOÉ", em um dos seus últimos números.

E a questão permanece em aberto: Para onde marcham, hoje, os cento e vinte milhões de cabeças — pensantes ou não — de brasileiros e para onde conduzem os seus duzentos e quarenta milhões de pés?

Estabelecamos outra pergunta: encontrará a presente edição de *O esperado* leitores que percebam o seu significado? Que queiram travar contato com os seus personagens, eles que estão vivos, na figura do operário ofendido na sua dignidade como ser humano, nas pessoas dos políticos — seja o corrupto, apenas entregue ao gozo de suas mordomias e de atendimento aos seus interesses particulares, ou aquele que joga a sua sorte defendendo os objetivos do povo que representa —, na presença ostensiva das multinacionais que exploram os povos ainda não detentores de seu destino próprio, no sofrimento do homem interiorano que é expulso de suas terras pelo poder inclemente do dinheiro, manipulado que é por homens de ferro?

A pergunta do tópico anterior tem sua razão de ser: Plínio Salgado foi o único homem de pensamento, em nossa terra, que partiu de uma idéia para a ação:

consolidou uma obra literária, criou uma doutrina política, estabeleceu prioridades, conduziu multidões. E levantou contra si o ressentimento de duas classes: a política e a intelectual, que não perdoam a quem deixa marcos definitivos numa literatura, que não perdoam a quem tem idéias, que não perdoam a quem estabelece prioridades, que não perdoam a quem levanta multidões orientando-as para a construção definitiva de uma Nação.

Ora, "no campo do pensamento (...) quantas vezes não endeusamos plúmiferos medíocres do exterior, [e de dentro de nossa casa, dizemos nós], e resistimos à leitura de grandes autores nacionais, ou só o fazemos a contragosto e hipercríticos", conforme reconhece Eduardo Abrances de Soveral, em excelente artigo publicado na revista CONVIVÍUM, com palavras que bem prescindem de interpretação.

Mas as nossas esperanças se voltam para as novas gerações — se é que elas, violentadas como estão pela desinformação proposada e eficientemente conduzida, aceitam algum desafio. Este é o grande lance que lhes propomos: conhecer a obra de Plínio Salgado — a começar por esta. Sabemos, porém, de todos os óbices que a este gesto de desafio se levantarão, silenciosamente ou em ruído ensurdecedor, isto é, ou não se levando à inteligência jovem o conhecimento da existência de uma obra como a de Plínio Salgado, ou entorpecendo-a com a escumalha dos "plúmiferos medíocres do exterior" ou do interior... Nas escolas, os professores, normalmente de formação precária e/ou radicalizados em suas posições, negam ou diminuem a presença de Plínio Salgado na literatura brasileira; os programas de vestibulares jamais indicam os seus livros; nos cenáculos da "inteligentzia" o silêncio é tumular, seja por parte dos que o odeiam ou por parte dos que jamais dizem coisa alguma. A imprensa, seja ela qual for, é o que todos sabemos: ódio ostensivo, confusão deliberada, informação retorcida. E dos pulpitos — os pregadores de hoje, com as exceções naturais, não são leitores da *Vida de Jesus* ou seguidores de *Primeiro, Cristo!*

Queiram ou não, porém, a obra aí está. E revestida de uma característica: a de não ter tido um continuador, na sua amplitude, na sua auscultação, nos seus objetivos. O Brasil e o seu povo, que estão nas páginas de Plínio Salgado, continuam presentes no seu tumulto, nas suas inquietações angustiantes, nos seus sonhos, nas suas seguidas desilusões, no seu anseio de algum dia se afirmarem. E onde estão os escritores que com as suas antenas captem toda a vibração que está nos ares?...

Ela — a obra de Plínio Salgado — está sozinha, impávida, contundente nas verdades que lança aos corações, aos olhos, aos ouvidos, aos sentimentos de todos os brasileiros. Esperando uma resposta que algum dia, temos certeza, a inteligência brasileira dará, tanto no setor da criatividade política como no da iniciativa literária. Com um só objetivo: o da sedimentação e o desenvolvimento da Nação Brasileira. No que não pomos dúvida alguma.

São Paulo, 22/12/1981

Gumercindo Rocha Dorea



Plínio Salgado, na época em que escreveu O ESPERADO.

O ESPERADO



nacionalismoverde.blogspot.com.br

VOZ DO OESTE

OBRAS DE PLÍNIO SALGADO LANÇADAS PELA
EDITORA VOZ DO OESTE

VIDA DE JESUS

(20ª edição, com reproduções da arte sacra baiana (esgotada), e 21ª,
com reproduções da arte sacra missioneira)

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

(5ª edição, com prefácio de Euro-Brandão,
ricamente ilustrada — esgotada)

A VOZ DO OESTE

(5ª edição, com prefácio de Otacílio Colares,
da Universidade Federal do Ceará)

O RITMO DA HISTÓRIA

(3ª edição)

PRIMEIRO, CRISTO!

(5ª edição — esgotada)

O CAVALEIRO DE ITARARÉ

o romance das revoluções brasileiras
(5ª edição)

TEMPO DE EXÍLIO

(correspondência familiar-1)

Introdução de Maria Amélia Salgado Loureiro

MINHA SEGUNDA PRISÃO E MEU EXÍLIO /

DIÁRIO DE BORDO/

POEMA DE FORTALEZA DE SANTA CRUZ

NOSSO BRASIL

(4ª edição, com prefácio de Arruda Camargo)

O ESPERADO

(5ª edição)

PLÍNIO SALGADO

O ESPERADO

5.^a edição
(comemorativa do cinquentenário)

EDITORA VOZ DO OESTE
em convênio com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
1981

UNIDADE IEL
 N.º CHAMADA 0669-35
 3222
 V 5. ed. Ex
 TCMBO/EC 286876
 TCMBO IEL 32289
 PROC.
 C ☐ D ☒
 PREÇO
 DATA 05.07.85
 N.º CPD 011000073821

OK

CAPA: Regina Helena Garcia Dorea

(adaptada do traço original
 de J.G.U., da 1ª edição)

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Gumercindo Rocha Dorea

Revisão: C.P.S. e G.R.D.

Salgado, Plínio. 1895-1975

O estrangeiro, 5ª edição [de cinquentenário];
 São Paulo: Voz do Oeste; Brasília: INL, 1981.
 XVIII, 242 pág.

Biobibliografia de Plínio Salgado, organizada
 por Gumercindo Rocha Dorea.

1. Romance brasileiro I. Instituto Nacional
 do Livro II. Título,

CDD - 869.93

CDU - 869.0 (81)-31

Reservados os direitos de tradução, reprodução e adaptação para cinema,
 TV, rádio, histórias em quadrinhos. *Copyright by Carmela P. Salgado.*
 Direitos de publicação do presente volume cedidos à editora Voz do
 Oeste Ltda., C.P. 4623, CEP 01000, São Paulo, S.P.

SUMÁRIO

Biobibliografia de Plínio Salgado	XI
O Autor discute (prefácio da 1ª edição)	3
No pórtico deste romance	7
Prefácio à 3ª edição de "O Estrangeiro", à 2ª de "O Esperado" e à 2ª de "O Cavaleiro de Itararé"	9

I PARTE

Que angústia é essa?

I — Sinfonia do cimento-armado	21
II — A moeda de John Greenall	27
III — O gamão e o Camurça	31
IV — A locomotiva e o bugre	35
V — O Clube Talvez	40
VI — Conjuração	45
VII — A batalha dos túmulos	51
VIII — Tentação	56
IX — Diálogo dos instintos	61
X — Charleston	68
XI — A poeira do tempo	77
XII — Pluto, o corcunda	82
XIII — Que angústia é essa?	87
XIV — A alma do guichê	95
XV — Canoa	100

II PARTE

A guerra dos deuses

XVI — A família Antoninho	109
XVII — D. Xuxula versus Camurça	114

XVIII – Jaguar-etê	120
XIX – O homem na terra	124
XX – Novos deuses	129
XXI – O ladrão de moça	135
XXII – A velha, o corcunda e a romântica	140
XXIII – O atelier de Madame Bermudez	144
XXIV – Miss Katy	150
XXV – O êxodo	155
XXVI – A máquina e o homem	163

III PARTE

O ofício das trevas

XXVII – Quando o sol desce	173
XXVIII – Corrégio, o falido	178
XXIX – “Péu! Péu! ”	183
XXX – Teoria dos planos	189
XXXI – Passo de valsa	195
XXXII – Onde há ranger de dentes	199
XXXIII – O faquir e o sapo	205
XXXIV – Miserere mei	215
XXXV – O atentado	218
XXXVI – A trombeta do arcanjo	224
XXXVII – Olhos na treva, vozes na tempestade	229
XXXVIII – Um rumor de passos	241
XXXIX – ?	242

BIOBIBLIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO

(Organizada por G. R. D.)

I

SÍNTESE CRONOLÓGICA

- 1895 - Nascimento, a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí filho do farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora dona Ana Francisca Rennó Cortez. Quando criança, juntamente com seus irmãos, ouvia preleções de seu progenitor, chefe político do município, em torno de Caxias e outros grandes vultos da história pátria. Lia muito, principalmente os clássicos da língua.
- 1911 - Aos 16 anos, com o falecimento de seu pai, e estudando no Ginásio São José, em Pouso Alegre (Estado de Minas), teve de voltar para São Bento do Sapucaí a fim de cuidar de sua progenitora e dos quatro irmãos mais novos.
- 1913 - Aos 18 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com Gama Rodrigues, Machado Coelho, Agostinho Ramos e Joaquim Cortez, "para combater a ditadura do governo estadual". Esta foi a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa do município. Aplica-se em sua cidade a diversas atividades, dirige um clube de futebol, um grupo teatral, pronuncia conferências, é orador oficial em todas as solenidades, é defensor de réus quando faltavam advogados, funciona como topógrafo judicial e ocupa cargo de inspetor escolar no município. Lança o semanário local "Correio de São Bento".
- 1918 - Casa-se com a senhorita Maria Amélia Pereira, descendente de tradicional família sãobentista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Amélia, com apenas 15 dias, que passou a ser zelada pela avó e tios.
- 1919 - Muda-se para São Paulo onde ingressa como suplente de revisor, ascendendo logo a redator, no "Correio Paulistano", porta-voz do governo estadual na época. Aí trava conhecimento com inúmeros intelectuais e políticos, a muitos ligando-se por sólida e profunda amizade.
- 1922 - Realização da Semana de Arte Moderna, cujos principais participantes "apontaram novos caminhos, libertações integrais, nacionalismo espontâneo". Leitura absorvente de Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocard, Max Jacob, Cendrars.
- 1924 - Indicado como Secretário da Coligação Paulista, presidida por Altino Arantes.
- 1926 - Publicação de *O Estrangeiro*. Preocupação com problemas políticos, leituras de Marx, Sorel, Lênin, Trotski, Riazonov, Plekanov, Fierbach.
- Falecimento de sua progenitora.
- 1927 - Insistentemente convidado pelo Presidente Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual e é eleito com grande votação.

- 1928 — Cria a Prefeitura Sanitária de Campos do Jordão e consegue leis favoráveis à agricultura paulista. Funda, com Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Motta Filho o Movimento Verde-Amarelista.
- 1929 — Em 31 de julho, como primeiro ocupante, toma posse da cadeira nº 6, da Academia Paulista de Letras, sendo patrono da mesma Couto de Magalhães. Posse conjunta de Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Alfredo Ellis Jr., Cassiano Ricardo, Nuto Sant'Ana e Gofredo da Silva Teles.
- 1930 — Viagem à Europa e Oriente, como preceptor de um jovem paulistano. Vê as transformações políticas da Turquia, da Itália, da Alemanha, "lê uma vasta literatura comunista que circulava em Paris", examina a pequena Bélgica, medita no Egito (sobre o imperialismo inglês), observa a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem de Portugal: "tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana".
 - Deflagrada no Brasil a revolução contra Washington Luís e o sistema político que este representava.
- 1931 — Fundação e direção de "A Razão". Artigos diários de doutrinação política e análise da situação brasileira e internacional.
- 1932 — Revolução Constitucionalista. Incêndio de "A Razão". Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Lançamento do Manifesto de Outubro, com que se iniciaram as atividades independentes da Ação Integralista Brasileira, antes um setor de orientação da SEP.
- 1935 — Intentona comunista no quartel da Praia Vermelha, ocasião em que foram assassinados covardemente pelos comunistas, na calada da noite, quando dormiam, indefesos oficiais do Exército Brasileiro, alguns adeptos do Integralismo. Por telegrama ao Presidente da República é oferecida a ajuda dos Integralistas.
- 1936 — Casa-se em segundas núpcias com a senhorita Carmela Patti, pertencente a conceituada família radicada em Taquaritinga, Estado de São Paulo, não havendo filhos deste consórcio.
- 1937 — Candidatura a Presidente da República, concorrendo com José Américo de Almeida e Armando Salles Oliveira. Fechamento de todas as organizações políticas. É convidado para Ministro da Educação, que recusa por não concordar com os termos da nova constituição. É implantado o Estado Novo.
- 1938 — Revolta, denominada "integralista" (V. *Dicionário de História do Brasil*, Melhoramentos, São Paulo, 1976, 4ª edição, pág. 469), objetivando a restauração democrática no Brasil, e que ocasionou inúmeras prisões e fuzilamentos de membros da Ação Integralista Brasileira, e exílio dos principais líderes. Prisão na Fortaleza de Santa Cruz. Exílio para Portugal.
- 1939-1946 — Intensa atividade cultural e religiosa em Portugal.
- 1942 — Publicação da *Vida de Jesus*, cuja primeira edição, lançada em São Paulo, é apreendida e logo após liberada.
- 1946 — Retorno ao Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas. Fundação, por um grupo de brasileiros, do Partido de Representação Popular.
 - É eleito Presidente do Partido de Representação Popular (extinto, juntamente com todos os outros organismos políticos, após 1964).
- 1947 — Escreve semanalmente um artigo para o semanário "Idade Nova".
- 1948 — É convidado a comparecer às Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, diretamente pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, D. Bellester Nietto, para colaborar na redação de uma "Carta dos Direitos e Deveres do Homem", tendo a sua orientação sido a vencedora, e o primeiro artigo ficado assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina".
- 1950 — Apoia o Brig. Eduardo Gomes à Presidência da República e disputa a senetoria pelo R. G. do Sul, onde obtém mais de 300.000 votos, não conseguindo, porém, eleger-se.

- 1952 — Fundação da Confederação de Centros Culturais da Juventude e sua eleição como Presidente de Honra da mesma, que reuniu, inicialmente, dezenove entidades de jovens, oriundas de todo o Brasil, e chegou a atingir para mais de quinhentas em todo o território nacional.
- 1953 — Fundação do semanário "A Marcha", de que foi colaborador até o encerramento de suas atividades.
- 1955 — Candidatura à Presidência da República, disputando com Juscelino Kubitschek de Oliveira, Juarez Távora e Ademar de Barros, quando obteve quase um milhão de votos.
- 1956 — Eleito Deputado Federal pelo Estado do Paraná.
- 1960 — Passa a colaborar semanalmente no "Diário de São Paulo", o que faz durante 15 anos seguidos.
- 1960-1964-1970-1974 — Eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, integrando sempre a Comissão de Educação e Cultura. Instala-se, definitivamente, em Brasília, a partir de 1960.
- 1961 — Representa o Brasil na Conferência Geral da UNESCO, em Paris, como observador parlamentar.
- 1975 — Falecimento, a 7 de dezembro, em São Paulo, sendo enterrado no cemitério do Morumbi.
- 1977 — Inaugurada a Praça Plínio Salgado, em Rio Claro, S.P.
- 1979 — No dia 7 de outubro, inauguram-se a Praça 7 de outubro e a Avenida Plínio Salgado, em Varginha, Minas Gerais.

II

BIBLIOGRAFIA

- 1919 — *Thabor* (poemas), ed. do autor.
- 1921 — *A boa nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor.
- 1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda.
(in OBRAS COMPLETAS, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X, e 8ª ed., José Olympio, 1972).
- 1927 — *Literatura e política*, ed. Helios Ltda.
(2ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX).
- *A anta e o curupira* (manifesto modernista), ed. do autor (in *Despertemos a Nação*, in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- 1927 — *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.
- 1927 — *A literatura gaúcha* — Conferência literária realizada no "Centro Gaúcho" de São Paulo.
- 1931 — *O esperado* (romance), comp. Editora Nacional.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XII); 5ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, S.P., 1981.
- *Oriente* (Viagem), ed. do Autor.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, Vol. XVIII).
- 1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vols. XIII e XIV, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979).
- *O que é o Integralismo* (política), Schmidt ed.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).
- 1934 — *A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XIV, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978).
- *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio.
- *Psicologia da revolução* (filosofia e política), ed. Civilização Brasileira.
(5ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- 1935 — *A quarta humanidade* (temas filosóficos I), ed. José Olympio.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V).

- *Despertemos a Nação* (política), ed. José Olympio.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- *A doutrina do Sigma* (política), Editora Verde-Amarelo, SP.
- 1936 — *Palavra nova dos tempos novos* (temas literários e políticos), ed. José Olympio.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- 1937 — *Nosso Brasil* (brasileidade), ed. Coelho Branco.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV); 4ª ed. Voz do Oeste/Secr. de Cultura do Est. de S. Paulo, S.P., 1981.
- *Geografia sentimental* (brasileidade), ed. José Olympio.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- *Páginas de combate* (política), ed. Livraria Antunes.
- 1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed. Panorama (in OBRAS COMPLETAS, vols. I, II, III), 21ª edição, Voz do Oeste, S.P., 1979.
- 1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI).
- 1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed. Tavares Lisboa, Porto.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa. (4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI). 5ª ed. in *Primeiro Cristo*, 4ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, 1979.
- *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra.
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- *Primeiro, Cristo!* (religião), ed. Figueirinhas, Porto.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI), 4ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979.
- *A tua cruz, Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI).
- *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978).
- *Madrugada do espírito* (antologia filosófica-política), ed. Ática, Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- *O integralismo brasileiro perante a Nação* (política) s/ed., Lisboa.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).
- 1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama, Lisboa.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- *Mensagem às pedras do deserto* (ensaios políticos), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).
- 1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V).
- *Poema da Fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanumbi, São Paulo.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanumbi, S.P.
- *Pio IX e o seu tempo*, prefácio à obra de Villefranche, *Pio IX*, ed. Panorama, São Paulo, 1948 (in OBRAS COMPLETAS, vol. XI).
- 1949 — *O ritmo da história* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI), 3ª ed. Editora Voz do Oeste/INL, 1978.
- *Discursos* (seleção), ed. Panorama, São Paulo.
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- 1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.

- (2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- 1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- *Espírito da burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- (2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).
- 1953 — *O integralismo na vida brasileira* (política), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- *As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha* — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953.
- 1954 — *Atualidades brasileiras* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI).
- *Roteiro e crônica de mil viagens* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII).
- *Críticas e prefácios* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX).
- *Contos e fantasias* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX).
- *Sentimentais* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX).
- *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII).
- *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma", "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-verdes", in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- *Viagens pelo Brasil* (in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- 1955 — *Mensagem ao povo brasileiro*, ed. do autor, Rio de Janeiro.
- 1956 — *Livro verde da minha campanha*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957 — *Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo.
- 1961 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- *Poemas do século tenebroso* (com o pseudônimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos), ed. do autor, Brasília.
- *Como se prepara uma China*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa.
- 1964 — *Instrução Moral e Cívica*, ed. FTD, Rio de Janeiro.
- 1969 — *História do Brasil*, 2 vols., ed. FTD, Rio de Janeiro.
- (2ª ed., 1972, ed. FTD).
- 1972 — *Trepandé* (romance), ed. José Olympio, Rio de Janeiro.
- 1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília.
- 1980 — *Tempo de exílio* (Correspondência familiar-1), Ed. Voz do Oeste, S.P. (obra póstuma)
- *Minha segunda prisão e meu exílio/Diário de bordo/Poema da Fortaleza de Santa Cruz*, S.P. (obra póstuma).

OPÚSCULOS EDITADOS PELO CONGRESSO NACIONAL

- 1965 — *A batalha do Riachuelo* (como orador oficial do Parlamento Brasileiro nas comemorações de centenário).
- 1967 — *Sol do Oriente, Sol do Ocidente* (sobre as relações Brasil-Japão, como orador oficial do Parlamento Brasileiro).
- 1972 — *40º aniversário de lançamento do Manifesto da Ação Integralista Brasileira*.
- *O grito do Ipiranga* (por ocasião do Sesquicentenário da Independência).
- *A Semana de Arte Moderna* (nas comemorações do 50º aniversário).
- 1973 — *Origens e evolução do Parlamento* (sesquicentenário do Legislativo).
- 1974 — *Evolução histórica da gravura*. Aula proferida na abertura da exposição retrospectiva promovida por "The Past", em Brasília, set. de 1974.
- 1975 — *Despedida do Parlamento*.

III

PESQUENOTEIRO DE PESQUISA SOBRE A VIDA E OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Nota de esclarecimento — Considerando-se não ser possível proceder-se de imediato ao levantamento bibliográfico completo acerca de Plínio Salgado, a *Editora Voz do Oeste* relaciona aqui alguns trabalhos que analisam a obra deste escritor, sob o aspecto mais literário que político, não obstante, quase sempre, seja impossível estabelecer-se uma separação estanque; o autor da Vida de Jesus é o mesmo homem que escreveu *O Estrangeiro* e é o mesmo que deflagrou um grande movimento político, de massas e de inteligência, na história do Brasil. Não se busque, portanto, aqui, mais que um “pequeno roteiro”, a ser utilizado por todos aqueles que desejam estudar a vida e o pensamento de Plínio Salgado, e que, pretendendo aprofundá-los no tocante à sua obra máxima, síntese de toda uma vida de ação e de criação intelectual, poderão encontrar valiosos subsídios na bibliografia referente à *Vida de Jesus* (v. 21ª ed., Editora Voz do Oeste, SP., 1979), assim como, na 5ª edição de *Como Nasceram as Cidades do Brasil*, os trabalhos de Euro Brandão, João Ameal e Tasso da Silveira.

- Adonias Filho. Pronunciamento de, in sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1976.
- Amândio César. *Literatura pelo caminho*, ed. 4 Ventos, Lisboa, 1958.
- Andrade Murici. *A nova literatura brasileira*, ed. Globo, Porto Alegre, 1936.
- Beraldo, S.J., Carlos. *Plínio Salgado*, verbete in ENCICLOPÉDIA FILOSÓFICA, Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, Firenze (Itália), 2ª ed., 6 vols., 1968-1969.
- Brito, Mario da Silva. *História do modernismo brasileiro*, ed. Saraiva, 1958, S. Paulo.
- Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, 4 vols., Rio de Janeiro, ed. Sul-Americana, 1955-1959.
- Cunha, Fernando Whitaker da. *Democracia e Cultura*, 2ª ed., Forense, Rio de Janeiro, 1973.
- Diversos. *Para onde vai o Brasil?*, Renascença ed., Rio, 1933.
- Diversos. *Plínio Salgado*, ed. da revista Panorama, São Paulo, 1937.
- Diversos. *Plínio Salgado* — 1895-1975 (depoimentos de Oswaldo Zanello, A.H. Cunha Bueno e Agostinho Rodrigues), Câmara dos Deputados, Brasília, 1976.
- Diversos. *Enciclopédia do Integralismo* (11 volumes), Edições GRD — Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1956-1959.
- Dorea, Augusta Garcia Rocha. *O romance modernista de Plínio Salgado*, 2ª ed., IBRASA, S.P., 1978.
- Faria, Octávio de. *Machivavel e o Brasil*, Civ. Brasileira S/A, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1933.
- Freyre, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, ed. Casa do Estudante do Brasil, 2ª ed., Rio, 1942.
- Graciotti, Mario. *Os deuses governam o mundo*, Nova época editorial, S. Paulo, 1980.
- Graciotti, Mário. *Europa tranqüila*, ed. Clube do Livro, 4ª ed., São Paulo, 1959.
- Grieco, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*, in OBRAS COMPLETAS, José Olympio, Rio de Janeiro, 1948.
- Leite, Ascendino. *As coisas feitas*, EDA, R.J., 1980.
- Lima, Ebion de. *Lições de história da literatura brasileira*, Liv. Ed. Salesiana, S/A, S. Paulo.
- Medeiros, Jader. *A força de um pensamento*, edição da UOCB, Rio de Janeiro, 1973.
- Nestor Vitor. *Os de hoje*, in OBRA CRÍTICA, vol. II, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1973.
- Reale, Miguel. Pronunciamento de. In sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.
- Roy, Teresa Maria Malatian. *A Ação Imperial Patrianovista Brasileira*, tese apresentada à PUC (S.P.), 1978, S.P.

- Sacerdos. *O homem integral*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1957.
- Saldanha, Nelson. *História das idéias políticas no Brasil*, Universidade Federal de Pernambuco, 1968.
- Salim, Emílio José. *Ciência e Religião*, 2ª ed. ampliada, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1941.
- Silveira, Alarico. *Enciclopédia brasileira*, INL, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958.
- Silveira, Tasso da. *Diálogo com as raízes*. GRD/MEC, Salvador, 1971.
- Ricardo, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1970.
- Picchia, Menotti del. *A longa viagem*, Martins, São Paulo, 1970.

IV

ANÁLISE RECENTE DA OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Avoluma-se, no Brasil, com caráter de seriedade — mas que não deixa de ser uma pseudo-seriedade, pelo partidarismo político de que se reveste e pela unilateralidade da análise — o número de volumosos trabalhos de autores marxistas, católicos progressistas, ex-integralistas, etc. . . , a respeito da obra de Plínio Salgado. Não poderíamos, em acato à produção intelectual alheia — mesmo de adversários quase sempre isentos de boa-fé —, deixar de registrá-los, devendo, evidentemente, serem eles analisados com as devidas reservas, pois são pesquisadores que, descobrindo a obra de Plínio Salgado, ou reavaliando-a hoje sob prismas ou emoções diferentes das emoções e prismas de ontem — e sentindo a sua extraordinária força de criação político-social, traduzida no mais seguro dos roteiros para a garantia presente e futura da nacionalidade brasileira — descobrindo essa obra, ou tomando posição contra ela quando anteriormente a defendiam, se propõem a destruí-la inexoravelmente, através de distorções e comparações descabidas e de conclusões preconceituosas, o que os leva, aliás, a divergirem entre si, como é o caso de J. Chasin, H. Trindade, W. Guilherme dos Santos, etc. . .

Alguns autores abaixo relacionados são pesquisadores que não se sentem suficientemente fortes para rasgar a máscara de ferro imposta pela propaganda do DIP getuliano à fisionomia pliniana; outros são incapazes de escapar aos pronunciamentos ditados pelo tribunal de exceção vigente no Estado Novo, e os restantes, acorrentados aos chavões dogmáticos do marxismo internacional — tão velhos e comprovadamente incapacitados de atender aos objetivos mínimos que a dignidade humana pode exigir —, mesmo a eles se convertendo em nossos dias, dias de Gulags nazistas ou comunistas (e tão brilhantemente defendidos por Antônio Cândido no prefácio à volumosa obra de Chasin), todos devidamente inabilitados, portanto, para analisar a imensa produção de Plínio Salgado tal como ela foi elaborada e vivida, dentro de nossa realidade e especificamente para ela, isto é, para a realidade brasileira de nosso tempo.

São os seguintes, os livros e seus autores, aos quais estamos nos referindo:

- Carone, Edgard. *Revolução do Brasil contemporâneo*, Desa, S.P., s/d.; *A República nova*, Difel, S.P., 1974.
- Chasin, J. *O Integralismo de Plínio Salgado*, Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., S.P., 1978.
- Corbisier, Roland. *Filosofia e crítica radical*. Liv. Duas Cidades, S.P., 1976.
- Lima, Alceu Amoroso. *Revolução suicida*, Editora Brasília, R.J., s/d.
- Lustosa, Oscar de Figueiredo. *A Igreja e o Integralismo no Brasil, 1932-1939*, in "Revista de História", S.P., vol. LIV, nº 108, 1976.
- Medeiros, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*, Fundação Getúlio Vargas, R.J., 1978.
- Schooyans, Michel. *Destin du Brésil*, Duculot, Belgique, 1973.
- Silva, Hélio. *Terrorismo em campo verde*, Civ. Brasileira, R.J., 1971.
- Trindade, Hélio. *Integralismo, o fascismo brasileiro da década de trinta*, DIFEL, S.P., 1976; 2ª ed., ampliada, DIFEL, 1979.

Outros ângulos, porém, vão se incorporando à análise a que vem sendo submetida a obra e a vida de Plínio Salgado — alguns com dignidade e isenção — nos mais diversos setores. Assim, no *campo literário*, veja-se:

Barros Ferreira. *O vendaval* 1930, ed. do A., S.P., 1980.

Corrêa, Nereu. *A tapeçaria linguística d'Os Sertões e outros estudos*, edições Quiron/MEC, S.P., 1978 (com excelente ensaio sobre *Trepandê*, intitulado "O romance de uma cidade morta").

Guimarães, Josué. *Os tambores silenciosos*, ed. Globo, Porto Alegre, 1977 (este romance é aqui registrado pelo retrato fiel que faz de um dos momentos místicos da vida política de Plínio Salgado, as chamadas "Noites dos tambores silenciosos", possibilitando, assim, o seu conhecimento pelas novas gerações que, dessa etapa histórica da vida brasileira, só conhecem interpretações inverídicas e falseadas.)

Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vols. VI e VII, ed. Cultrix, S.P., 1978-79.

Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista*, ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

Mourão, Gerardo Mello. *Peripécia de Gerardo*, in OS PEAS, GRD/INL 1980.

Nunes, Benedito. *As idéias filosóficas no Brasil — séc. XX*, parte II, ed. Convívio, S.P., 1978 (cita-se aqui esta obra pela estranha originalidade do autor, em, analisando "O pensamento estético no Brasil", e conseqüentemente a *Semana de Arte Moderna* de 1922, conseguir o "extraordinário" feito de não fazer nenhuma referência a Plínio Salgado e sua obra!).

Vasconcelos, Gilberto. *Ideologia curupira*, análise do discurso integralista. Brasília, S.P., 1979.

Na área político-religiosa deve-se ver:

Moura, O.S.B., D. Odilão. *As idéias filosóficas no Brasil*, séc. XX, parte I, ed. Convívio, S.P., 1978.

Idéias católicas no Brasil, ed. Convívio, 1978.

Araújo, Ricardo Benzaquem. "As classificações de Plínio Salgado — Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938", in *Revista de Ciência Política*, ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1978, vol. 21, n.º 3, de setembro de 1978.

Chauí, Marilena. *Aparentamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho França, *Ideologia e Mobilização*, ed. Paz e Terra/CEDEC, Rio, 1978.

Corbisier, Roland. *Autobiografia filosófica*, ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

Castro, Marcos de. *Dom Helder*, ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

Santos, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*, ed. Liv. Duas Cidades, S.P., 1978.

Vieira, Maria do Pilar Araújo. *Em busca do Sigma*, estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. S.P., 1978.

Vinda de um ex-líder integralista, não podemos deixar de relacionar aqui a entrevista concedida pelo filósofo Miguel Reale e publicada no primeiro caderno de *O Estado de São Paulo*, em sua edição dominical de 14-5-1978, depoimento honesto e isento de paixões, cuja leitura se torna indispensável a todos os que pretendam mergulhar no significado do Integralismo, "cuja pregação de idéias deu ao Brasil as sementes da sua nova consciência cívica" — nas palavras de San Tiago Dantas, ao saudar o pensador paulista em determinado momento do pós-guerra (V. *Palavras de um Professor*, Forense, 1975, com apresentação de Afonso Arinos de Melo Franco, pág. 145). Este testemunho de Miguel Reale foi lido na Câmara Federal pelo deputado Sebastião Navarro, cujo pronunciamento posteriormente foi publicado em plaquete, e integra o volume I de *A história vivida*, ed. "O Estado de S. Paulo", S.P., 1981.

Gumercindo Rocha Dorea

O ESPERADO

O AUTOR DISCUTE

(Prefácio da 1.^a edição)

*Passam, através deste livro, os Inquietos, os Inadaptados.
Passam vítimas e opressores.
Chocam-se direções contrárias do Pensamento.
É o drama do nosso Espírito. Onde não há culpados. Onde
tudo é incompreensão.*

Este romance não defende nenhuma tese. Expõe uma situação e procura marcar tipos expressivos de uma sociedade angustiada.

Pertence à série de crônicas da vida brasileira contemporânea, que começaram com o "O Estrangeiro", que se desdobram diante do panorama mais complexo do "O Esperado", e que continuarão, possivelmente, no terceiro marco da nossa marcha, que será "O Cavaleiro de Itararé".

Agora, que o romance foi escrito, sem nenhuma intenção alegórica, sem preocupação de provar; agora, que os personagens chegaram até à última página, levados pelas conseqüências de um determinismo decorrente da própria gravitação episódica, — o Autor compreende que a paisagem dos seres humanos, que aqui se agitam, exprime, na sua complexidade, um conjunto de símbolos indicativos de diferentes fenômenos sociais que se inter cruzam na Metrópole Brasileira.

Correm, como rios, para um mesmo oceano a família do opulento político Avelino Prazeres; a de Rodrigo Jorge, com o sentimento da tradição histórica; a do Dr. Antoninho, o alto funcionário; a de Camurça, o pequeno burocrata passivo, esma-

gado pelas condições sociais em que vive; a de Solidônio, operário, soturno poeta da dinamite.

Pluto é bem o "irremediável humano", cuja felicidade não poderá provir de nenhuma reforma social. Compreende-o Evangelino Tupã, cuja música parte da Terra em direção ao Infinito. Não lhe darão remédio, nem Marcos, que é toda força e beleza pagã, nem Mano e Manfredo, que traçam, friamente, o teorema das soluções políticas.

A dor de Pluto é síntese de todas as dores. A sua corcunda é menos uma desgraça pessoal do que uma fatalidade humana. Com a qual todos nós teremos de nos encontrar, irrevogavelmente, um dia, a despeito de todos os regimes.

Edmundo Milhomens compreende tudo. Sensibilidade mediúnica em ligação com os pesares e desesperos que o rodeiam. Ele mesmo traz consigo o choque permanente das ancestralidades incompatíveis. Seus avós brigam nos recessos do seu sangue. Seus instintos sensuais lutam com as forças puras do seu espírito. Diante da expulsão de João Tinoco; diante de Graciosa, a filha infeliz do Camurça; ou comprimido entre a realidade brutal da vida e a verdade suave da família, Edmundo Milhomens é um instável.

Ao seu lado, passam Laurentino Canoa, político profissional; Gavião Teixeira, jornalista cavador; o Dr. Becca, oposicionista aspirando o poder; a fauna de todos os submetidos, de todos os adaptados. É o regime do conservadorismo ateu, que produz Infantini, o grande industrial de claras visões práticas; Corrégio, o pequeno industrial, sufocado, comprimido, arrastado à falência; Jaguar-etê, arrombador e assassino; Conrado, o cabo eleitoral; o banqueiro Lentier, que nunca vira as estrelas; Gomes de Barros, fazendeiro que pretende explorar o governo; Elvirinha; Ondina; Gabi; o senador Vilalta; Antônio Lopes, empregado infiel; Arruda, zangão e barateiro; "seu" Carvalho, ladrão de moça; o delegado Dr. Nolasco; Madame Bermudez e D. Adelaide, caftinas; e Naná, e Cozette.

Mister Sampson age por eletrólise. Tudo vem dele, em razão dele. Que não tem um instante dramático no livro. Que é quase invisível, como o Esperado. No entanto, avulta, como uma "referência irremovível". . .

Os próprios sofrimentos de D. Etelvina, de Nina, de D. Antoninha, de D. Vidoca, de D. Zita, de D. Xuxula, de Graciosa, da velhinha D. Idalina, figuras de mulher da alta e da sub-sociedade, da mesma maneira que a mágoa desamparada da farândula nômade da gente de João Tinoco, de onde vêem, senão remotamente de Mister Sampson?

E mesmo essa Miss Katy, que tem uma alma, que decide, afinal, da sorte de tantos personagens, pelo toque de graça do senador Avelino Prazeres, não é o resultado da força que Mister Sampson representa?

Camurça encontrou Solidônio, no momento da sua derrocada, da mesma maneira que o senador Avelino Prazeres encontra o Padre Azambuja no instante do seu desconforto . . . E Edmundo, o amor de Nina, que o sustém; e Rodrigo Jorge, as promessas de Canoa; e Graciosa, o filho do salsicheiro.

Agora, que o livro está terminado, o Autor não sabe explicar bem o "porquê" desses encontros. É a perplexidade diante do panorama que se rasgou, do rumo que os personagens tomaram, por si mesmos, caminhando pelos seus pés . . .

Pois o próprio Pluto, se não tivesse ido à casa de tolerância de D. Adelaide, teria conhecido Evangelino Tupã, através de Mano e Infantini, como aconteceu? E Tupã foi a espiritualidade que entrou na sua vida materialista.

É forçoso que tudo seja assim . . .

Como forçoso foi existir uma espelunca de jogo, onde um designio providencial reuniu alguns amigos, para que, em meio do tumulto orquestral das angústias da Metrópole se erigisse o Clube Talvez, como um grande espelho, num décimo oitavo andar, voltado para baixo, para o torvelinho de uma época de confusão espiritual e vago messianismo . . .

"O Esperado" é inquérito e depoimento. É tentativa de fixação de verdades psicológicas, de realidades sociais, de feições de inteligências e rumos de idéias. Iniciado em 1927, veio a ser terminado na hora exata em que deveria aparecer: 1930.

Esta data terá, certamente, uma significação profunda na história da nossa Pátria.

Tal pressentimento transfigura as páginas finais do livro.

Que perdem o sentido de "romance", para ganhar o tom apaixonado de um poema.

São Paulo, 1º de janeiro de 1931.

PLÍNIO SALGADO

No pórtico deste romance, quero, apenas, referir-me a dois juízos que dele se formaram, um no tocante à construção, outro no que se refere ao pensamento contido nestas páginas.

Alguns críticos acharam que os personagens aqui são tão numerosos, que todos desaparecem, nenhum se destacando. É que eles não leram o capítulo chamado "Teoria dos planos", onde está a explicação nestas palavras: "... pusera todo o seu empenho em imaginar o romance das mágoas sinfônicas, em que não se destacasse nenhuma figura isolada da tragédia espiritual que ele mesmo vivia, junto de seus companheiros. ..." É ainda estas: "... a fisionomia do seu tempo devia decorrer da contribuição de todos os fatores, por mais pequenos que fossem. ..."; "da anulação, pelo atrito constante, de todos os personagens, surgiria a afirmação de um personagem maior." Naquele capítulo está toda a técnica deste romance.

Outros entenderam que o livro exprime um pensamento messiânico. Ora, este livro é um inquérito, é uma exposição numerosa de estados de espírito nacionais. Em toda a minha obra política, não tenho feito outra coisa senão combater o fatalismo messiânico, o sebastianismo do povo brasileiro. Este romance chama-se exatamente "O Esperado", porque fixa, de um modo predominante, sobre as realidades sociais do Brasil, essa enfermidade nacional.

Quando os messiânicos, os agitados, os delirantes, julgam ver "O Esperado", o Messias, o Cavaleiro Desejado, o Príncipe Encantado, o Salvador, eis que caem as "trevas mais espessas, na confusão, no desejo vibrante, sobre todos os gestos, sobre todos os gritos". E o romance termina com a marcha de uma população em disponibilidade que, à espera de um vago Messias, sem um pensamento que a ilumine, caminha, num rumor de passos, sem saber para onde.

Rio, 1.º de setembro de 1936.

PLÍNIO SALGADO

(in "O Esperado", 2ª ed.)

II

Prefácio à 3.^a edição de O ESTRANGEIRO à 2.^a de O ESPERADO e à 2.^a de O CAVALEIRO DE ITARARÉ

Na vida literária de um povo (como em todas as suas manifestações espirituais) não se podem contar as gerações senão em períodos, cuja extensão é variável, conforme as fisionomias do tempo em trânsito.

Assim o Século passado produziu no Brasil três gerações literárias: a do primeiro romantismo; a do segundo; e a que nos ofereceu, contemporaneamente, o parnasianismo e o simbolismo em poesia, e o realismo em prosa.

Quanto tempo durou cada uma dessas gerações?

É impossível fixar-se o limite de cada uma, pois elas se interpenetram. Há os que nascem pertencendo à geração anterior; outros há que, a exemplo de Machado de Assis, integram-se em sucessivas gerações. Sabemos, pois, apenas, que, depois da grande guerra (1914-1918), apareceu uma nova geração literária no Brasil. Quando terminará o seu ciclo? É impossível responder-se, a menos que queiramos subordinar problema tão complexo a um critério de cursos seriados ou quadros convencionais de formatura, o que seria ridículo.

Em arte ninguém se forma; o artista está permanentemente se formando; sempre que termina, começa, porque é um médium das intenções do seu Tempo. É claro que me refiro aos artistas capazes de viver, isto é, aos que não param.

Esta geração atual que ainda não tem 15 anos (porque o seu aparecimento pode ser assinalado pela Semana de Arte Mo-

derna em S. Paulo em 1922), está longe de atingir o seu zênite. Todos os livros, portanto, que surgiram desde aqueles acontecimentos, até agora, e que ainda irão surgindo, pertencem ao espólio que será transmitido a um Futuro, cuja distância não podemos avaliar.

Ignoramos, portanto, quais os livros que deverão ser considerados os mais expressivos, os que viverão, como agora vivem tantos outros, escritos em séculos passados.

Nós, escritores de hoje, é que não nos podemos julgar, em definitivo, uns aos outros, a menos que a vaidade nos haja tornado completamente tolos. Pois não temos ainda perspectiva histórica para a compreensão exata de uma época e para a aferição do valor interpretativo das obras de arte, que procuram exprimir essa época.

Não vai, nestas considerações, uma negação às possibilidades da crítica literária vigente. Certo que esta possui valor incontestável, porém, meramente subsidiário, porquanto sofre as mesmas influências que determinam os “estados de alma” (poderíamos dizer: — “os estados estéticos”) nos artistas criadores. A crítica, pois, dos coevos, tem um valor relativo. E, num país (como o nosso), em que a maioria dos críticos são os próprios romancistas e poetas, a crítica se torna mais relativa, porque não pode fugir ao imperativo dos grupos “afins”.

Se subordinarmos, por outro lado, a crítica a um temperamento, a uma condição cultural, social, política ou regional, então verificamos a sua completa inaplicabilidade como “medida”. E podemos ir mais longe. Cada geração traz um “tonus”, um caráter, um sentido, que se revela no “processus” interpretativo do tempo em transcurso: a obra de arte será, pois, considerada — agora e sempre — segundo ângulos visuais mutabilíssimos.

Há, porém, em todas as produções, certos valores humanos imutáveis. Sentidos, em maior ou menor grau, identificam, sob um critério único, as obras aparentemente mais contrastantes. É o caso do teatro grego, no qual foram inimigos implacáveis És-

quilo, Sófocles e Eurípedes. Diversidade de expressões para o enunciado de idênticos valores humanos.

Há livros que adormecem e despertam. Há livros que estão sempre acordados. Há outros, cuja atualidade cresce cada vez mais.

Não serei eu o mais insuspeito para julgar estas "Crônicas da Vida Brasileira". Sua publicação foi iniciada em 1926, há dez anos, precisamente, com o "O Estrangeiro" ⁽¹⁾. Em 1931, saiu o "O Esperado" ⁽²⁾ e em 1933 "O Cavaleiro de Itararé" ⁽³⁾.

Esses livros, a meu ver, só agora se tornaram verdadeiramente atuais. É certo que o "O Estrangeiro", na ocasião do seu aparecimento, obteve um instantâneo sucesso de crítica. Os artigos que sobre ele publicaram os srs. Agripino Grieco, Tristão de Ataíde, Monteiro Lobato, Nestor Victor, Menotti del Picchia, Motta Filho, Augusto Frederico Schmidt, João Ribeiro, Cassiano Ricardo, José Américo de Almeida, Sud Menucci, Fernando Callage, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, e, principalmente, Jackson de Figueiredo, evidenciaram-me que o romance foi compreendido pelas elites intelectuais do país. O sr. Oliveira Viana escrevia-me, nessa ocasião, uma carta, aconselhando-me a dedicar-me aos estudos sociais brasileiros; Jackson adivinhava qualquer coisa que viria em consequência do "O Estrangeiro"; Lobato falava numa força nova com que futuramente o Brasil teria que contar; Tristão percebia o drama espiritual que palpitava no romance; Agripino referia-se a essas crônicas, como o maior livro do ano: e tudo isso me fazia sentir que aqueles que possuíam as antenas mediante as quais podiam profetizar o futuro, tinham percebido as intenções que esse livro encerrava.

Apesar de tudo, eu sabia que o livro ainda não era atual, pois não tinha ainda chegado o seu tempo.

"O Estrangeiro" foi a primeira fixação, em romance, do espírito moderno do estilo e da forma, posterior à revolução literária de 1922. Como construção, foi uma iniciativa, que

ficou circunscrita à série de que este livro é o marco primordial.

Todos os romances brasileiros posteriores (exceção feita, até certo ponto, à "Bagaceira" e às mais recentes e corajosas tentativas do Sr. José Américo de Almeida) preferiram retomar o ritmo antigo, fato que se deu também, na Europa, onde as experiências modernistas não passaram jamais de esquemas fragmentários, não atingindo construções mais amplas.

O modernismo na Europa foi um modernismo de rascunhos, de pequenas "maquettes", de "estudos", a lápis; não se animou além dos ensaios de Cocteau, de Cendrars, ou das "esquisses" de Max Jacob. Basta comparar os romances dos dois primeiros com os seus poemas; são dois processos diferentes. A prosa continuou a ser quase a mesma coisa em todos os países do Velho Mundo: não se encontra um ritmo novo, não somente em Julien Green, Bernanos, Mauriac, Benda, Morand, Maurois, Duhamel, Kessel, Carco, mas nem mesmo nos romances de Cocteau e Cendrars. Todos os estilos ditos modernos convivem perfeitamente com os de Valéry, de Jaboux, de Bernoit ou com os romances de aventuras de Constantin Weyer. Não foi possível criar nada de novo como forma para o século do rádio. E eu estou olhando só a França, para não alongar estas páginas; o resto da Europa é a mesma coisa. Ainda há tempo para se ler Proust, para discuti-lo. A literatura não tomou conhecimento da velocidade e da tremenda luta social. Ela está repleta de estudos psicológicos exaustivamente analíticos, de narrativas realistas terrivelmente repetidas, desde Zola e Flaubert.

A cadência dos estilos ainda é a dos troles, das minuciosidades ociosas do século XIX.

Aos romances europeus chamados "modernos" (e que são incontestavelmente interessantes como registro de aspectos isolados de uma época) falta "velocidade", "simultaneidade", "complexidade", "dinamismo" e "síntese". Eles nos apresentam paisagens humanas com a nota monocórdica de um ambiente focalizado mediante abstração de todos os demais ambientes. Trazem ainda o tom dostoyewskiânico da uniformidade dos "motivos" e desenrolam-se mantendo um único esquema rítmico. São visões, quando muito, apanhadas num

trajeto de automóvel, porém jamais numa volada de avião. É ainda o século XIX, analítico e circunscrito a ambientes isolados numa época de interpenetração dos dramas quotidianos e de simultaneidade de acontecimentos. Romances de singularidades, para uma vida objetiva de pluralidades estonteantes.

Huxley, por exemplo, que tem a visão do caleidoscópio da sociedade inglesa, não possui a noção da complexidade do estilo. É cansativo.

O romance atual, capaz de apreender o sentido cinemático e o tumulto da vida moderna, ainda não foi criado. No Brasil, esta série perdura como uma tentativa. É um convite que ficou sem resposta.

Daí a oportunidade da coleção que vai sair agora reeditada. É a insistência de um convite para a criação do romance moderno, como estilo, como forma, como arquitetura, como sentido de uma época.

Claro está que focalizo apenas, aqui, a questão da forma e da construção. Porque eu não posso dizer que os trabalhos dos meus contemporâneos não tenham atualidade, *como assunto*. Pelo contrário: é justamente o clima dos assuntos dos romances mais recentes que determina uma imperativa atualização de "O Estrangeiro", de "O Esperado" e de "O Cavaleiro de Itararé", que tiveram, na ocasião do seu aparecimento, sucessos literários, e que só agora, devem atingir as massas populares.

Desde a revolução política de 1930, criou-se um estado de espírito novo no Brasil. Daí o súbito aparecimento de numerosos "romances sociais". Pode-se dizer que não há hoje outro gênero de literatura de ficção neste país.

Aquilo que era visto, pelos "estetas puros", como um grave pecado nos meus romances, tornou-se, de repente, uma virtude. E, como em nenhum destes meus três romances (quando se analisa profundamente) existe qualquer defesa de tese política, ao passo que, em muitas novelas recentes, reponentam mal dissimulados e às vezes ostensivos pontos de vista partidários, os três livros que formam esta série de "Crônicas da Vida Brasileira" tornaram-se os mais rigorosamente isentos do conceito de arte de Tolstoi.

Sem se apresentarem de um modo exclusivo como "arte

pela arte", acima do bem e do mal, como a queria Wilde, estes três romances procuram relatar os numerosos e contraditórios aspectos e episódios da vida brasileira. São flagrantes, constituindo um vasto inquérito. Como tal, hoje, mais do que nunca, a sua oportunidade é impositiva.

Relendo o "O Estrangeiro", dez anos depois de sua primeira e segunda edições, vejo as causas imediatas das nossas desgraças morais. Compreendo melhor os dias que estamos vivendo. Nossos dramas sociais, nossas comédias políticas. A disponibilidade dos intelectuais apodrecendo. O ímpeto nacionalista e a subterrânea ação corrosiva do comunismo. Em "O Esperado", surpreendo a inquietação dos que pensam e sofrem nas metrópoles tentaculares. Esboça-se aí a chave decifradora das angústias econômicas na atuação do capitalismo internacional, enquanto se enunciam os índices do materialismo e do espiritualismo nacionais. Finalmente, "O Cavaleiro de Itararé" é uma expressão sarcástica de dor e de ironia; é o fantasma das revoluções sangrentas; é o espetáculo dos tífes que se movem por cordas invisíveis.

Estes três livros encontraram agora os seus leitores nos moços de vinte anos. Percebo que eles os compreendem melhor do que os mais velhos. Compreendem-nos como arte e como documento humano. Como ritmo e como "sentido". Forma nervosa e fundo angustiado. Construção complexa, exprimindo "complexus" nacionais. Multiplicidade de prismas, traduzindo o limbo ignorado de uma alma de Povo, palpitante, nos mais numerosos e contrastantes ambientes sociais.

Os que lerem e compreenderem estes livros, estes romances, onde não há nem doutrina, nem polêmica, nem política, nem luta, mas, apenas, exposição, terão lido e compreendido a minha própria fisionomia e adivinharão minhas diretrizes nesta hora nacional.

Ninguém poderá dizer que me conhece, antes de ter lido estes três romances e de ter meditado sobre suas páginas, longamente.

Eu bem sei que o meu maior romance é aquele mesmo que eu tenho vivido, atravessando um dos mais curiosos momentos da história do meu Povo. Para penetrar, porém, no segredo deste poema da minha vida feito de realidades extraordinárias como ficções, é preciso penetrar no sentido destes três poemas, feitos de ficções extraordinárias como realidades.

Está passando uma geração no Brasil.

Alguém há que não dê por isso?

E esta geração passa, como passou aquela que marcou o início da nossa vida independente; ou a outra, que transitou pelos meados do século; ou, finalmente, a que, nos fins do século, manifestou o ceticismo pela emoção pura, com os parnasianos; o ceticismo pela imagem objetiva, com os simbolistas; e o ceticismo pela própria vida, com os realistas.

Também a nossa está passando e vai atingindo agora o seu máximo esplendor. Como idéia, veio em 1922; como realização, começou exatamente com o "O Estrangeiro", em 1926.

Temos, ainda, talvez, uns vinte anos ou trinta pela frente. Até que venha outra. . . Outra, que nascerá, quando o Tempo mudar de fisionomia. . .

Quando houver um novo ritmo e um espírito diverso da Vida. . .

Nesse instante, é preciso que nós, escritores do Brasil, penetremos a misteriosa intenção da Hora Viva, da Hora em cujo espírito nos integraremos, caso não queiramos passar antes do tempo, como muitos que, julgando estar nascendo, estão, apenas, morrendo. . .

Estas palavras, eu as dirijo aos que estão vivos e aos que nascem vivos.

Porque estes são os únicos capazes de me entender.

Rio, 1^o de setembro de 1936.

- (1) Já em 8^a edição, José Olympio, R.J., 1972.
- (2) A presente edição é a 5^a
- (3) Em 5^a edição, Ed. Voz do Oeste, S.P., 1979 (Notas da Ed. Voz do Oeste).

1.ª PARTE

QUE ANGÚSTIA É ESSA?

Há um rumor de angústias e de gemidos, crescendo
em torno dos arranha-céus...

I

SINFONIA DO CIMENTO ARMADO

Sorriso curvo de céu azul. Convergência matinal de alegrias solares no beijo da larga praça troteada de vermelho, amarelo, violeta, cinza, verde, lilás, das silhuetas femininas assanhadas no domingo torvelinho.

Como despertara essa manhã estufado pelas grandes satisfações tonificadoras, compreendendo, absurdamente, as palavras epitalâmicas de Marcos:

— “O poema da alegria não foi ainda cantado na Terra! A Humanidade desceu dos flancos do Pavor e chamou-se Tragédia porque trouxe um facho de treva nas mãos, para focalizar as Cousas Luminosas! ”

Os bondes de Santo Amaro zumbiam ingênuos, levando piqueniques. Um “ponte-grande” desceu com treinos matutinos de rapazes de músculos. Funcionários públicos, empregados do comércio, esperavam, nas esquinas, o caminho da casa — embrulhos de frutas e doces, caras risonhas de aperitivos.

Autos, engraxates, jornaleiros, revistas de cinema em tricotomia.

Multidão indo e vindo, no dia azul, na rua Quinze embandeirada em festa. Um soldado que vai, um padre que vem. Dois sírios conversam na esquina: concordatas, falências e acordos forçados. Bigodes e relógios de portugueses, rostos massa-de-tomate de italianos. No trote buzinado de um ford, um “chauffeur” japonês sacode um alemão. Negrinhas de meias de seda, nos braços *palm-beach* de zumbis endomingados desfilando no *cake-walk* cosmopolita das estilizações “yankees” do Zanzíbar.

A dança serpentina das multidões misturadas. Os prédios misturados. Florentinos, renascenças, coloniais, colunas gregas, na fabulosa ciranda, mãos dadas a musculatura *broadway* dos bárbaros *dempseys* de cimento armado. Este, vinte andares, aquele trinta. Estilos. A ginástica sobe-desce das multidões prediais na perspectiva acotovelada do dia de luz.

Caminhou pela praça, no meio dos autos.

A-12.726, P-29.902. Táxi. Luxo. Particular. Vestido rosa *plissé*, chapéu claro, os olhos, as pernas. A Catedral erguendo-se devagarinho da terra . . .

Os braços de um vestido vermelho. Os olhos-de-boi de um *tailleur*. E as ancas daquele manequim do *atelier* de Madame Coline, escorrendo babados. Bandos de crianças para os instantâneos da Aclimação. Torpedos e limusines. A cidade complexa.

Andorinhas pelos fios. Cartazes. O sol. E as pedras. E os pés. E toda a cidade panorâmica abriu-se aos olhos de Edmundo. E toda a Humanidade se desenrolou, como uma fita, no sol.

Edmundo sentia-se, de novo, transportado nos seus teimosos êxtases desintegralizadores.

— Como a cidade é bela! E como os sinos cantam! É a mesma inquietude da Idade Média, quando os homens repetiram nas aspas das torres a aflição de Babel. Eis-nos, de novo, a perguntar. E a esperar.

E a longa conversa na noite de estrelas do sábado de ébrios e saxofones deixara as palavras de Marcos guardadas para a eclosão da manhã formosa dos aleguás.

Um bonde com banda de música veio vindo da Rua Direita inundando os ouvidos de *taratins*. Corridas pueris. Pés ensaiando passos alegres.

O dobrado corriqueiro era o hino inocente do sol. Mas, havia um hino, ainda mais infantil, como que feito de todas as puerilidades trágicas do imenso alvorecer. Como compreendia a Terra Brasileira dos “Cantares” sadios e luminosos de Marcos:

— Escuta a marcha nupcial, Edmundo. Nunca o amor foi

tão grande! Do conúbio amoroso, sairá o Primogênito, o Esposo da Terra. A Sulamita ergueu-se dos oceanos para esposar o filho de todas as dores. Enfeitou-se de plumas de araras, como seu pai, o Sol. E é macia como a penugem das rolas; e a sua voz é o sabiá meigo das toadas compridas, que amortecem no mormaço; e o seu corpo é verde, porque saiu agora mesmo do mar; e é quente, porque herdou a ternura dos astros de fogo. Por isso, há uma alegria esponsalícia, tumultuando nas cidades, palpitando nos campos. A noiva está esperando o seu noivo.

— Que talvez não venha — dissera Edmundo meio triste.

— Que virá, que já veio talvez . . . Primeira geração que criar em si as forças dominadoras.

Nisto, um ônibus berrou, e Edmundo deu um pulo.

— Estúpido. Caí agora mesmo de uma estrela.

O *autobus* passou roncando. Tinha de apanhar um bonde.

Havia se levantado cedo, para falar ao senador Avelino Prazeres, a grande influência política. E a dor obscura golpeou-lhe o coração, com um frio gélido. Estava bacharel, sem emprego. A mãe, as irmãs contando com ele. Terminara o seu curso, extranumerário do Correio Geral. Agora tinha de tratar da vida.

— Este vai longe — disse um dia o Dr. Profício, professor ensinado de preparatórios.

Ao que D. Vidoca, de voz doce e cabelos castanhos confidenciou: — Ele aprendeu a ler aos cinco anos; aos três, já eram dois olhinhos de embasbacar.

E a lenda correu, na vizinhança, na escola, “que ele ia longe”.

Meninos cabeçudos empavonavam riquezas, com pastas e jogos de preço; mais tarde, mocinhos de discursos literários sorriam superioridades aos olhos de dor e de sonho.

E chegou na vida com a responsabilidade dos que devem ir muito longe . . .

No entanto, todos os seus colegas iam indo. Uns, casaram-se ricos; outros cavaram colocações; brilhavam alguns. E ele ali estava, na manhã luminosa, caindo de uma estrela, ao grito de um ônibus.

O senador Avelino! Toda a angústia dos rebelados amargava, mordida o coração de Edmundo Milhomens.

Apanhou um camarão; e o seu pensamento foi correndo, como uma trena, pela cidade.

Largo de S. Bento. Cartazes de carne litografados na tinta aguda dos vestidos sincopados e olhares como letreiros chamarrizados. Sedas colantes como explicações de pormenores, insultos e magnetismos.

Arrumou o chapéu, apertou o nó da gravata.

O senador Avelino — que ele conhecia pelos retratos dos jornais — era pálido e magro, alto e chupado, com bigodes pontudos e pera cônica de demo.

A mãezinha esperava tanto dessa visita! Levava uma carta de Rodrigo Jorge.

— Olhe, o Carlito, que era menos inteligente . . .

— Já sei, já sei . . .

— É que Dona Candoca me olha com um pouco caso . . .

— Deixe estar, não de ver . . .

Um abraço morno e gostoso de mãe, com cheiro de mãe.

O camarão desfechou-se pelo Viaduto, estacou na colina do Chá. Duas pernas subiram, umas espáduas na sua frente, na fulguração aromática da elipse rosa do vestido pecaminoso com trapézios eróticos da combinação revelada e sobras de axilas.

O bonde tinha entrado na Avenida lambida de luz e esmagada de pneus. Saltou. E considerou, um instante, a Cidade que se abria a seus pés. Lá, no fundo, as fábricas enormes, os bairros operários na fumaça tênue; e a torre da Luz, hirta, mostrando os ponteiros implacáveis dos ritmos urbanos; e os viadutos burburinhantes; e as igrejas de pedra mística; e nuvens confusas de veículos, de massas humanas confusas, em movimento; e os arranha-céus agressivos como perguntas.

As últimas ondas do oceano vinham bater no sopé do espigão os telhados vermelhos dos *bangalôs* como uma espuma de sangue.

O céu sem nuvens roncou roncoss de luz nas asas de um aeroplano. Uma buzina buzinou: — *va-ssô-rê-ro* . . .

Levou a mão ao peito: o coração batia. Devia ser assim, também, o ritmo daquela grande inquietude. Barulho ignorado de vagas ignoradas; choques, remoinhos, torrentes misteriosas movendo as massas, turbilhões . . .

Evangelino Tupã dissera-lhe:

— Estamos na Grande Véspera.

E, na verdade, esperava-se. O estado de espírito era, no arranha-céu, o mesmo da era remota das pirâmides, das babéis, ou, mais tarde, das flechas de pedra inquiridoras . . .

Abateram-no realidades duras recordadas. Acordaram no seu espírito as ressonâncias em coro das angústias, o pranto dos humilhados e a glória amarga dos vencedores.

Pelas bocas de pedra, responderam, no panorama vasto, as vozes de bronze dos carrilhões.

Aleluia! Aleluia!

E um largo anseio abriu a rosa murcha para o esplendor da manhã. Palavras estúpidas, divinas — glória! glória! Para todos os espíritos sedentos, para todos os corações inquietos, para a dor exaltada e o amor incompreendido! Ódios surdos, revoltas, esperanças, marchas em todos os sentidos, batalhas e fracassos, de que a alma sai mais viva e a coragem mais firme. Sobre as multidões inconscientes, glória aos homens que pensam! Alegria matinal! Os que sofrem a dor fecunda do imaginar têm também os seus momentos. Instantes da criação! Domingos de alma, para as longas semanas dos angustiados!

— Balalam — blom!

— Blem — belelém — blom! blom!

E o senador Avelino — bililim-blim! —; e as conversas noturnas — dom! dom! —; e a vida em caminho, realidades, misérias, ridículos, alegrias, prantos, gargalhadas — epopéia!

Carrilhões azuis! E as fábricas que mugem, — tornos zumbindo, limas-cigarras cantando nos ossos do aço, fornalhas, teares troantes; e, longe, os tratores arranhando, em todos os sentidos, a terra; arados mordendo o peito do sertão; cantigas, matrimônios, germinações fervendo, vozear irrevelado de vozes . . .

— Blem-Blom! Blom-Blom!

Multidões serpentinas, remoinhos. Encruzilhadas. Inquietude. Tragédia. Sucuris enrolando-se no combate para a repetição dos dramas milenários dos conúbios violentos.

— Blem-blom!

Choques, itinerários, onda ádvena, erupções nativas, desvios, silvos, zumbidos, avanços, retornos, esmagamentos, migrações, refluxos . . . Blem-blom! Blom! E a vida caminhando, sofrendo, doendo . . .

Então, num fraque, gordo e pançudo, um sujeito parou, riscou um fósforo, acendeu um cigarro.

Os carrilhões calaram.

A Cidade descansou no sol alto.

II

A MOEDA DE JOHN GREENALL

As casas de madeira trepavam na manhã clara pondo nos morros escavados uma côr gostosa de chocolate.

Na praia branca, *bungalôs* abanavam-se com palmeiras. O "Alcântara" mugiu sacudindo as últimas névoas; e o mar verde ficou olhando a serra azul.

A Bertioga apertou-se encrespada e Mister Sampson ouviu os primeiros guindastes rangendo os dentes da cidade achatada que vinha pôr a boca, de bruços no mar.

As docas desenrolaram-se como um beijo de beijar as aves forasteiras dos oceanos.

Vichys concertavam no bar ventilado a noite sinapizada de Jonhs Walker. O *commis* louro de Flandres batia devagar no balcão luzente, uma moeda luzente. Então, Mister Sampson transportou-se, sem sentir, para as margens do Irwell, vinte e dois anos atrás. E viu o gesto de John Greenall, batendo distraído, como aquele *garção*, o olho de gato de uma libra no cristal espesso do *bureau*.

A manhã sensível estremecia arrepiada pelo zumbido surdo do transatlântico. As antenas negras do Monte Serrat abriam os braços ao sol com o orgulho imponente de pescadores de segredos dos longes mares que irradiavam na noite de estrelas.

Mister Sampson via, absolutamente, a cara de John Greenall.

— *I do not understand you . . .*

Não era preciso. Gilbert Sampson compreenderia fácil, levando aquela moeda, fazendo-a tilintar diariamente, ou muitas

vezes durante o dia, até penetrar-lhe o tim-tim misterioso. Aprender-lhe-ia certa nuança de *tim-tim*, que era a palavra cabalística, que fazia ranger as portas de bronze e, mais do que isso, o sorriso complacente dos homens. Levasse a moeda.

(Afinal, é justo cada homem tenha a sua anedota. Ninguém entra na vida sem uma anedota . . .)

O vapor estacou na água encrespada para a visita médica. Cargueiros, de nomes indígenas, mordidos de ferrugem. A Bertioga era estreita como o Bridgewater que rolava nos remotos vinte anos com o cheiro de poesia lírica das hulhas enjoativas de Worsley.

Cheiro de poesia lírica?

E o olhar inocente de Fanny Robinson explicou os velhos encantos das cousas prosaicas.

Era, então, um simples empregado, com alguns "shillings" no bolso e um amor estreante. Poucas esperanças no futuro. Mas, a casa roxa, de tijolinhos, de gradil de madeira desbotada, casa do velho pastor presbiteriano de filha única, a mais pura e esposável . . .

Manchester teria sido a moldura bulhenta de teares e maçoqueiras, localizando o idílio suave de Salford. (Uma canoa passou arrastando os remos, carregada de laranjas). Indiretamente, devia a sua posição à vivenda bucólica da noiva impossível.

Correntes gargalhavam na roda dentada dos guindastes erguendo sacos gordalhudos de arrobas.

Tilintava a moeda. Mas o seu coração dizia que era indigno. Fanny Robinson não conhecia outro amor; a ele se dera virginal,

angélica. Decerto sonhando uma casinha de grades azuis com roseiras, beijos puros e leituras dominicais da Bíblia.

— *Tim-tim! tim!* . . .

E, nos braços lascivos de John Greenall, que passava por perverso, debochado . . .

— *Tim-tam-tum* . . .

A moeda cantava, por fim a canção maravilhosa:

— Não preferes, Gilbert, em vez de simples empregado em Manchester, ir gerente, em Londres?

— *Tim-tam-tum* . . .

— Diabo! Há um jeito especial de bater esta moeda!

E grinaldas nupciais foram pisadas, chutadas; e um olhar muito particular de Fanny, meio ingênuo, meio meigo, meio triste . . .

John Greenall era um dos reis do algodão em Manchester. A última notícia que Gilbert Sampson tivera de Fanny fora a de uma vida arrastada numa viela próxima ao Tâmesa. Mas Mister Sampson,

£ . . . £ . . . £ . . .

. . . triunfara.

Agora, esta grande empresa, de instruções secretas, de The Syndical England & American Hinterland's, o formidável império financeiro do Novo Mundo . . .

A paisagem ficou desapontada diante dos olhos absurdamente ingleses de Mister Sampson, que não deu por ela. Porque estes apontamentos tiveram duas origens: uns, de um pintor flamengo, que vinha a bordo; outros de um certo Charles Scott, de uma sociedade de psicologia de Dublin.

Mister Sampson calculou a profundidade do porto, a capacidade dos armazéns e a produção dos músculos de aço das

docas. Fez perguntas sobre a “S. Paulo Railway”, sobre as safras de café. Indagou da cotação cambiária do dia.

Mister Sampson era um cifrão com valise.

III

O GAMÃO E O CAMURÇA

— Então?

— Nada.

O domingo anoitecia com pianos e pregões vagos e a luz da sala de jantar era meio vermelha. Veio a sopa silenciosa na toalha branca e as caras das colheres olhavam com admirações muito ovais. Edmundo explicou, partindo o pão cansado, que não encontrara o Senador (tinha vergonha da sua fraqueza). Um besouro entrou pela janela, projetou-se na lâmpada, caiu zumbindo. Um automóvel fonfonou no outro quarteirão.

Bateram palmas. D. Vidoca levantou-se.

Graciosa e Gabi, as filhas do Camurça, vinham buscar as meninas para o Odeon. “Que já estavam quase prontas”, disseram Santinha e Alice, pondo os chapéus. O Camurça fora ao gamão em casa do Dr. Antoninho, velho patrão do empoeirado cartório.

O Camurça estava preso por interesses e uma velha amizade cimentada em oportunidades e favores de comércio sentimental.

O Dr. Antoninho tinha um cavanhaque grisalho e três filhas louras: a Odete, a Odila e a Ondina. O cavanhaque insistia camaradagens benévolas diante da careca juramentada do Camurça que um calo de caneta condecorava no polegar familiarizado com minutas. Mas Odete, Odila e Ondina giravam num outro círculo. De sorte que as filhas do Camurça possuíam uma noção muito mais perfeita do que o pai, amimado de agrados,

sobre a diferença entre os juramentos e as vitaliciedades. Realmente, o cartório do Dr. Antoninho tinha custado trezentos contos de réis, ao passo que todo o capital empregado por Camurça tinha sido uma estampilha de 20\$000, após o exame perante o Juiz, com direito a ser despedido quando calhasse ao patrão.

Camurça tomava parte nas pequenas festas de aniversário, em casa do Dr. Antoninho.

Às vezes, D. Antoninha perguntava:

— Como vão os seus, Sr. Camurça?

— Vão bem, muito obrigado..

E o Camurça, entre erutações de sanduíches e cerveja, contava, em casa, a D. Xuxula, a "referência".

Os cafezais de Itatiba viraram uma pilha de "saibam quantos"; mas o Dr. Antoninho cresceu em despesas. A vida foi virando uma gangorra: de um lado, o tabelião — chefe exemplar de família — cortando despesas, substituindo o pôquer do Clube pelo gamão do Camurça; do outro, as necessidades da educação das filhas.

— Que linda, Graciosa!

— Não brinque, Santinha.

— Reparou como a Alice está hoje Greta Garbo?

— Então!

— Gabi, sabe? Ontem dancei com ele no Nosso Clube.

— Puxa, menina!

Risadas com cheiro de mulher.

— A Bugati passou ontem na Escola?

— Na linha.

— Eu briguei hoje com ele no telefone da padaria.

— Ué, gentes, por que?

— Vamos?

Saíram numa algaravia de relâmpagos.

A rua ficou mais triste com os primeiros passos do guarda noturno.

Edmundo passara o dia, primeiro andando a esmo, com Evangelino Tupã e Marcos; depois, rolando com Infantini, no curso da Avenida, atrás do perfil e dos olhos cismadores de Nina, a filha romântica de Avelino Prazeres.

E não falara ao Senador. A carta de Rodrigo Jorge estava amolecendo no bolso.

— Senhor Camurça, isto está podre.

— Sete! — disse o parceiro movendo uma pedra.

O Dr. Antoninho sacudi os dados.

— Imagine se eu me vou vender por vinte contos . . .

— É pouco! — exclamou o Camurça, distraído, a atenção voltada para o jogo, contando os dados.

— Que me diz, senhor Camurça?

— Que lhe prego o gamão.

— A ele é que eu preguei, meu caro, ao Dr. Becca, ao eleito do povo, o puritano da oposição. Não faço grilos. Nunca manipulei procurações falsas. É no duro, senhor Camurça!

O Camurça concordava sorrindo, meio palerma, numa divina indiferença. O olhar pesquisador do Dr. Antoninho fisgou-lhe a alma:

— Que me diz, senhor Camurça? A nossa honra; porque lhe afeta, ipso-fato.

Camurça, com os dados na mão, olhou o parceiro:

— Jogamos ou não jogamos?

Na rua, o escrevente juramentado lembrou-se rapidamente do ocorrido.

— Pinhões! Que tenho eu com o peixe?

E sorriu pensando no cobertor gostoso, porque a noite estava fria.

— Durma eu no quente e o mais que se fomenta!

As filhas já deviam estar de volta do cinema (durma eu no quente) e D. Xuxula, decerto, não iria repreendê-lo por ter che-

gado mais tarde do que as meninas (que se fomenta, que se fomenta); e o licorzinho lá o esperava no bufete dos copos desemparelhados . . .

Uma serenata de negros cantou no quarteirão estrelado. Os bordões faziam grandes meneios e iam dizendo no ar vidrado de luar e de frio:

*quem me dera subir pelo espaço
preso na lua . . .*

Edmundo Milhomens, que não saíra essa noite para a reunião do Clube Talvez, pensava na necessidade imperiosa de ir falar ao senador Avelino. E concluía, tristemente, revendo a carta de Rodrigo Jorge, que se desfazia no seu bolso:

— Não tenho vocação para a vida . . .

IV

A LOCOMOTIVA E O BUGRE

Sobre o mapa estendido na mesa larga, Avelino Prazeres mostrou a Edmundo Milhomens o traçado da Noroeste, onde Bauru era um foco de irradiar a onda explosiva dos motores. Incêndios de civilização rompendo em Lins, em Penápolis, em Araçatuba, paralelizando-se à avançada de Araraquara, no rumo do dedo de água do Tietê, que ficou apontando a lição arcabuzes-e-flexas de Raposo Tavares.

O ângulo das pernas do Homem-Itinerário, cortado pelo espadagão de matar onças, escreveu um grande A.

Os tacões bateram no peito do continente e acordaram os urros da floresta. Um calcanhar pisou no Guairá, como num formigueiro; o outro assentou na Bolívia. O sapatão mergulhou na Água Grande, espantando os jacarés; e foi bater no Pará, junto à algazarra das pororocas.

(O Pequeno Polegar saiu de Quitauína com as botas do Gigante-Sete-Léguas . . .)

— O senhor, como delegado, poderá prestar serviços relevantes e fará carreira. A zona é rica e florescente. Quer ir?

— Vou — respondeu Edmundo.

— Além disso, digo-lhe em particular, tenho por lá uma questão de terras, e o senhor me poderá ser útil, do que não se arrependerá. Temos, também, uma politicazinha agitada, que é preciso liquidar. O que se torna indispensável é energia, sobretudo habilidade.

— Agirei com justiça.

— Justiça?

— Sim, o direito . . .

Avelino Prazeres sorriu sutilmente. E falou, catedrático:

— Nada mais relativo . . . O direito é uma convenção precária de agrupamentos resignados. Pense o senhor como foi desbravada a América. Nós hoje mascaramos com chicanas e rabulices o que nossos avós fizeram, abertamente, a arcabuzes. Porque assim o exigem os nossos princípios republicanos democráticos.

Côm o dedo no mapa, o velho acompanhava o traçado da Noroeste.

— Sabe como foi construída esta estrada?

Uma sotaina negra ergueu-se na memória de Edmundo. O padre Claro!

Quatro índios “Coroados” saltaram do mato verde, na tarde azul. A canoa apavorada rodou com o “língua” manso no marulho do rio cúmplice. O padre ajoelhou de mãos postas.

Os trilhos avançavam com tiros de carabina. A máquina apitava chamando os murubixabas para morrer. Os baques de corpos batiam no chão; e as barracas das turmas comiam quilômetros de concepções silvícolas de direitos . . .

Um esqueleto de batina e cruz no peito, encontrado na margem turva do rio, narrou a história da inútil tentativa cristã. Alvejaram-se, em represália, vinte crianças “coroadas”, cinco tatús e duas pacas.

E os berros da locomotiva cresceram no mato.

— O direito é retrógado — dizia sorrindo o senador, alto e magro — quando não se relaciona, nos sentidos do Espaço e do Tempo, ampliando uns conceitos para restringir outros, segundo os imperativos da marcha civilizadora. A posse . . . Que é a posse? Todo o direito possessório deveria repousar no princípio da capacidade de aproveitamento e nos elementos físicos da resistência . . . A seleção de Darwin, de Lamarck . . .

Edmundo Milhomens adivinhava um mistério qualquer nas palavras de Avelino Prazeres. E perguntou, tímido, onde fica-

vam os princípios republicanos, de que falara o senador. Ao que Avelino respondeu:

— Tudo se pode enquadrar dentro dos bons princípios democráticos.

Era a psicologia do velho chefe. O “espírito do regime”, expressão freqüentemente usada por ele, constituía uma espécie de jardim de aclimação, onde todos os bichos da fauna ideológica poderiam submeter-se a uma mesma condição ambiente.

Edmundo temia aceitar aquele cargo, que, talvez, o fizesse comparsa de um grande drama ignorado.

A oceânica dor humana ressoou no seu coração como num caramujo. Angústias de velhas espoliações; braços erguidos para o céu: — “Senhor! Senhor! ”

Escravizações dolorosas de consciências. E o pão amargo dos que precisam concordar . . .

Os triunfos dos eunucos. As acomodações mordidas por dentro . . .

O senador Avelino continuava a falar. Dois olhos de um corcunda fixaram-se inteligentes nos olhos distraídos de Edmundo.

— É meu filho — disse o senador. — Aproxime-se, Pluto.

Pluto sorriu cumprimentando. Um metro e vinte de altura e uma trouxa de dromedário nos ombros, que vergavam o tronco sobre as pernas tortas.

— Tenho dois,— explicou Avelino — Este, Plutarco, e uma menina, Nina.

Os olhos meigos de Nina acordaram-lhe uma vontade de viver. O curso de domingo passou-lhe pela memória, uma parada deslumbrante de marcas de autos e estampas coloridas de mulheres. E Nina fulgurava em azul *natier*, com o número da Lincoln, P-33.784.

Avelino Prazeres gostava dos nomes históricos, de varões ilustres, e dessas damas de virtudes excelsas que a posteridade encarava sempre como verdadeiras varoas. Era um dos traços do

seu republicanismo católico-positivista, meio livre-pensador, que admirava Brutus, Voltaire, Nietzsche e Bossuet. Ao filho único, não podendo dar os nomes de todos os vultos da galeria plutarquiana, aplicou, como uma síntese, o apelido do próprio escritor. A filha, pretendeu batizá-la Cornélia, mas na ocasião, a cozinheira da casa, a boa preta dos vatapás, tinha o nome da mãe dos Gracos, o que pôs logo a hipótese à margem. O senador desanimou nas pesquisas históricas, porque notava que quase todas as mulheres famosas haviam conquistado a celebridade pelo esplendor dos vícios ilustres, opostos, exatamente, às virtudes republicanas. Desiludido diante de Helena, Cleópatra, Messalina, Frinéia, Laís, Lucrécia, deu liberdade a D. Etelvina, para que escolhesse. A mãe feliz vinha de ler a "Cabana do Pai Tomás" e optou por Evangelina. O *l* transformou-se em *n* e a abreviatura fez do nome místico o gracioso apelido espanhol evocador de mantilhas e castanholas. Mas a alma de Nina conservou-se bem lírica. Com seus cabelos negros de Iracema, o corpo esgaldado, a cintura lasciva, os braços voluptuosamente brasileiros, ela trazia, entretanto, nos olhos grandes e pretos, uma luz ideal de sublimação de instintos, transfigurados em lírica espiritualidade, desejos indefinidos e sonhos impossíveis.

Foram esses olhos que perturbaram Edmundo Milhomens na festa literária em que ele fizera uma conferência sob o título "Beethoven não foi amado". Edmundo pusera no discurso, dissimuladamente, e até sem perceber, a sua própria angústia pessoal. "Toda obra de crítica", já o dissera Marcos, "é uma autovissecção".

Edmundo falara com ardor: "A mulher não tem forças para acompanhar o homem além dos limites normais traçados à espécie. E o Gênio é o herói infeliz, que leva para a esfera dos arcanjos, onde deve conviver, os desejos e os instintos humanos, que os arcanjos, seus irmãos, não conhecem. Do alto, fica, pois, a acenar à sua companheira, mas ela não o compreende e não pode amá-lo. Sente por ele a revolta da própria inferioridade. E eis por que são infelizes no amor todos os gênios e todos os heróis".

Milhomens, a partir das palmas estrondosas que recebera, começou a achar o discurso pifamente literário. Ridículo. "Os discursos são perigosos", dizia ele, "porque nos iludem até o momento de serem consumados. Quando um homem vai arengar, há uma invisível mão que o conduz (o encantamento da descarga subconsciente). Essa mão, logo em seguida, o desampa-

ra. E o mais curioso é que os discursos arrancam aplausos tanto maiores quanto mais pessoais e ridículos aos olhos do próprio autor . . .

No caso de Beethoven, Edmundo teve mais do que as ruidosas aclamações: conquistou os olhos cismadores de Nina.

— Julga que não encontrará um espírito de mulher que possa acompanhá-lo sempre?

— Até à lua?

— Até Aldebaram, Sírius, o Infinito . . .

No momento em que o senador Avelino se referiu à filha, Edmundo sentiu acordar em todo o seu corpo um desejo de lutar, de vencer. Um vago sentimento terra-a-terra, banalíssimo, que o devolvia a uma condição humana, simples e vulgar, por isso mesmo profunda e verdadeira.

Aceitava?

Prometeu resolver e voltar quinta-feira.

V

O CLUBE TALVEZ

Décimo oitavo andar do número sete da Praça da Sé. A água-furtada abria dois olhos acesos sobre o Brás pisca-pisca do casaréu embuçado.

Mano, o mulato de rosto largo, carambolava escutando Manfredo, de gravata borboleta e uma cabeleira encapacetando a testa enrugada de sociologias.

Presidente, Gavião Teixeira, jornalista; tesoureiro, Gomes de Arruda, zangão.

— O barato está rendendo, seu Arruda?

— Nem para as cartas e o café, desde que a rapaziada boa foi dando o fora e ficando esses literatos e anarquistas . . .

O poeta Américo discutia com o escultor Bataglia. O pintor Bauer revoltava-se contra a velha e a nova pintura e expunha os seus pensamentos a Evangelino Tupã, o músico, insatisfeito e pesquisador. Infantini e Manfredo discutiam sistemas políticos.

Cada um procurava Alguma Causa. Cada qual esperava o Poeta, o Escultor, o Pintor, o Músico.

Que tardava.

Como tardava o Político, o Solucionador de Problemas, que Mano e Manfredo, comunistas, e Infantini e Corrégio, conservadores, sonhavam sem cessar.

E Edmundo Milhomens dizia:

— Se aparecesse, ao menos, o cronista desta época de dúvidas . . . Libertado de todas as questões da forma e do estilo e,

mais do que isso, espectador de todas as correntes de idéias, conhecedor de todos os dramas das camadas sociais e dos ciclos confusos da nossa mentalidade . . . Com alma para sentir e sofrer todos os estados complexos de consciência; com capacidade de entender e de amar todos os antagonismos e de se localizar em todos os contrastes . . . o narrador sem medo do uso da palavra . . .

E explicava-se:

— A destruição da retórica e da velha literatura originou o terror covarde das palavras. Temos medo da frase literária, e emudecemos. O movimento moderno determinou um terror pânico que subsiste.

Edmundo exprimia, assim, a dor da incapacidade de realizar o grande romance que andava engendrando. Não atinara ainda com o estilo, o ritmo, os processos mais convenientes de construção. Não atinaria também com o espírito da obra, a afinação de cada uma das psicologias no conjunto orquestral das ânsias coletivas. Mas, se lhe perguntavam:

— Como deve ser o romance?

— Simultâneo e sinfônico — respondia.

Que queria isto dizer?

O Clube Talvez nasceu com o nome pomposo de “Clube Nacional dos Torneios Esportivos”. Pretexto: reunião de amadores. Finalidade: o barato do jaburu.

Uma noite a polícia deu em cima e rodou escada abaixo com fichas e roletas. Ficou lá em cima, nas saletas desertas de faróis e otários, o pôquer choramingado de tostão, com as lamentações do Gavião e do Arruda e a mesa de bilhar de interjeições estaladas e surriadas *nhec-nhec* dos tacos gizados.

Mano fora ao Clube, com Manfredo, falar a uns operários. Voltaram uma outra vez e Evangelino Tupã casualmente estava em sua companhia. Um dia, Manfredo e Tupã marcaram ali um encontro com Bauer e Edmundo. E, pouco a pouco, o Clube se tornou o *rendez-vous* das idéias e pensamentos novos da Cidade.

A polícia não poderia suspeitar que ali discutiam os comensais os problemas da humanidade e da nacionalidade, expendendo idéias avançadas, às vezes subversivas. Era, para todos os efeitos, um pequeno Clube, que seria, na pior das hipóteses, um inofensivo antro de jogo.

Um puxa-outro, puxa-outro, e formou-se um grupo heterogêneo de estudantes, operários, pintores, músicos, jornalistas, pequenos funcionários, comerciantes e industriais que liam livros. Decantações automáticas de espíritos foram depurando, sem quebrar a disparidade tumultuária, chocante, o meio confuso agitado nas quatro saletas.

— O clube acaba, seu Gavião?

— Talvez.

— A geringonça fecha, seu Arruda?

— Talvez.

E o Clube ficou batizado.

Ninguém, no íntimo, gostava mentalmente dos comensais. Mas todos, à noite, sentiam a imperiosa necessidade de se procurarem. Havia um anseio em cada espírito, mas nenhum compreendia, integralmente, o interlocutor.

Dentro de cada desejo de conciliação, pesava uma impossibilidade.

Começou a existir uma atmosfera de amor no Clube Talvez: e o giro-giro das incompatibilidades tolerantes . . .

Arruda e Gavião diziam, desolados, que o Clube já não estava preenchendo os seus fins. Extinto o jogo de azar e postos na rua os profissionais e viciados, era justamente agora que o Clube poderia objetivar a sua finalidade: os torneios esportivos.

Um torneio misterioso iniciava-se, entretanto, ignorado dos próprios freqüentadores . . .

Porque era um torneio de sombras . . .

Diferenças de posição, de culturas, de títulos, de raças, de temperamentos e sensibilidades. Pelejas inconscientes de ancestrais, rancores subterrâneos dos opostos . . .

Corrégio, o pequeno industrial da fábrica de loções e cremes, vinha sentar-se em frente a Bauer, o pintor de paisagens, para a partida das damas. O mulato Mano conversava junto de Edmundo sobre os problemas sociais e Manfredo marxista leninizava ante os olhos silenciosos de Infantini em que havia ima-

gens irreveladas de tapetes e reposteiros encenando poltronas macias como privilégios. Evangelino Tupã, o músico, discorria com um sentido largo de humanidade, junto do poeta Américo, o dos poemas da Terra e das epopéias dos Heróis.

Como um atleta risonho, a figura rosada de Marcos.

Tinha a força das serenidades de auroras e cartazes de vinhos reconstituíntes.

— Você é o senso das resignações viris — disse-lhe Edmundo Milhomens.

— Serei, talvez, o senso das fatalidades em marcha.

E dizia:

— A confusão dos espíritos no nosso tempo vem da surpresa com que este século se improvisou. Uns, se adaptaram tão depressa, que perderam a capacidade de observar e entender. Outros, querem reagir, impondo os velhos preconceitos de uma civilização que, pela primeira vez na História, sucumbiu, repentinamente, de apoplexia. E, ainda outros, choram a saudade dos suaves fantasmas das concepções espirituais da existência. O que é preciso é dominar os acontecimentos, sem recorrer ao Passado, sem se submeter ao Presente, sem contar com o messianismo do Futuro. Enfrentar resolutamente o Século.

E a sua figura de atleta tinha a fascinação irresistível dos fortes.

O Clube Talvez parecia ansiar por uma confissão coletiva. Era a única expressão homogênea da cidade, aquela heterogeneidade de cérebros que assentava sobre instintos comuns.

Toda a vida social e política da Metrópole era convencional e falsa. Religião, arte, política — movimentação inexpressiva de fantoches. Tudo era sofisma e dialética insincera de arrazoados. No fundo, havia um drama comum, que ninguém confessava. E uma marcha comum, que todos fingiam não perceber.

Esse drama e essa marcha revelavam-se no Clube Talvez.
Na sua complexidade.
Nas suas contradições.

VI

CONJURAÇÃO

Rodrigo Jorge, cabelos pretos, o rosto moreno pálido de barbas pretas. Estudava genealogias e o velho orgulho empinava-lhe o busto arcaico. Os oposicionistas disseram, quando ele entrara para a Câmara: “é o espantalho de afugentar papagaios”.

Ingressou na política, por condescendência. Queriam no parlamento a sua figura curiosa de último exemplar. As folhas vermelhas tinham perguntado: “onde estão os velhos paulistas?” E enumeravam entre os congressistas da Praça João Mendes, os nove únicos paulistas de nascimento.

O senador Avelino, com seu tato sutil, foi buscar Rodrigo Jorge no velho casarão monástico da Avenida Tiradentes. E apresentou, aos sufrágios cosmopolitas da Capital, o candidato com o cheiro de mofo das carcomidas nobiliarquias.

Elegeram-no os italianos do Brás e os húngaros da Mooca.

O Dr. Laurentino Canoa, da vereança municipal e sócio no escritório de Prazeres, torceu a cara de fuinha, ponderando: “precisamos toda a cautela, para não cairmos no jacobinismo”. E lembrou a inoportunidade de Pedro Tacques.

Naquela tarde, Rodrigo Jorge e Laurentino Canoa jantaram com o velho senador. Às tantas, chegou Conrado, o cabo eleitoral que tinha a mulher dona Júlia que falavam dela com negociantes de muitos eleitores do Brás.

— São Paulo está crescendo, Rodrigo! Isto é um colosso!
— exclamou Avelino.

— Mais devagar, meu caro, mais devagar . . . — fez o outro, com o gesto muito grave de quem pretendia sublinhar algum pensamento.

Avelino Prazeres queria falar de Mister Sampson, que descjava apresentar no dia seguinte a Rodrigo Jorge. Durante três

minutos arrependeu-se de haver guindado aquele estafermo, facilitando o seu crescente prestígio diante das galerias e da imprensa bocó. Mas arriscou:

— Tenho feito o que posso pelo desenvolvimento do Estado.

Soleníssimo, Rodrigo Jorge aparteou:

— Está se vendo. Todos o reconhecem.

E tinha um ar de sobrecasaca do Segundo Império. E a entonação da sua fala era a mesma daqueles apaites em voz grossa, que atraíam todos os olhares para a sua estampa, nos dias agitados das sessões debatidas.

Canoa lembrou-lhe:

— Grande é o patriotismo do senador. Veja: figuras como a sua, que estavam olvidadas . . .

— Nem tanto — retrucou Rodrigo. — Desculpe-me, mas nem tanto.

O senador Avelino trincou de raiva. Rodrigo Jorge nunca batalhara pela causa pública e nunca fora lembrado por ninguém, para coisa alguma. Egoísta e retraído, encerrava-se na sua biblioteca e quando saía à rua era para tratar dos seus negócios particulares. Se lhe falavam de política, sorria com desdém. Quando a oposição rugia, exclamava apenas: “estes oposicionistas!” E quando se criticavam medidas administrativas, comentava, com a mesma frase: “estes senhores do governo!” Avelino trincava de raiva. Porque Rodrigo Jorge realizava o tipo dos cidadãos “alheios às competições partidárias”, que esperam os instantes das crises, das dificuldades dos militantes, para serem chamados como homens providenciais, exatamente porque nunca se interessaram pelas angústias das multidões . . . Entretanto, o senador obtemperou habilmente:

— Sim, nem tanto, Laurentino.

Conrado disse baixinho ao Pluto:

— Veja que tipo asqueroso.

— Mas, como dizia — insistiu Prazeres — os meus sentimentos patrióticos ainda agora procuram atrair para o nosso país um grande sindicato, novos capitais, poderosos . . .

Sondou a cara de Rodrigo e resolveu ficar por aí nessa tarde.

Logo que Rodrigo Jorge saiu, com enormes reverências a D. Etelvina, a esposa grisalha do senador, e um galanteio para a Nina, que perguntou pela Elvirinha mandando um rabo de olhar aos olhos de Pluto, — os três amigos e sócios sentaram-se nas fundas poltronas e acenderam três charutos.

— Sacana! — disse Laurentino Canoa.

— Nojento! — exclamou Conrado.

— Para mim, é um ingênuo — sentenciou Avelino.

— Eleito com atas falsas, que eu fiz! — comentou Canoa.

— Eleito pelos defuntos do meu distrito — raivou Conrado.

— Quanto a isso, não tem importância — fechou Avelino.

E, após uma pausa:

— O plano é extraordinário, Laurentino. Mister Sampson traz os mais amplos poderes para girar com vários milhões de libras no negócio. O fim do grande grupo financeiro de Londres é tomar terreno aos capitais americanos . . .

— Insinuar-se no Brasil.

— Exatamente. E, como é natural, representando o café o nosso grande produto e o Estado de S. Paulo o centro das atividades do país, para aqui volve o sindicato as suas primeiras vistas. Quanto ao café, em resumo, é o mesmo plano a executar-se na Venezuela, na Colômbia. Obtido o controle pelo "Hinterland's", imporá o sindicato os preços mundiais, com muito mais elementos de êxito do que o Instituto, que representa, apenas, os interesses indiretos dos capitais estrangeiros, ao passo que o sindicato vai agir diretamente, no seu próprio interesse. Ao mesmo tempo, unificados os métodos de produção em todos os países cafeeiros e sistematizado o processo de entrada nos centros consumidores, fixar-se-ão tipos mundiais bem definidos. As vantagens para os países pobres da América do Sul, como para o Brasil e S. Paulo, são incalculáveis, e, para nós, pessoalmente, muito mais ainda . . .

— Alguns milhões . . . — disse, ingênuo, Conrado.

— Milhões, não digo — respondeu Avelino, olhando para a cara do Canoa, sem se voltar para Conrado — mas alguns milhares . . .

— E uma boa banana para a política . . . — comentou o Canoa.

— Isso não, senhor Laurentino. O senhor parece não ter sentimentos republicanos. Todo sacrifício é pequeno ao serviço da democracia, à segurança do regime.

Canoa desapontou.

— E a execução do plano?

— Isso vai devagar. Temos de facilitar tudo ao sindicato, pouco a pouco. Ele deve ser o grande latifundiário e ao mesmo tempo o grande comerciante, com funções administrativas de controle e quase com as prerrogativas de um Estado dentro do Estado. Que importa, se é para o bem estar e a felicidade geral?

— Mas, o povo — arriscou Canoa — pode não gostar . . .

— Ora! O senhor fala em povo! — apartou o beijudo Conrado.

Avelino Prazeres fechou a carranca dois minutos. O povo era uma entidade sagrada e Conrado uma besta.

— E Rodrigo Jorge? — perguntou Canoa. — Ele representa hoje uma bandeira de jacobinismo . . .

— Rodrigo Jorge . . .

Avelino meditou um pouco. E o velho “bordeaux” do jantar autorizava indiscrições:

— . . . estará logo arruinado. Um homem quebrado é meio caminho para uma convicção.

E sorriu.

Quando Avelino Prazeres falou nos “sentimentos republicanos” e nos “princípios democráticos”, ele não mentiu. O seu ortodoxismo político era tão rígido como toda a sua educação cristalizada, dia a dia, numa época de formalismos doutrinários.

Na mocidade, necessitando objetivar a sua ambição numa atividade pública, armou-se de todo o material de idéias e de fórmulas, como quem vai construir um edifício. Axiomas e postulados, teses, interpretações, comentários, consensos jurídicos, frases campanudas e o respeito feiticista pelos ídolos democráticos — tudo isso tinha sido como a alvenaria, o reboco, o cimento, o ferro, o madeirame, as tintas, com que ele elevara o prédio majestoso da sua individualidade.

Renunciar a um desses sentimentos, livrar-se de um desses preconceitos, seria arrancar qualquer coisa de si mesmo.

Avelino Prazeres, à força do hábito e de repetir sentenças tornara-se um republicano sincero, que acreditava apaixonadamente na Carta Constitucional e seria capaz de morrer na defesa do sufrágio, que ele burlava todos os dias, ou do povo, a entidade de vaga indefinível que não o amava.

Na verdade, era o instinto de conservação de sua própria personalidade, formada pelo trabalho sedimentário de aluviões doutrinários.

Como Avelino Prazeres adaptava os princípios aos interesses partidários e administrativos, eis o segredo sutil do seu sistema político. Entre os oposicionistas e os governistas havia um acordo tácito: o mesmo respeito pueril pelas fórmulas republicanas. Prazeres cercou-se de uma turma de jovens advogados, a "flor da intelectualidade do Partido", como ele os denominava. A esses rapazes, brilhantes causídicos e hábeis oradores, incumbia provar sempre que o senador Prazeres e o seu Partido não se afastaram das normas constitucionais, do espírito do regime.

O "espírito do regime!" Com que olhar místico o senador pronunciava essa frase! Ele tinha outras, que os jovens deputados usavam, a cada passo, como "a intenção do legislador", "as boas normas da hermenêutica", "os sofismas da oposição", "a continuidade administrativa", afora citações de autores da moda. Mas, nenhuma como o "espírito de regime"...

Seria injusto dizer-se que Avelino Prazeres não era sincero. Ele o era. O seu corpo e a sua alma constituíam uma verdadeira argamassa republicana. A sua mentalidade equivalia, exatamente, à do Dr. Becca, o deputado da oposição, amamentado, também, no mesmo leite da legítima democracia. Apenas, no senador Avelino, a crença republicana assumia uma forma de claro otimismo, e no Dr. Becca a religião política era feita de terror cósmico e manias de perseguição. A democracia de Avelino era feita de prodigalidades e a do Dr. Becca se entretecia de ratinhadas usuras. Mas era a mesma democracia.

Todo o empenho de Becca consistia em provar que Avelino não praticava os princípios republicanos. E Avelino fazia soar as tubas de sua eloquência para demonstrar que o Dr. Becca punha em perigo o regime.

Era um duelo exaustivo e falso entre duas sinceridades inúteis.

Miss Katy recebeu o senador nessa noite com os longos braços e a cintura de elástico. Um beijo com gosto de "champagne". A lembrança absurda da curvatura de Rodrigo Jorge diante do sorriso benevolente de D. Etelvina. Risadas álacres de Nina, a corcunda de Pluto.

Acendeu um cigarro.

— Seria preciso enforcar todos os moços corretos e bonzinhos. Maldita a cumplicidade dos bons.

Um pajé, de plumas noturnas de graúna, sorriu num canto da alma de Edmundo:

— Não vale a pena . . .

— Hein?

— Não adianta . . .

— Hein?

— Como?

— Quá-o-quê!

Velha raça dos ceticismos primitivos . . . A inutilidade de todas as canseiras . . .

Edmundo pensou:

— Debaixo dos arranha-céus, os paralelepípedos são almas petrificadas de heróis humilhados sobre os quais rodam torpedos, e limusines, encarando, malcriados, o sol. Porém há mais orgulho de vitória nas pedras pisadas e gastas do que nos automóveis trabalhados com raiva nas oficinas e ridicularizados na rua . . .

Pegou a caneta, para continuar o seu poema.

Galhofeiro, com os indicadores na boca, um mulato saiu assobiando do seu sangue e entrou no seu pensamento:

— Trouxa! Ô seu trouxa!

Filosofia mordaz dos oprimidos; rancor irônico da Costa d'África . . .

Uma grande tristeza entrou no seu coração. E todas as raças de que viera pararam, indecisas, no bico da sua pena. Todos os túmulos esperaram a palavra do vivo.

Porque era a sua palavra.

Os avós desfilavam . . .

O Conde de Beesberg fez uma reverência e desapareceu; o judeu polaco, numa funda curvatura, afastou-se; o velho pajé

foi-se apagando, apagando...; arrastando as esporas pé de chumbo, sumiu-se na treva o beirão sargento-mor; a treva corporificou-se num instante, sorriu meiga: "São Cristo!", e desfez-se num halo de luz — *buona-sera! buona-sera!*...

No bico da pena ficou o imenso desamparo dos túmulos. Mas brilhou logo a vida, que vinha deles, isenta de todos os prejuízos. Nesse momento, Edmundo teve a visão de toda a alegria e de toda a dor da Humanidade. E vislumbrou a Grande Marcha. E sentiu o raro momento em que as raças e as civilizações se anulam, para que o Homem possa ver a vida em toda a plenitude. Ele era o Homem Sem Reminiscências. Já não via nem Nações, nem Filosofias, nem Raças.

Era puro como a água.

— Felizes os pobres! Limpos de preconceitos e de prejuízos, de sentimentos e de interesses! Benditos os que não sabem dizer "eu tenho". Porque esses podem dizer: "eu vejo!"

VIII

TENTAÇÃO

— Seu Camurça, quantos filhos tem?

— A Graciosa e a Gabi . . .

— Com sua senhora e você, quatro.

— Quatro.

— Mais a sogra, são cinco.

— Cinco.

Pausa.

— Escrevente há quantos anos?

— Vinte e sete.

— Progrediu pouco . . . Um conto de réis não lhe chega para as despesas. Precisa dar uma tacada. Você sabe, aquele negócio do Dr. Becca . . . Compreende, eu me neguei. Agora tenho um outro. Penso que você poderá atender ao interessado . . .

— Quem?

O Dr. Antoninho levou a mão à boca e chegou-a ao ouvido do Camurça. O nome do senador Avelino esbugalhou os olhos do escrevente.

Um mapa azul de linhas brancas mostrava as terras de Rodrigo Jorge, que se estendiam na orla do Paraná. A filiação dos documentos esbarrava nas cartas sesmeiras blindadas pela posse trintanária de cautelosos avós. Mas a interrupção facilmente se forjaria com selos desbotados do Império, simulantes de compras e vendas; e o requerimento de um inventário escandaloso

de remanescentes herdeiros estouraria em autos debatidos e carabinas grileiras de capangada dioguinha.

Rodrigo Jorge, desorientado e desmoralizado, derreteria na pendência os prédios da Capital e as apólices escassas. Era um tiro. Para a trama, se promoveria o Camurça tabelião de Jaú. Interinamente.

O Dr. Antoninho, alto e direito, no fraque cinza, punha os olhos, como duas promessas, sobre a cara sancha do Camurça, baixo e flácido.

— Você volta, compra uma casa, ou um cartório . . .

Camurça coçava a cabeça.

— Seja mais atirado, senhor Camurça; o senhor tem família.

Nos jornais de domingo, saiu a nomeação de Edmundo Milhomens para delegado de Bauru. E o Camurça provido, interinamente, num ofício de Jaú.

Vizinhas, D. Vidoca e D. Xuxula comentavam o sucedido.

Graciosa e Gabi contavam às visitas, com estudos de saudade antecipada.

— Mas ele vai ganhar à beça — explicava Graciosa.

— Mais do que aqui?

— Ora! Pois aqui ele não tirava nem três contos! Foi o senador, que gosta muito dele, quem lhe deu o emprego de seis contos, afora negócios que vão aparecer.

— Suco, hein, menina? Vamos ter uma Buick.

— Buick! Vá saindo! Uma Packard!

Camurça mandou buscar um barril de chope e guaraná com doces de confeitaria. Puxou uma nota de 500\$000 e disse que não dava confiança a essa canalha de taverneiros, pois comprava à vista.

— Vá gastar o dinheiro da viagem! — recomendou D. Xuxula.

Ao que o Camurça respondeu:

— Ninharias, mulher!

Na cozinha, repreendeu-a;

— Veja como fala perto de visitas, Xuxu . . . Você me deixa com a cara no chão.

De noite, a Graciosa perguntou se comprava um vestido e um chapéu. A Gabi disse: "eu também!". E D. Xuxula lembrou

que precisava de uma vitrola e uma “frigidaire”. A velhinha D. Idalina, meio cega e trôpega, pediu ao genro que mandasse de lá alguma erva boa para os rins.

Edmundo anunciou, no Clube Talvez, que ia para o Interior.

— Veja se respira no sertão um ar novo, que lhe ponha cores na face e na alma — disse-lhe Marcos.

Edmundo contemplou o amigo. Admirável de saúde e de beleza máscula. Marcos era um magnífico exemplar da Espécie. Nunca tivera uma dor de cabeça, uma indisposição leve. Suas idéias também não se originavam de cefalalgias e o seu riso tinha a alegria das digestões perfeitas.

— Aspirina para Schopenhauer! — era a sua frase predileta.

Marcos trazia consigo o espírito vitorioso da construção. O homem nascido para organizar e dirigir uma batalha, para delinear planos de edifícios e ir das fundações ao último andar, com a mesma fé e a mesma força, não exaltadas, mas afinadas num mesmo tom.

Tinha a mentalidade medíocre dos que não fracassam, dos que não param no caminho. Espírito claro das apreensões imediatas, objetivação, equilíbrio permanente. As dores isoladas não o detinham. As suas próprias mágoas não o detinham.

Um dia, vendo Milhomens abaixar-se para deixar cair um tostão no colo de uma mendiga, disse:

— Devemos resolvê-lo, em lugar de deixar uma moeda no colo desse problema.

Seu coração espartano tinha uma sentimentalidade feita de exatidões. A sentimentalidade da saúde — dizia — que não pode ser compreendida pelos doentes.

— Todo gesto de piedade — afirmava — é uma resignação de vencidos. Precisamos destruir os motivos da piedade.

Costumava dizer:

— O Direito contraria as leis da expansão biológica. As legislações civis não passam de escudos de fraquezas . . .

E o Mano, fulminara o comunismo:

— Que materialismo histórico é esse, que parte de Kant, para a metafísica? A Justiça, a Igualdade, não são mitos e misticismos que se insurgem contra o processo da evolução biológica e a seleção dos mais aptos? Como o direito clássico, tudo mais é sistematização de pavores . . .

Não sabia blasfemar, nem odiar, nem amar em excesso. Não abusara nunca da sua força de atleta. Diante de um insulto, não se exacerbava, nem mesmo se exprimindo com o sorriso desdenhoso dos fortes. Apenas olhava firme e suave, apontando o erro e desnordeando.

É um medíocre, diziam. Sabia disso:

— Pudessem eu ser um medíocre . . . Só o gênio é medíocre. Acima deles estão os divinos incompreendidos, dos quais não se guardam os nomes. Abaixo, a grande massa, que se convencionou chamar a mediocridade, quando não, passa de estupidez.

Marcos pudera conservar, até aos vinte e oito anos sadios a castidade virginal das primeiras forças nascentes. Passara indiferente pelo amor. Feliz e forte, tinha da vida a compreensão que devem ter as rosas de esplendor efêmero.

Vivia com os pais, já velhinhos, num subúrbio longínquo, de onde subia para a Cidade, como um general sem soldados.

Simple agente comercial, escritor por fatalidade do temperamento, trazia entretanto em si todas as capacidades imanes de comando. Quando fizera o serviço militar, tornara-se o ídolo do batalhão. Era o sargento das confidências de todos os soldados e de quase todos os oficiais.

Suas idéias não se impunham; atraíam, dominavam. Não pela força de persuasão de sua lógica, mas pelo segredo das fascinações incompreensíveis.

No Clube Talvez, elas deslumbravam como relâmpagos. Depois, tudo caía no mesmo crepúsculo, na mesma indecisão dolorosa. Intimamente, todos desejariam ser levados por Marcos. Cada qual, isoladamente, queria ser arrastado por ele. Que não sabia pluralizar o exercício de seu fascínio e nem descobrir o objetivo em que empregar a sua força . . .

E o Clube Talvez parecia uma amostra de exércitos. Gêr-
mens multiplicados de realizações antagônicas. Marcos não sa-
bia operar o milagre da transubstanciação, da redução à unida-
de. Ele era, apenas, um motor.

Sem aplicação.

IX

DIÁLOGO DOS INSTINTOS

- Ele disse.
- Quem?
- O rapaz.
- Que disse?
- Não me lembro.

Infantini tinha visto o moço. O soturno Mano tinha visto também. Todos viam, de vez em quando, o rapaz que aparecia no Clube. Cada um tinha conversado com ele, mas nenhuma testemunha presenciara a conversa.

Começou a correr a lenda de um rapaz, que ninguém conhecia, que todos conheciam, que aparecia no Clube, amigo de cada um, desconhecido de todos.

Cada qual atribuía ao personagem misterioso as opiniões definitivas sobre todos os problemas. Era o Solucionador.

A história começou por uma brincadeira. Falava-se da questão social, que se esboçava, da situação do Brasil nas dificuldades do mundo. E, como Evangelino Tupã dissesse que a Nação esperava Alguém, que interviesse no seu destino, o poeta Américo exclamou biblicamente:

- Nós clamamos pela vinda do Desejado.

Marcos retrucou:

— Mas este, não estará acaso em nós mesmos? Os messias não chegam nunca de surpresa: os povos é que marcam o dia da sua chegada. Quando eles aparecem, encarnados num homem, a sua existência já estava constatada antecipadamente. O nosso, por exemplo, já existe. É um estado de espírito. Um dia, ele se revelará sob a forma de um rapaz, que conviverá conosco, amavelmente.

No dia seguinte, correu a notícia de que um comensal do Clube Talvez conversara com o rapaz. Qual dos comensais? Ninguém sabia. A novidade começou a repetir-se, todas as semanas.

O personagem misterioso passou a ter uma existência real, no espírito de cada freqüentador do Clube Talvez. Cada qual o interpretava a seu modo. Ele tinha tantas fisionomias quantos eram os pensamentos que o consideravam, que o fixavam.

No meio da multidão, Bauer parou, puxando Milhomens pelo braço.

— Que foi?

— Enganei-me. Julguei ver, num transeunte, a cara do rapaz que vai ao Clube.

Era sempre nas grandes aglomerações que uma ou outra cabeça do mar humano parecia tomar a fisionomia do Desconhecido.

— Quer saber de uma coisa? — disse Milhomens.

— Que é?

— Acabamos todos malucos com a história desse Desconhecido.

Milhomens foi agradecer a Avelino Prazeres a sua nomeação para Bauru. O velho político estava na Companhia Sulina, afundado numa poltrona, com um charuto.

— Pois meu caro senhor doutor, principie a sua vida, e conte com a boa vontade deste seu amigo. Lembre-se de que os sonhos da mocidade se acabaram, desde o dia que transpôs os umbrais do velho Mosteiro e veio para a vida pública. Agora, sonhos mais práticos, realizações, a carreira.

— Aliás, — retrucou Edmundo — não aspiro posições, fortuna, apenas . . .

— Começa mal. Recomenda-se mal. A maior virtude é a ambição, que determina o aperfeiçoamento e gera a vitória. Quem não deseja subir não pode apurar-se nas práticas mais salutares ao bom proceder e ao bom viver. Ouça o que digo, que estou velho. Comece por obedecer-me. As idéias e resoluções

devem descer hierarquicamente, dos que terminam aos que começam a vida. O senhor não tem aprendido outra coisa ao sentar-se anualmente diante de uma cátedra.

Edmundo Milhomens mexia-se agitado na cadeira e tinha ímpetos de agarrar o senador pelo pescoço. Mas Prazeres dizia:

— Quero encaminhá-lo e vê-lo progredir.

— Obrigado, obrigadíssimo.

— Sempre que tiver qualquer dúvida, consulte-me. Apresentado pelo meu amigo Rodrigo Jorge, hei de encaminhá-lo.

No velho palacete de Rodrigo Jorge, iluminado pelo olhar de outras eras, que escorria de retratos antigos de bispos e viscondes, estufadas matronas e donzelas compridas a óleo, pendentes das paredes das salas graves, encontrou a filha do senador Avelino, com um estremecimento secreto.

Casa de platibanda esborcinada, jardim lateral com duas palmeiras como duas torres. Império. Trepadeiras pelos gradis de ferro prateado, bem Brasil. Cortinas amareladas, piano preto com castiçais de prata. Cadeiras largas nas salas largas como latifúndios, privilégios escravagistas. Álbuns de retratos com fechos de metal.

Rodrigo Jorge falou de pomposas cavalhadas de Sorocaba e da última visita do Imperador a Itu. Mostrou um autógrafo de Sua Majestade, uma quadrinha de louvor à estirpe bandeirante dos Jorges:

*"A casa ilustre dos Jorges,
— das bandeiras, nos perigos —
levou n'alma e nos alforjes
a coragem dos Rodrigues".*

— Grande alma era Pedro II! Não acha, sr. Milhomens?

— E poeta muito sentimental — disse Elvirinha.

— O senhor não é poeta, Dr. Edmundo? — perguntou Nina.

— A pergunta é difícil de responder, — disse Edmundo — quando feita pela própria Poesia. . . (E julgou-se imediatamente tão ridículo como o Gavião Teixeira, que fazia frases desse

jaez).

Elvirinha olhou maliciosamente para Nina, que corou.

Rodrigo Jorge soltou uma risada bandeirante:

— O senhor é temível nos madrigais!

Edmundo sentia intimamente o ridículo. Passou um silêncio arrepiado. Vieram dizer a Rodrigo Jorge que Laurentino Canoa estava no escritório, esperando-o.

Nina abriu-se em confissões indiretas. Que não a seduziam fortunas e posições. Era religiosa e simples. Para ela, mil vezes os passeios campestres, visitas a famílias pobres, que protegia, do que exhibições na sociedade. O pai, coitado, não sonhava outra coisa senão a sua felicidade; e, por isso, desejava-lhe posição, fortuna, um casamento brilhante. Mas a sua tendência era toda para as coisas simples.

— Freirinha . . . — sorriu Elvira.

Que não. Notre Mère, no Colégio, perguntara-lhe uma vez se não preferia Cristo para esposo. Respondera-lhe que não.

— Veja a santinha — fez Elvira. — Mas eu já sei; papai contou-me que você . . . Está bom: não falo.

— Que é?

— O Gomes de Barros . . .

— O rei do café? — perguntou Edmundo.

— Dizem.

Nina corou.

— Histórias, Elvirinha. Ele é um bom moço, papai simpatiza com ele, mas, para mim, me é indiferente. Franqueza: sou contrária aos casamentos de interesse.

Edmundo disse:

— Também penso assim.

— E não pensa num grande casamento? — perguntou Elvirinha.

— Penso no amor e na bondade.

— É mesmo poeta — comentou Elvirinha. — O senhor dificilmente encontrará essas coisas hoje em dia.

— Você é pessimista — disse Nina meio agitada. — Ainda há criaturas capazes de grandes renúncias. Não acha, doutor Edmundo?

— Se a pergunta vem de seus lábios, é porque há.

E tossiu encabulado acendendo um cigarro.

— Você, que é tão feliz, detesta a vida brilhante — disse Elvirinha. — Tem tudo o que quer e não quer nada.

— Esquisitice — respondeu Nina. E, para Edmundo Milhomens: — Gosta de “Paulo e Virgínia?”

Edmundo sorriu, pensando nas palavras do senador Avelino: “Agora sonhos mais práticos, realizações, a carreira . . .” Respondeu:

— Gosto.

Era meio-dia e os apitos das fábricas em coro chegaram em surdina, como um rumor de verdades irresistíveis. Nina repetiu a pergunta:

— Gosta de “Paulo e Virgínia?”

Um ronco de aeroplano passou no céu azul do bairro quieto.

Elvirinha e Nina eram meninas prendadas e distintas de Sion. Não propriamente católico-romanas, ou brasileiras, dos feiticismos e iconografias caboclas: mas católico-francesas, plasmadas ao modelo de uma literatura gentil de “demoiselles”, onde as velhas prerrogativas das encapotadas nobrezas se disfarçam em ingenuidades colegiais . . . Nina, porém, era mais humana, iluminada de intuições. E Elvirinha achava-a tão esquisita . . .

Avelino Prazeres desceu da Lincoln à meia-noite e subiu as escadas do palacete com gosto de Miss Katy e uma insistência enchampanhada de abraços nos braços saudosos.

Ao entrar no “hall”, viu, pelo espelho da chapeleira, o espelho grande da sala de visitas iluminada e o vulto de Pluto na face lisa do cristal.

O corcunda preferia a iluminação de todas as lâmpadas, para sentir, no fundo da moldura dourada de vinte contos de réis, o irremediável que não tinha preço, e a dor perseguidora.

Pluto erguia o busto, dava as costas ao espelho, caminhava, voltava de frente. Depois, olhava o salão em torno, a mobília custosa, os reposteiros de damasco, os bronzes e os quadros caríssimos, o tapete vasto de Kuban, a fortuna dos bibelôs.

Apalpava-se. A camisa de seda monogramada, os anéis, a pulseira tic-tic do relógio de platina. Fitava-se ao espelho, empinava o busto; e as pernas ficavam mais tortas, a corcunda em mochila, sobre as omoplatas.

Avelino Prazeres subiu devagarinho a escada caracol, e foi espiando em cada volta. Um rancor surdo espoucava-lhe na alma. Pluto, sem defeito, seria um instrumento a manejar num matrimônio de habilidade.

Entrou no dormitório, pensando, simultaneamente, em Miss Katy e em Laurentino Canoa. Sentada sobre um mocho de veludo, D. Etelvina lia um romance de M. Delly.

— Boa-noite, mulherzinha — fez Avelino pondo-lhe um beijo na fronte.

— Boa-noite.

E mirou-o, com os olhos das matronas que ouvem a missa das oito e sabem tristemente de todas as realidades.

Avelino Prazeres, em pijama, disse à mulher o seu plano de casar o Pluto.

— Pobrezinho . . .

— Ao menos para isso que sirva o estafermo. Vou falar a Rodrigo Jorge. É a fortuna que lhe cai em casa; sabe? possuímos mais de cinquenta mil contos.

— Mas o Pluto não gosta da Elvirinha — disse dona Etelvina sorrindo; — a queda dele é pela Ondina, do Dr. Antoninho.

— Aquela pobretona, sem prestígio, sem nome, sem família, sem posição, com um pai que nada vale? Além de corcunda é burro!

— Não fale assim, Avelino.

— Não fale? Porque a culpa é sua? Veja os dois filhos que você me deu: um idiota e um traste miserável.

— Pelo amor de Deus, Avelino! Não fale assim! — exclamou Dona Etelvina chorando.

E a imagem de Pluto, pequenino, vermelhinho, na camisola de rendas, no berço dourado . . . E os balanços do berço, nas horas caladas, canções de embalar . . . Tinha uma covinha no rosto e ria, a boquinha vermelha sem dentes. Ria, ria para a vida, nas noites de afagos e beijos . . .

Depois, as histórias de fadas bondosas, de príncipes lindos; depois . . .

“Eu quero ser o Príncipe Bonito do Manto Azul, de espada de ouro, de cavalo preto, de penacho branco, da linda princesa do Monte Montoso . . .”

E crescia, como um anão do Niebelungen . . . Pobre filho!

Um silêncio enorme caiu por toda a casa. Apenas o relógio da sala de jantar ficou batendo, como um coração. Dona Etelvina chorava baixinho. Automóveis buzonavam pela Avenida, como alegrias noturnas voando . . .

Sono apaziguador da madrugada . . .

X

CHARLESTON

O mulato Mano, da água-furtada arranha-céu do Clube Talvez, pôs-se a olhar, na tarde enfumaçada, um trecho do Brás de chaminés em riste. De uma das janelas do prédio em frente, uma campana gritava aeronotícias de Buenos Aires. Cotações do câmbio intercalavam-se à voz de um tenor longínquo. Embaixo, a multidão, sob um céu de cartazes e fios e braços de postes negros abertos numa nova bênção.

Pressas apressadas pousando nos cafés expressos, assaltando os bondes e os táxis, com pastas cansadas e algarismos na cabeça.

Horizonte de casas. Atropelamentos de vilas e cortiços; e as notas vermelhas dos bangalôs perdidos nas dunas cinzentas dos quarteirões multiplicados como aluviões dos rios das raças na convergência cosmopolita da vida urbana. Autos de luxo passavam pisando o asfalto, com a majestade homérica dos deuses.

Mano pôs-se a pensar na filosofia nova que o automóvel inaugurara, desde a idéia inspiradora do motor, até a sistematização dos pormenores, nas formas expressivas das carroçarias, no refinamento das molas, na precisão dos câmbios, dos aceleradores e dos breques, na resistência e solenidade dos pneumáticos.

— Automóveis, aeroplanos! Bal, Júpiter, Moloc . . .

Mano nascera com o dom das generalizações e sentia o conjunto humano, procurando sondar-lhe as diretrizes. Tinha a visão panorâmica dos problemas e a preocupação impessoal das resoluções possíveis.

Edmundo despertou-o com uma palmada nos ombros:

— Acorda, homem!

— Ah! É você? Antes me dissesse: dorme. Porque eu estava acordado para a contemplação da Vida.

— Diga antes: para a fisionomia do século. Que sabe você da vida, se não o que tem lido nos livros? Não se pode compreender como espectador, nem como crítico. O pensamento é arbitrário e pretensioso: é preciso sentir, para entender.

— É por isso que você vai fazer a sua reportagem na vida, entrando para a carreira policial? — perguntou Mano com ironia.

Milhomens disse:

— Homem artificial e artificioso!

— Por que?

— Pode lá o repórter compreender alguma coisa do assunto da sua reportagem? É preciso viver o assunto. Vivê-lo, até à dor. Longe o espírito da pesquisa! Longe os canhenhos e os lápis e todas as perguntas e questionários, para apanhar a vida no seu flagrante! Como tem você conversado com a vida, Mano?

— Sentindo-lhe o trágico desfile e angústia perene, porque a estudo.

— A dor que vem do pensamento — ponderou Edmundo — não vale o pensamento que se origina na dor. Vive, Mano! Mas vive integralmente. Vive todas as formas da vida, pela submissão mais completa às condições que te forem impostas. Não fujas das forças de coação, das pequenas tiranias que determinam a feição das horas e as atitudes dos minutos. Não fujas nos livros, nem nas viagens que o teu próprio desejo determine; e, querendo viver, não procures a Vida; deixa que ela te procure e te leve. É a única maneira de se poder falar aos astros alguma coisa inédita . . .

Edmundo Milhomens era o nervo sensível das pequeninas tragédias.

Mano, filho de um alferes da polícia e de uma mulata dengosa de Campinas, derivava, pelo pai, de uma família de militares e eclesiásticos, sem raízes profundas de afetos do sangue nem contato apertado com a terra.

Seus tios emboloraram nas sacristias ou nos quartéis, lendo breviários ou fazendo continências, com uma visão regimental da existência. A mãe, Siá Ritinha, casara segunda vez com um agente de correio em Tremembé, e Mano fora fazer o tipógrafo numa oficina da rua da Liberdade, estudando de noite num colégio da rua Bresser. Cresceu em barba e talento, e surgiu redator do "Camartelo", que ventilava problemas.

Nunca mais tivera notícias da mãe; e o convívio com amigos que só palestravam sobre idéias gerais fizeram dele um homem de sentimentos gerais. Não conseguia tolerar conversas sobre fatos concretos da Grande Luta: Infantini a ouvir de um vendeiro analfabeto as dificuldades de crédito que esmagavam os pequenos comerciantes; Corrégio a escutar a história triste de de um colega da indústria de loções e pastas dentifrícias, que a casa de Paris arrastou à falência e que a falência arrastou à miséria. Ou a narrativa ingênua do caixeiro do Mappin que não pode casar porque o ordenado não chega.

Nem podia compreender que a amizade não se fizesse senão pela inteligência.

"Mano", dizia Edmundo, "ignora as pequeninas tramas da luta, as transigências insignificantes de conseqüências enormes de bondade ou de força; os fios misteriosos da heterogenidade das relações, na integração perfeita dos convívios quotidianos; a afinação do Ser, segundo todos os pontos de referência".

Porque Mano não sofrera, senão através dos personagens dos romances, e não aprendeu a desintegrar-se pelo sentimento, mas, apenas, pelo pensamento.

Edmundo Milhomens disse-lhe:

— Beija a vida na boca! Não fiques a olhar para os seus olhos!

Mano retrucou:

— O olhar é luz.

E Edmundo:

— O tato é certeza.

As lâmpadas brilhavam no crepúsculo urbano, como gotas de suor do dia comercial.

A noite de estrelas limpou a fuligem da testa da cidade mercantil.

O elevador pôs Edmundo Milhomens na rua. Infantini esperava-o, para a conversa da despedida.

Infantini era industrial e escrevia artigos econômicos. Fora colega de Edmundo na Faculdade. Com a velhice de Infantini Sênior, passara a gerir todas as fábricas do pai. Interessava-se por um movimento de renovação dos processos administrativos e políticos e sorria com desdém para a mentalidade estreita dos partidos imperantes.

No Clube Talvez, era olhado com desconfiança; mas todos se compraziam em escutá-lo sobre assuntos que interessavam Manfredo e Mano, operários; Américo, Bauer, Evangelino, artistas; e Corrêgio, que sentava diante dele exausto do dia aflito em que a sua pequena indústria de loções e pastas se comprimira sob o peso formidável da "Sociedade Anônima de Perfumes Infantini" e a pressão das carteiras de cobrança dos Bancos do Triângulo.

Infantini e Edmundo rodaram na Marmon luzente.

— Já viu o "Jornal Noturno"?

— Não.

— Veja:

"Zé Povo está esperando turumbamba grosso. O administrador desta fazenda, Senador Avestruz, está preparando uma vasta comedeira. O conhecido papaníqueis meteu-se numa negociação com um poderoso sindicato. Vejamos o que fará pelo Zé Povo o Dr. Becca, incansável porta-voz dos clamores populares, e o velho Rodrigo Jorge, o espantalho dos comilões. Para este, prepara-se uma surpresa, pois já foi nomeado para Bauru um delegado de confiança do Avestruz, habituado a dobrar a espinha e a engolir em seco".

— Que tal?

— Interessante.

— Sabe de quem é? Do Gavião Teixeira. Anda mordendo agora o Dr. Becca. E morde grosso.

Gavião Teixeira — presidente do Clube Talvez — era o jornalista. Tinha trabalhado, ainda estudante de direito, no “Jornal do Brasil”, onde fazia a reportagem policial. Quando apareceu a “Gazeta do Rio”, que atacava o governo Hermes violentamente, Gavião revelou-se pelo chiste de suas notas. A “Gazeta”, alguns meses depois, mudou de proprietários, agora hermistas, e foi o próprio general Pinheiro Machado, quem, batendo nos ombros de Gavião, dissera: “Você fica, menino, você tem talento”.

Esse episódio deu a Gavião Teixeira uma auréola de superioridade. Passou a ser temido. Sabia ridicularizar e sabia ir até ao fundo, à reputação, à honra do adversário.

Durante o governo Venceslau, foi pinheirista, e pôde conhecer segredos e intimidades dos homens que freqüentavam o Morro da Graça. Até presenciara um dia o Leão dos Pampas ordenar a um Ministro de Estado que lhe fosse buscar (eles estavam na sala de bilhar) um livro — terceiro armário, quarta fileira — na biblioteca. E o titular foi e veio, vexado, com o livro nas mãos.

Esses pormenores valeram ao Gavião quando, após a morte de Pinheiro, mudou de orientação política. Foi governista várias vezes e oposicionista outras tantas.

Gavião jamais emitira um conceito, uma opinião, a não ser em forma de blague. E com um sorriso. De maneira que nunca se sabia quando ele falava sério.

Ridicularizava os indivíduos que tinham o mau gosto de falar de problemas. As vezes, Gavião citava algum autor, para entreabrir, a olhos amedrontados de políticos, os reposteiros da sua erudição. Mas mudava logo de assunto, estrategicamente.

Um dia, discutia-se no Automóvel Clube, a questão do livre-cambismo. Gavião tivera o infortúnio de entrar nesse momento.

— Que diz, Gavião? Você é pelo protecionismo?

O jornalista sorriu com desdém:

— Sou pela feijoada à carioca, meus caros. Foi o que almocei, agora, com o Senador Felisberto, que por sinal, me contou uma esplêndida anedota de Pernambuco.

E repetiu a anedota.

Aquele ar de superioridade esmagava os políticos.

No meio dos intelectuais, Gavião andava cheio de cautelas. Sua leitura era limitadíssima. Seus conhecimentos literários não iam além de Eça de Queirós, contos de Artur de Azevedo, umas traduções de contos franceses. Foi lendo revistas e jornais, que organizou um pequeno caderninho, abecedário, que sabia mais ou menos de cor, para as citações. Mas Gavião Teixeira teve o seu grande momento. Estalou a revolução literária e, de todos os recantos do país, vozes jovens gritavam: "incendiemos as bibliotecas! guerra à velha cultura!" Para Gavião Teixeira, aquilo era a salvação. Não suspeitava que todo o movimento chamado futurista, anticultural, era uma revolução em prol de uma cultura mais profunda. Para Gavião Teixeira, era a libertação de um pesadelo. A morte do soneto, que nunca soubera fazer e do estilo sério, que jamais soubera compor.

— Abaixo a língua de Camões! — berrava o Gavião, superiormente. — Viva o calão da Favela!

Agora, podia doutrinar gloriosamente:

— Deixemos de conversas pedantes, de citações e erudições passadistas.

E o curioso é que Gavião tomou lugar notável entre os vanguardistas. Fez versos:

*Mulato dos dengues e sambas,
— meu coração
é um abacate roxo —
olha a faca do Bamba
pernambucana.*

Brilhou como um *nouveau-riche* da literatura inaugural. Deu empurrões, ficou na frente. E o seu prestígio cresceu porque, agora, até atacava a Academia Brasileira de Letras. Os políticos ficaram mais medrosos. "Esta mocidade é irreverente", dizia pálido um ilustre ministro.

Gavião, depois de um estágio em folhas governistas, entrou como co-proprietário do "Jornal Noturno". A cousa vinha rendendo, através de sua carreira movimentada. Todo o segredo de Gavião era ferir os "fatos", sem nunca emitir uma opinião de ordem geral. Antípoda da inteligência panorâmica de Mano, ele não o fazia malevolamente. Agia assim, pela incapacidade do próprio espírito. E ia vencendo.

— Sob certos pontos de vista, — dizia Edmundo a Marcos — a ignorância é uma condição de êxito. Gavião é temido.

Ao que Marcos retrucou:

— Os homens temem, em geral, as coisas que não oferecem perigo. É por isso que se possibilitam as verdadeiras catástrofes. Porque não são suspeitadas. E nunca se sabe o lado pelo qual elas devem chegar . . .

Antes do jantar retardado, foram à estação do Norte, que Avelino Prazeres ia para o Rio.

No embarque do senador de chapéu do Chile e charuto apareceram um moço de palheta de sorriso importante, uma cara avermelhada com ares de capitalista, uns sujeitos de amabilidades. Passou um deputado de guarda-chuva, e uma senhora de pescoço comprido foi reverenciada com mesura nas apresentações curvilíneas que minuetavam. Um colega senador esboçava sorrisos confrades e arregalava distraído no sobretudo bojudado o *pince-nez* pendulando no cordão preto. Indivíduos sem importância, botinas cambaias, gravatas tortas, pombeavam, rondando com olhos compridos de desempregados, silhuetas eminentes como decretos de nomeação.

O apito trilou. Quatro continências de farda cáqui encipoadas de distintivos e fitas lilazes mandaram o *brevet* do prestígio governamental a Avelino Prazeres.

E o trem partiu na noite indiferente.

A cena da despedida deixou um rasto de conversas e inícios de relações eventuais na gare dos pingentes de gás da iluminação cor de sono da plataforma alongada como um adeus bocejado . . .

— Então! Foram ao embarque do Papai Grande? — gritou uma voz numa risada camarada.

Era o Gavião Teixeira, que jantava numa mesa próxima, com Laurentino Canoa. O jornalista farejava, junto ao “braço direito” de Avelino, o efeito da local do “Jornal Noturno” e as possibilidades das cavações e arrolhamentos gostosos.

— Esteve lá também? Não vi — fez Infantini.

— Como não? Sou velho amigo do senador, apesar do meu credo político. Eu falava exatamente ao Dr. Laurentino do desgosto que me causou a local de hoje no “Noturno”. Mas tudo se arranjará.

Reuniram-se à saída. Milhomens queria recolher-se mais cedo, passar as últimas horas em casa. Deixou-os no grande baile do Santa Helena, promovido em benefício do Leprosário do Guapira.

Estava-se no mês do Carnaval e a alegria nervosa do tríduo próximo pirilampeava centelhas de febre no ar morno de jazz e cheiro feminino de suores distintíssimos.

Canoa saiu agarrado a uma das filhas do Dr. Antoninho, de reboleios macios de seda, que agitavam nas entradas bemóis, ou das síncope preludiantes dos *tours*, a cabeleira *à la homme* e os seios conchegados. E todos os pares passeavam, assim, o passo gigante de intercadência e pulsações no ritmo do *fox* lascivo.

Mas, de repente, os negros beijudos do estrado romperam a alucinação selvagem do *charleston*.

Pisca-piscavam as lâmpadas-tinturaria e um gosto de estricnina retorcia os instintos como saxofones. Ultra-sexualizava-se, no bambo eunuquismo coletivo dos gestos desordenados, o lirismo sensual da música e dos passos.

Edmundo, na rua, onde o rádio gritava: “Sharkey, campeão da América por nocaute! Quinto assalto” — olhou a massa negra dos automóveis apinhados como um regimento.

E, sob as estrelas que coroavam os arranha-céus, sentiu a presença tangível do Século . . .

Em casa, abriu a vida de Miguel Ângelo Buonarroti, de Romain Rolland. Desinteressou-se. E leu as notícias pormenorizadas da prova anual de bicicleta, ao redor da França . . .

XI

A POEIRA DO TEMPO

A vitrola do 68 acordou gemendo uma Ramona triste no quarteirão soturno picado de fonfons longes e zumbidos amortecidos de bondes.

O domingo cansado cansava na rua quieta e oprimida de calor.

Dona Vidoca arrumava a mala com vontade de chorar. Estendeu umas camisas, contou que eram dez e que a riscadinha de azul não ia porque os punhos estavam rustidos.

— Cuidado para não te furtarem as roupas. Os lenços são quinze. Tome nota.

Edmundo, distraído, alisava o dorso pardo da Fifi ronronante, que se enroscara sobre a cadeira. E convinha que, no fundo, a vida era triste. Apesar de todo o otimismo pagão de Marcos, do conforto de Infantini, do materialismo de Mano e Manfredo, da inspiração criadora de Tupã.

Sim, a vida era triste. Uma tristeza inconsciente de ingenuidades que não se sabiam dolorosas. A puerilidade das coisas graves. Os dramazinhos familiares.

— As meninas já vieram do cinema?

— Ainda é cedo, meu filho.

Silêncio, tim-tim de xícaras amassado de passos, que Dona Vidoca preparava o chá.

Visão panorâmica de espectador e comparsa. Percepção íntima de sócio de todas as amarguras.

De manhã, à frente do Senador Avelino, percebera, num centésimo de minuto, que o prestigioso político sofria. Talvez a surda revelação da “consciência do inconsciente”, que gritava como uma voz que estivesse dentro de uma pedra: “grande hipócrita!”

Devia existir uma consciência do inconsciente, dolorosa e cruel no fundo de todas as situações. Se ela um dia falasse, como seria horrível o reconhecimento das atitudes exatas, das fisionomias precisas, das linhas componentes dos gestos!

A vitrola ressuscitou roufenha a voz de Caruso, como um espectro volumoso.

O sorriso de Pluto, dobrado pela corcunda, com seu álbum riquíssimo de estrelas de cinema. E os versinhos de amor, que mandava em cartões postais, a Ondina, com quem havia de se casar, dizia. Na bela Cadillac, pelas chispadas na tarde de luz — pobre Pluto! pobre Pluto! a sua obsessão pela Mulher e pelo Amor! — agarrava-se ao volante, como quem agarrava a Vida pelas crinas, o cavalo de asas desespero: rrrrrrrrrrrrr . . .

Mano, querendo salvar o mundo, pôr não ter conhecido as raízes dos íntimos afetos. Sem carinhos de mãe, sem o calor suave de um lar.

Saindo do almoço, na Cidade, vira um casal. Corrégio. Esperam o bonde e o bonde não vem.

— Não será melhor . . .

(Os pés ardendo).

— O que?

(Ele ganha tão pouco, trabalha muito . . .).

— Não é nada.

— Diga, Zita.

— Pensei em tomarmos um táxi, mas . . .

— Pois vamos.

(Iminência de um sacrifício).

— Ora! O bonde é mais divertido. Pra que táxi?

É nesse instante que ela percebe que os olhos de Corrêgio meio falido estão sofrendo o pudor da inferioridade diante da esposa. Ele pode, talvez, suspeitar que ela se lembre da irmã casada a quem o marido comprou uma bela máquina. Apressa-se:

— É mesmo. Vamos de táxi.

Sacrifício mútuo, na alegria mútua da abnegação disfarçada que faz o consolo dos convívios e a virtude, toda tecida de mentirinhas que vêm das chagas de Cristo para as bem-aventuranças anônimas...

No fundo das felicidades, o inconsciente guardando o ridículo, que deveria doer tanto...

O comerciante da casa de moda, de três pagamentos e 82 empregados fala carrancudo ao seu gerente. Às vezes, concede sorrisos de benevolência.

Coitado! Se soubesse que as estrelas não sabem dele!

Entretanto, tratá-lo segundo o conceito em que ele próprio se tem não altera de um milímetro a trajetória do Sol.

E o faz feliz.

Era assim a Alma-Antena de Edmundo Milhomens. Que sabia tudo...

A vitrola calou. Um transeunte passou assobiando. Recaiu o silêncio. E, no silêncio um olhar formidável ficou parado, olhando.

De onde vinha?

Foi no sábado, no Tesouro. Dona Idalina, a velha sogra do Camurça, alta e magra, cabelos brancos.

— Boa tarde, Dona Idalina.

O olhar saltado e duro na face encarquilhada exprimia a palavra “ainda”. E “ainda”, tinha, às vezes, uma inquietação de “quem sabe?”

O empregado gritou:

— Dona Idalina Felisbina Ferreira Maldonado!

— Sou eu!

Manquitolando, apoiada ao bastão, aproximou-se, e a mão magra de veias saltadas pegou a caneta sobre o papel da cor do rosto. Edmundo tinha visto, três horas antes, Avelino Prazeres depositar cento e vinte contos no Banco do Comércio.

— É a senhora que recebe a pensão do tenente Maldonado?

Com um sorriso orgulhoso de milionária, Dona Idalina disse:

— Sim, sou eu sim, senhor, era meu marido.

O empregado passou-lhe uma nota de cem, uma de dez e 3\$200 em níqueis. A velhinha sorriu, como quem premedita uma grande farra. Edmundo ofereceu-se para acompanhá-la. Aceitou. Foram a uma casa de fazendas da rua 15. Os tecidos pretos eram todos caros. Comprou três metros de gorgorão.

Edmundo olhava o empregado medindo o corte, e pensou no coveiro medindo a cova para o guardar.

Agora umas coisinhas para o genro, para as netas. E doces. Para escutar de noite: “vovó é boa”. E sorrir gostoso.

Manquitolando, manquitolando. De bonde, para não gastar muito. E toda a tarde de Milhomens ficou iluminada por aquele grande olhar de Dona Idalina.

Uma velha de *pince-nez* passou numa Rolls-Royce bufante com um chofer de galões e o criado de libré. Capota descida, voaram nas asas de uma Hupmobile, sobre o Viaduto, três graças de vestidos cor da tarde chamejantes ao vento. Depois, o crepúsculo de ouro, a limpidez do céu, e a vista alongada da alta janela do Clube Talvez.

Mano, Infantini, Avelino Prazeres, o Canoa, o Gavião; e o baile turuna do Santa Helena.

Visão da Grande Marcha.

Crescia nos seus sentidos o *charleston* clamante.

E, atrás dele, a sucessão milenária das atitudes diante dos astros. A Humanidade veio vindo dançando a sua dança. Gestos geométricos do Egito; o senso das linhas gregas; séquitos pesados e apóstrofes redondas de Roma; a angulosidade nórdica; a suavidade cristã; a procissão semitрева das inquietudes medievais; o riso claro do novo paganismo; os arrancos iluminados da Descoberta; a agitação sangrenta com a mesura ajoelhada das guilhotinas; e a suavidade dos ritmos românticos; e as primeiras e as finais dissipações das névoas líricas.

Cada atitude era uma pergunta às mudas estrelas; e cada pergunta determinava um ritmo, que era a sua linguagem.

A indumentária, a música, a dança, os costumes, as artes, vieram vindo, até ao aeroplano e o rádio reproduzindo com linguagens novas a mesma pergunta às estrelas.

E os astros nunca disseram nada; e a Humanidade veio vindo dançando a sua dança: braços rígidos, horizontais, de conquistas; braços curvos de açoitar; braços abertos de Cristo; braços caídos de escravos; passos de guerreiros duros; passos de santos, suaves; ritmos ondulados de civilizações voluptuosas, bamboleios de épocas sensuais. Marcha para o delírio. A dança acelera o ritmo. Eletrização dos gestos, gargalhadas trágicas. Síncopes.

O século XX chegou gesticulando e rindo. Movimentos reflexos hílares da Grande Dor. Como as coisas engraçadas que os enfermos das febres entorpecentes fazem e dizem nas horas tenebrosas em que os enfermeiros riem, para espantar o medo . . .

— Está pronto o chá, filhinho.

XII

PLUTO, O CORCUNDA

aut. de S. Paulo
— Sr. Pluto, isso de automóveis é com o senhor, que é moço. Invejo a sua juventude e o seu futuro. O senhor é um dos rapazes que em S. Paulo não encontram muitos competidores.

— Não é tanto assim, Dr. Antoninho.

— Não é? Que lhe falta?

— O automobilismo, para mim, é um passatempo, um consolo...

O Dr. Antoninho piscou o olho direito:

— Já sei o que lhe falta . . . compreendo; mas isso é o que há de mais simples . . .

E mandou um risinho a Ondina, que mordeu os lábios olhando para Odila.

O Pluto estava meio embaçado. E esquecia, no conchêgo do lar do Dr. Antoninho, a fatalidade da sua corcunda. As meninas conversavam com ele, afetando aquele coquetismo que o fazia igual a todos os outros rapazes da sua idade. Sentia-se com tanto direito à vida e à felicidade, como os seus companheiros.

Num instante, em que Ondina lhe falou de certa passagem do filme de Greta Garbo que o Alhambra estava levando, mandou-lhe a pequena um olhar, a cabeça meio curvada, que lhe pareceu uma luz de segredo. Estremeceram alegrias longínquas.

Com risadas, referiram-se ao namoro de uma filha do Camurça, a Graciosa, com o filho milionário de um salsicheiro do Brás.

— Tem a perna torta — comentou a Odete.

— Também, coitada . . . — E riram.

À lembrança do defeito do outro, Pluto sentiu uma impressão de queda. E lembrou-se da desgraça que trazia na trouxa

dos ombros. Elas não perceberam; pareciam nem se recordar da corcunda de Pluto; e houve nisso uma íntima alegria de criminoso, que passa incólume por entre policiais.

O Dr. Antoninho falou da educação esmerada das filhas. Para quem não pode legar fortuna, dizia, é essa a melhor herança.

— Minhas filhas, Sr. Pluto, — disse a Sra. Antoninho — não é por dizer, mas têm uma educação austera.

Q Pluto levou-as no automóvel ao baile do Clube das Madressilvas onde a Nina não gostava, contava que não era direito. O Dr. Antoninho voltou para a poltrona e disse, lambendo os beiços, a Dona Antoninha, que fazia tricô:

— Excelente rapaz.

E, num dar de mãos e de beijo:

— Sem orgulho, sem empáfia . . .

E fixou, examinando, a cara da mulher.

Dona Antoninha desferiu um “direto”:

— Isso de corcunda não tem importância.

— Sim, cada um como Deus o fez.

Silêncio tique-taque do relógio irônico. E o doutor:

— Ondina, parece . . . quer-me parecer que . . .

Dona Antoninha:

— Parece . . .

E sorriram.

— Puxa, que estou triste!

E as risadas gostosas de Naná sacudiram o ar de fumaça do bordel. Cigarros. Vitrola. E Infantini disse ao Mano:

— A Naná é alegre; ri sem cessar, como todas as Nanás. Estas casas têm sempre a *causeuse*, que pode ser espevitada, com trocadilhos imorais e sestros, ou abemolada em bamboleos de histórias para rir. E as sereias, de mistérios de olhares que perfuram. E as Nanás, que riem, e bebem.

— Ó Naná, onde está seu *gigolô* crônico?

— Dei o fora.

— Mas ele te fez um filho — disse uma loura.

Risadas.

— É verdade (uma leve tristeza crônica) mas morreu com um ano e meio (um muchocho. E . . .)

Outra risada:

— Dizem que as mulheres como você não têm alma, Naná.

— Devem ter. É que não percebem.

— Mais champanha — gritou Madame Adelaide, para o garção.

Roncou um auto na rua.

— O Pluto! O Pluto! Abram champanha!

— Meu mascotezinho! — chuchurriu a Cozette de olhos brunos e braços brancos.

Infantini cumprimentou o corcunda, apresentou-lhe Mano, cochichando aos ouvidos deste: “milionário” . . . Pluto fixou desconfiado a cara mulata de Mano.

Ferveu a alegria e Pluto sentia-se feliz. A sua Cozette amava-o sinceramente. Também, já gastara com ela mais de cem contos de réis. Era meiga e ardente. Naná, vendo-os enroscados num abraço, bebendo pela mesma taça, exclamou:

— Olhe os dois pombinhos!

À madrugada, saíram juntos Infantini, Mano e Pluto. E Mano desenvolvia uma tese sobre a prostituição, consequência, dizia, do regime capitalista.

No Clube Talvez começou a aparecer a figura retorcida de Pluto. Passou a tomar parte nas palestras que glosavam a vida cidadina do ponto de vista daquele décimo oitavo andar.

Marcos inspirava-lhe um espírito de coragem e de luta que ele desabafava no volante da sua máquina doida que chispava ao sol como uma fuga de realidades acabrunhantes. Marcos era a

própria vitória das forças, na sua castidade de arcanjo, no claro sorriso saudável: — a plástica, o desempenho, o espírito vertical e o olhar agudo. Era a própria mocidade pagã.

Por outro lado, Mano, comunista convicto, explicava-lhe um mundo diferente do de Marcos: uma resignação a materialidades imprescritíveis. Tudo se reduzia ao problema econômico, que nivelava amplamente todas as possibilidades. A felicidade humana era uma questão de estatística. A fórmula filosófica seria um sistema de administração, de distribuição.

Este, não o levava à audácia louca das corridas furiosas da Cadillac delirante; mas mandava-o, sem o perceber, recolhido como um pássaro medroso, ao reduto do seu dinheiro e aos braços lascivos de Cozette.

Só Evangelino Tupã, o músico, fazia-o encontrar, no fundo do corpo defeituoso, do seu irremediável aleijão, alguma coisa, perfeita e grande, que independia de todas as desgraças e de todas as ordens sociais.

Evangelino Tupã abria os olhos de Pluto à contemplação de mundos novos. Interpretava os gênios musicais e Pluto descobria em si mesmo motivos ignorados de beleza.

E um despertar de forças obscuras justificava a sua existência no Universo.

— Vocês nunca o compreenderão — disse Tupã a Mano e Marcos.

— Não posso sacrificar a humanidade ao Pluto — dizia Mano.

Tupã respondeu:

— Pluto é a Humanidade.

— Meu caro amigo, a fórmula será essa; prefiro falar claramente. O assunto é delicado. Além do mais, eu . . . ignorava qualquer simpatia de seu filho . . .

O senador Avelino explicou: considerava uma honra para si e os seus, e contava, dadas as informações colhidas, que ambos seriam felizes . . .

Rodrigo Jorge declarou que iria consultar a filha.

O Dr. Antoninho confiou à esposa, pondo o sobretudo e o chapéu na chapeleira, à hora de jantar:

— O Avelino Prazeres tratou-me hoje secamente. “Bom dia, bom dia. Como passa?” E mais nada.

Ficaram calados. Antoninho afundou na poltrona:

— Que vá plantar batatas!

Pluto sonhou que era príncipe formoso e dançava o *fox-trot* com a Ondina no conventilho de Dona Adelaide, que era em Nova York, mas perto do canal de Veneza.

O Doge chegou numa Dodge e disse que Miguel Zevaco não esteve em Hollywood. Então, o Dr. Antoninho, cofiando a barba, disse ao Mano:

— Veja que lindo par.

E Laurentino Canoa respondia, com a música da “rola”:

— Assim que é!

XIII

QUE ANGÚSTIA É ESSA?

Caía uma chuva fina de tédio.

Mano tinha de ir à assembléia dos gráficos, onde a voz tonitrante de Solidônio pulverizava todos os pensamentos construtores que Manfredo insinuava do alto da gravata borboleta. Na palidez sombria dos olhos turvos, Solidônio era o poeta soturno da dinamite. Na sua voz cava sentiam-se peles equimadas de opressões e humilhadas fomes ancestrais.

Da saleta escura do *chateau* que trepava num morro nu, Mano olhava desenrolando-se no chuvisqueiro a ondulação construída das colinas urbanas. O Jaraguá enevoado era a guarda avançada da terra, vigiando inutilmente a cidade invasora e fuliginosa.

Além do Jaraguá, a Terra Grande . . . O país que ele não conhecia. Locomotivas como raios divergentes partindo do sol imenso . . .

Na chuva pinga-pingando, a noite diluía-se sobre a grande urbe. Pelo vasto horizonte de chumbo destacado no amarelo morto do poente, acinzentavam-se os quarteirões quilométrais.

A Cidade abriu na treva as constelações insones dos olhos voltaicos. Na multidão dos postes negros de cabeça fosfórea, destacavam-se as grandes artérias, avenidas e ruas elétricas como vias-lácteas marcando os rumos das aglomerações ambiciosas. As últimas luzes ensurdinavam-se nos campos longes dissolvidos no espaço negro.

Para onde vai a Cidade? Para onde? Ela caminha em todos os sentidos, para a terra e para o céu. E é preciso acompanhar a marcha da Cidade; a vida deve ir se conformando com a sua marcha . . .

Acendeu a lâmpada pendulante sem abajur: apareceu a cama de ferro, as duas estantes de brochuras.

O Jaraguá, coberto por uma nuvem, era o pano de boca dos *binterlands* selvagens. Mano, porém, não poderia nunca penetrar a simbólica do Jaraguá. Compreenderia melhor uma lino-tipo, que não tinha segredos para ele. Sozinho no mundo, conversava com a sua máquina, que lhe dava decifrado o sentido do instante e explicava a sua integração no meio circunstancial.

Mano era o resultado de compressões coletivas. Individualizara-se por constrangimento, com a passividade da água nos vasos. Como diferia de Marcos, que se definia por imposições interiores, fazendo de sua pessoa o conjunto das formas que saem de dentro para fora! As idéias sociais de Marcos surdiam como os terrenos vulcânicos, comoções telúricas de forças interiores. As suas conformaram-se à fatalidade das estratificações. Mas, principalmente, como era diverso de Edmundo Milhomens! Milhomens parecia um mundo em elaboração permanente. Tinha os olhos multitudinários de Árgus e os sentidos multiplicados para observar as Coisas em todas as suas posições e segundo todas as gradações do instante . . .

Na meia treva da rua, viu Mano uma cabeça de jovem batida pelos reflexos da luz da janela.

— É ele! — exclamou precipitando-se para a porta.

Não viu nada. Um arrepio passou-lhe pela raiz dos cabelos.

— Esquisito . . .

Pondo o chapéu para sair, sorriu para consigo:

— Parecemos sugestionados pelo Mirabelli; frequentadores crédulos de sessões espíritas . . .

Na reunião dos gráficos contaram coisas de operários e fábricas. Tinha-se de eleger um novo secretário, em substituição de Antônio Lopes, que entrara como co-proprietário nas Grandes Oficinas Ipiranga. Não se sabia bem como fora aquilo: chefe de impressores, gerente, interessado, e, ao reorganizar-se o estabelecimento, após uma concordata amigável — patrão. O Lopes começara como formista esfarrapado, dormindo num sótão de ratos e baratas da rua Piratininga. Conquistara, simultaneamente, prestígio na classe e junto aos chefes. Quando andou noivo, sem recursos, foi um dos incendiários da grande greve; depois, reconcentrou-se, a mulher incutiu-lhe gosto pelos arranjos do lar, sugeriu-lhe a lembrança de comprarem uma casa pequena e possuírem uma fordeca para os domingos excursionais. Diziam que ele desviava materiais altas horas da noite, pois tinha a chave; diziam que abafava dinheiro de contas pagas na ausência dos patrões. Mas, de certo, eram más línguas. O fato é que uma concepção diferente da existência foi-lhe apagando os ímpetos nas sessões agitadas. Por fim, tornou-se menos assíduo; e, agora, o ofício da demissão.

Solidônio teorizou com os punhos sebosos. Manfredo retrucou chamando-o romântico. E Mano interveio expondo planos.

Assim, chegou a meia-noite, e ficou adiada a eleição do novo secretário e a resolução do caso de uma família desempregada que estava com mandado de despejo rosnando na porta de batentes encarvoados e ensebados de mãos.

Mano foi ainda ao Clube Talvez, atravessando as ruas de garoa, carregando na memória a vaga tristeza das feições açafroadas de luz exígua, moventes no ar entabacado da sala branca de cigarros.

— Ô criatura soturna! — disse-lhe Marcos.

Marcos estava alegre. Escrevera esse dia, para o seu jornal, um artigo otimista como uma legião triunfal. Não podia aceitar a vida de outra maneira: a festa da energia e da beleza. Exclamava:

— Só a Alegria salvará a Humanidade. Não a alegria desarticulada e frenética das danças selvagens, das canções canalhas, da algaravia bruaca de intoxicados dos teatros ligeiros, dos *dancings*, das luzes delirantes dos quadros noturnos nevrosados . . . Mas a alegria, harmonia dos Seres, saúde da alma, *regina laetitia*, ritmo eterno das forças perenes tranqüilas nas formas efêmeras . . . A vida do homem deve ser como um grande meteoro, que se extingue num clarão . . .

— Sonhador! — disse-lhe Mano. — O problema está em repartir com a imensa tristeza a escassa alegria.

Marcos respondeu:

— Não importa repartir, mas gerar a alegria. O pensamento é triste; só a ação é alegre. A criança é alegre porque está em ação de crescer; o adulto é triste porque está em função de pensar.

— Pois comigo é na batata! — gritou Gavião Teixeira, malhando sobre a mesa várias pelegas de quinhentos e de um conto de réis, que retirou logo para o bolso.

E comentou:

— Sim, senhores; os senhores vivem aí discutindo, mas eu não sei onde está essa inteligência. A finalidade desta vida é vivê-la o melhor possível, e o animal humano que melhor o faz é o mais inteligente. Pois comigo, olhem: fiz dez papagaios e obriguei o Dr. Becca a botar o endosso. Sabem? Ele me viu o outro dia com o Laurentino Canoa.

— E a situação política do jornal? — perguntou Evangelino Tupã, que conversava com o Corrégio.

— Independente, já se sabe. Por isso a oposição tem de se portar muito direitinho; e o governo, também. Agora ando numa caçada. Coisas do Avelino Prazeres, um escândalo que vai estourar.

Todos o ouviam com um vago sorriso irônico. Só Gomes de Arruda, o zangão, dono do Clube, acendia um ar de admiração pelo sócio da espelunca. Lá dentro, ouviam-se as vozes dos parceiros do pôquer, os tacos guinchantes e o plec-plec das fichas. Gomes de Arruda fixava o Gavião e passeava o olhar pelos outros, como quem diz:

— Isso é que é tino, seus poetas bobos!

Na saleta, ao lado, Gavião chamou Arruda de parte.

— Sabes? A polícia está de olho.

Arruda arregalou os olhos atrás dos óculos.

— Essa polícia precisa é ver os *cabarés*, que andam na “poeira”, e os Automóveis Clubes, onde se joga à vontade, e os Clubes Republicanos, onde há políticos!

— O caso não é do jogo, seu Arruda. Mas você tem aí esses vagabundos, que discutem anarquismo, entendeu? Aqui frequentam até comunistas...

— Pois botamos para fora, aos pontapés!

— É pior; vão para os jornais e denunciam o campista, o jaburu... Olhe: o melhor é você me passar quinhentos mil réis e eu irei...

— Esse delegado está me comendo todo o barato!

— Que quer, meu amigo? Também a amante lhe come todas as gorjetas — fez o Gavião, enfiando a cédula na algibeira profunda, rindo-se da autoridade caluniada torpemente por ele e do Arruda trouxe, que ia no arrastão.

E zarpou, para escrever — disse — um suelto contra as imoralidades do P.R.P..

Arruda, enfarruscado, pôs o chapéu e saiu. Dirigiu-se à Delegacia de Ordem Política e Social, granjear as boas graças dos elementos conservadores. Ele odiava as idéias comunistas com todas as forças do seu instinto de conservação. Na sua ignorância, o subconsciente lhe segredava que Lênine não lhe permitiria explorar, através do barato, os comensais que traziam dinheiro no bolso. Era solidário com a classe dos abastados, dos potentados, dos políticos dominantes, com a religião austera, a aristocracia, bispos e condes, generais e senadores, ministros e magistrados, e até com as autoridades policiais. Porque era essa máquina organizada, de um materialismo tão evidente nas suas engrenagens, que permitia a existência de profissões como a sua.

Meia hora depois, chegaram dois sujeitos, um amarelado, de cara bexigosa e nariz comprido; o outro, preto de beiçorra e

ares violentos. O de cara amarelada dizia, no topo da escada:

— Você faz o serviço, Aleixo.

O preto impou o busto. Sorriu voluptuosamente.

(As velhas fazendas paulistas, engenhos de Pernambuco, lavouras da Bahia e Minas . . . Os negros comendo angu, no sol alto, junto dos muros compridos. E cangas para não fugir. E bolas de ferro nos pés, para não fugir. E feitores de olho vivo. E cablocozinhos malvados “amarra-negros”; e capitães-do-mato, de chilenas e botas, de chicote, de faca e garrucha de dois canos . . . A Polícia aproveitava para o seu serviço a cólera ancestral que vinha dos séculos da escravidão. Industrializava, captando-a, a força obscura, indistinta, das vinditas que vieram subterraneamente das senzalas, dos dias degradantes . . .)

Aleixo entrou de chofre na sala.

— Sr. Hermano Aroeira. . .

— Sou eu — disse Mano.

— Faz favor de nos acompanhar.

Todos olharam perplexos.

A bastilha do Cambuci!

Caiu uma tristeza imensa na saleta agora silenciosa.

Arruda, que chegava, mostrou-se surpreendido. Aquilo desgostava. Estava disposto a fechar o Clube.

— É pena, — comentou Tupã — porque é um ponto de reunião muito curioso: aqui se encontram amigos de mundos diferentes: das altas camadas; das vasas da metrópole.

Infantini, que acabava de entrar, opôs:

— A originalidade do nosso convívio está na eleição mútua de nossos espíritos, não na diversidade social dos frequentadores. No Automóvel Clube, para onde irei daqui a pouco, também se cruzam aristocracias decaídas e plebeísmos guindados; cérebros brancos de ricos ingênuos, mentalidades práticas e claras de industriais, de homens de imprensa, sensibilidades de estetas refinados, genealogias preclaras e origens obscuras. Mas todos são tipos estandardizados. Nós, aqui, somos a expressão bárbara, como o mundo político e as massas populares. É a razão por que me agrada o Clube Talvez.

— Realmente, — concluiu Téo (o professor de literatura) — eu vim hoje do palacete de Madame Palet; Mano de uma reunião

— Só a Alegria salvará a Humanidade. Não a alegria desarticulada e frenética das danças selvagens, das canções canalhas, da algaravia bruaca de intoxicados dos teatros ligeiros, dos *dancings*, das luzes delirantes dos quadros noturnos nevrosados . . . Mas a alegria, harmonia dos Seres, saúde da alma, *regina laetitia*, ritmo eterno das forças perenes tranqüilas nas formas efêmeras . . . A vida do homem deve ser como um grande meteoro, que se extingue num clarão . . .

— Sonhador! — disse-lhe Mano. — O problema está em repartir com a imensa tristeza a escassa alegria.

Marcos respondeu:

— Não importa repartir, mas gerar a alegria. O pensamento é triste; só a ação é alegre. A criança é alegre porque está em ação de crescer; o adulto é triste porque está em função de pensar.

— Pois comigo é na batata! — gritou Gavião Teixeira, malhando sobre a mesa várias pelegas de quinhentos e de um conto de réis, que retirou logo para o bolso.

E comentou:

— Sim, senhores; os senhores vivem aí discutindo, mas eu não sei onde está essa inteligência. A finalidade desta vida é vivê-la o melhor possível, e o animal humano que melhor o faz é o mais inteligente. Pois comigo, olhem: fiz dez papagaios e obriguei o Dr. Becca a botar o endosso. Sabem? Ele me viu o outro dia com o Laurentino Canoa.

— E a situação política do jornal? — perguntou Evangelino Tupã, que conversava com o Corrégio.

— Independente, já se sabe. Por isso a oposição tem de se portar muito direitinho; e o governo, também. Agora ando numa caçada. Coisas do Avelino Prazeres, um escândalo que vai estourar.

Todos o ouviam com um vago sorriso irônico. Só Gomes de Arruda, o zangão, dono do Clube, acendia um ar de admiração pelo sócio da espelunca. Lá dentro, ouviam-se as vozes dos parceiros do pôquer, os tacos guinchantes e o plec-plec das fichas. Gomes de Arruda fixava o Gavião e passeava o olhar pelos outros, como quem diz:

— Isso é que é tino, seus poetas bobos!

dos jornais da noite. E, de algum remoto baile, chegou, abafado pela distância, pela neblina, o rumor de um *jazz* quase indistinto . . .

Instantâneas, no silêncio, cinco bocas se abriram unânimes, pensativas, como uma resposta:

— O *jazz* . . .

XIV

A ALMA DO GUICHÊ

Recepção em casa do banqueiro Pierre Lentier. Palácio mourisco, vastos tapetes persas, e o *fumoir* era uma sala d'armas com cimitarras lunares nas panóplias ostentativas de pompa sombria.

A luz macia dos *plafonniers* amaciava a discrição dos diálogos acutilados de "champagne". No *ball* jazzbandeava o sexteto etíope de beijorras dos fundos da Barra Funda. E a sala aberta de motivos orientais em tons laranja dourava a nuvem dos colos e braços arco-irizados de seda e notas sutis de perfumes. Cabeleiras *garçonnes* esvoaçantes como pássaros; os rios vermelhos de rostos morenos; a graça ingênua tufada de alvas bonecas louras, *made in Germany*.

Lentier, — a lapela condecorada — sorria, a barba judaica de Shylock lançado em contrafação de Paris. Bom francês, mandou carnes e cigarros aos *poilus* por preço abaixo do custo e ganhou na transação o suficiente para se fazer cavalheiro da Legião de Honra.

Infantini saiu num tango com a Elvirinha Rodrigo Jorge e veio, depois, encontrar-se com o Gomes de Barros num canto da sala de fumar. O Dr. Laurentino Canoa, que ali estava, representando Avelino Prazeres, conversava com o velho Senador Vilalta, mandando uns olhos, de relance, para o rei do café.

— Sinto um começo de velhice, meu caro Infantini.

— Velhice, com trinta e cinco anos?

— A vida do agricultor é angustiosa. Papai, ao morrer, deixou-me as fazendas em ótima situação. Mas, para mantê-las!

Passou a mão pela testa, como juntando o suor, e deu com os dedos.

— Vocês, industriais, é que estão de cima. Nós, é no duro, e o mal-estar é geral entre os fazendeiros. Felizmente . . .

Madame Lentier passou com um sorriso de recriminação: — não iam dançar?

Gomes de Barros continuava:

— Você é um felizardo. Não pensou ainda em casar-se?

— Não me ocorreu — disse Infantini. — Mas podemos já pensar nisso.

E riram.

Infantini perguntou:

— É certo o que andam falando?

— O que? De mim?

— De quem mais?

— Com franqueza, não vejo mal no negócio; aqui para nós não posso ir casando assim, sem mais nem menos . . .

— Está visto.

— Avelino Prazeres em ótima situação.

— Parece.

— Parece?

— Sim, está em boa situação.

Canoa, de longe, olhava. Lentier veio perguntar-lhes:

— Que dizem os senhores da música americana?

— É bem do nosso século — fez Gomes de Barros.

— Esta é boa! É gozada! — riu o doutor Canoa, com cara de palerma.

Gomes de Barros continuava, ao Infantini:

— Mas, acha você? Ela parece tão esquisita . . .

— Dizem que tem um *beguinzinho* — contou Infantini, sorrindo.

— Quanto a isso, é o de menos — fechou o outro.

Infantini, ao terminar um *fox*, ouviu a voz de D. Olga, a esposa do rico industrial Zamith:

— O senhor está em falta conosco! Não nos foi mais dar as lições de futurismo . . .

— Já vejo que está se interessando . . . Há de se converter . . .

Tita e Hebe se aproximaram, uma muito loura no vestido azul celeste, outra muito coroadada no ouro claro do corpete que se derramava no grande tufo esvoaçante da saia armada, como uma rosa invertida.

E falaram de Ardel, de Delly, de Féval, de Júlio Dantas e dos poetas azuis. Até que mlles. Ferreirinha entraram na apreciação de Pola Negri, de Mary Pickford e Douglas Fairbanks.

Veio um tango. Infantini saiu com uma delas e viu o Gomes de Barros tirar a Elvirinha. Pensou intimamente: — tola! o homem está quebrado!

O senador Vilalta discutia com o coronel Soares a superioridade da Vellasco sobre a Bataclã. *podem*

— A perder de vista, coronel!

— Bem; mas a Mistinguette. . . tenha paciência, essa é mais picante.

— Oh! Mas a espanhola de que lhe falei . . . (e disse uma coisa ao ouvido de Soares).

— Puxa! Mas os senhores ganham isso por dia! Podem. Agora, eu . . .

A senhora Vivacqua discorria a Madame Vilalta sobre a música de Rossini. Era uma apaixonada. Não podia compreender essa barbaridade de *fox e rag-times*. Madame concordava, mas dizia:

— Para mim, só mesmo o Caruso.

A *signora* Vivacqua era gorda e tinha uma verruguinha na face corada. Madame Vilalta era magra e empinada no vestido chupado com *lorgnon*, umas bichas reluzentes. Vigiava o marido com zelos e o senador Vilalta tamborilava a pançazinha que as mãos de artérias grossas cruzavam, como um defunto em pé.

O banqueiro Lentier dizia ao doutor Laurentino Canoa que era pela alta do câmbio. Tinha um plano, entretanto. E expunha-o, planejando-o transmitido ao senador Avelino Prazeres. Canoa, que nada entendia de finanças, aspeava: “Sim senhor, sim senhor”.

Sentaram-se todos no *fumoir* e puseram-se a falar de seus negócios. Ao passarem as taças de "champagne" pela sala, as senhoras tratavam de costureiros, de vestidos, de automóveis e de modas.

Os homens, no *fumoir*, comentavam, ainda, os seus negócios.

O *jazz-band* rompeu como um delírio, sacudindo os lustres, soprando os reposteiros. Um cheiro morno de mulher acumulava-se no ambiente insinuando-se através de perfumes discretos. Mas, nem as solicitações dos instintos acordavam a insensibilidade de pedra dos comparsas que trocavam impressões sobre assuntos da praça, ou, quando muito, sobre os assuntos políticos que poderiam influir na praça.

Infantini sentia-se isolado naquele meio de lunáticos, ignorantes completamente das forças sociais que nasciam do turbilhão das massas e iam refletir-se nas confusas expressões mentais do Clube Talvez. Certo que havia inquietudes personalíssimas em cada um dos convivas do palacete Lentier: mas a testa estreita das classes conservadoras não sabia ir além dos problemas imediatos, como o idealismo político dos situacionistas, ou dos adversários destes, não ultrapassava os limites superficiais dos assuntos mais à mão.

Toda aquela sociedade brilhante dançava, palestrava e ria, as taças de "champagne" entre os dedos de anéis cintilantes, no convés de um navio, que adernava, porque trazia, no fundo dos porões, onde arfam e gemem os suados foguistas de bordo, — a hélice partida . . .

Gomes de Barros, francamente simpático à revolução liberal, que se anunciava em segredo, dizia diante do assombro perrepista de Laurentino Canoa, que o voto secreto e a república parlamentar salvariam o país. Ao que Infantini retrucou:

— Nossos problemas são outros.

Canoa sorriu, triunfante, julgando que Infantini ia defender a situação governamental. Mas o arguto industrial terminou:

— E não será nem o P.R.P. nem os liberais que os resolverão.

— Será o comunismo? — perguntou Lentier desdenhoso.

— O fascismo? — indagou o velho Vivacqua.

— Quem sabe? Quem poderá dizer que coisa falta ao Brasil? Quem adivinhará que *ausência* o mundo moderno deplora? A civilização nos deu tudo, todos os aperfeiçoamentos e confortos. Mas parece que nos levou alguma coisa . . .

Os homens, no *fumoir*, falavam de seus negócios.

E, entretanto, o palacete Lentier, à semelhança dos de seus convivas, tinha pretensões de arte. Estatuetas, quadros, faustosas tapeçarias. Artistas que fizeram da Arte a sua Religião, ali estavam, colaborando no ambiente espiritual. Cada moldura guardava um sonho, cada tapete uma imaginação carinhosamente afagada, cada estátua um ideal de beleza e de perfeição.

Almas, esquecidas pelos cantos, condenadas a ouvir estranhas confabulações de algarismos e sorrateiras intrigas comerciais . . .

Os ~~homens~~ falavam de seus negócios . . .

XV

CANOA

Devia a Rodrigo Jorge o primeiro emprego . . . Começara, então, a sua carreira. Recordava-se. Caía uma garoazinha fina. O velho portão de Rodrigo abriu-se com uma carranca de criado teso. Um chuveiro de tarde boa para conchegos. Subiu a pequena escada de mármore molhado. Devia a Rodrigo Jorge . . . Lembrava-se que peneirava a garoa. Naquela tarde . . .

Um gato ronronando na sua perna. Nas altas cadeiras de espadar preto falaram do tempo antigo: o velho Manuel Canoa, seu pai de tosse funda que o enterro da manhã clara apagou sob a cova, no sol branco. A chuva cantapingava; e disseram que a força de vontade era tudo na vida.

Lembrava-se de uma estatueta de Homero, de um cinzeiro de bronze. A marca do cigarro. O cartão. E uma preta de guarda-chuva cor de cinza, que viu na rua, ao sair.

Um dia, na repartição, a figura do senador Avelino encaminha-se para a sua mesa. Ergue o queixo de barba pontuda:

— Ó chefe! Pssiu!

— Em que terei o prazer de lhe ser útil?

Estendeu a mão para um cumprimento. O senador olhou-o com desprezo:

— Vá avisar o diretor que estou aqui, que abra a porta que ele trancou à chave.

Canoa está comprimido entre o pavor hierárquico do diretor e o terror político de Avelino Prazeres. Levanta-se, entre-

tanto, com o melhor dos sorrisos, bate à porta, entra. E o senador, de certo, escuta a tremenda descompostura. Ao abrir a porta, Laurentino Canoa oferece, ainda, o melhor dos sorrisos:

— Tenha a bondade de entrar, senhor senador . . .

E escuta, por sua vez, as palavras secas que Avelino dirige ao diretor. E a voz do diretor, habitualmente tão neurastênico nas admoestações quotidianas dos escriturários.

— As ordens, o senhor dispõe.

Quando o senador sai, Canoa levanta-se, curva-se, sorri. Avelino detém-se um instante, observa-o, sorri também.

Leva-o para o seu escritório. Experimenta-o. Canoa tem um sorriso inalterável. Para todas as circunstâncias.

Laurentino Canoa é magro, de feições miúdas e olhinhos vivos que fuzilam quando percebem o “sutil” dos negócios, ou se deslumbram quando afetam admiração. Uns olhos que ficam duros e fixos, na fisionomia de humildade, quando recebem ordens, quando acatam opiniões ou conselhos, ou aguardam perguntas que pendem dos lábios de um interlocutor respeitável.

Canoa sabe concordar, nasceu para concordar. Chega, assim, a sócio, confidente, esteio do chefe ilustre.

Quando deixou a Chevrolet por uma Studbacker, estava casado, rico — Dona Eulália de Assunção Linhares, que tinha uma cicatriz na testa e um vestido lilás que caía muito bem na viuvez milionária.

E morava num bangalô do Jardim América.

O Canoa tinha muitos invejosos, mas também possuía muitas botinas e chapéus, cigarreiras e bengalas de presente, e não precisava mais botar as jóias no prego.

Devia a Rodrigo Jorge o primeiro emprego; e, agora, pro-

vava um gosto gostoso de vingança, porque lhe caía nas mãos a sorte do antigo protetor.

Falaram, na tarde longínqua, do velho Manuel Canoa . . .
In illo tempore . . .

Avelino Prazeres disse ao Pluto:

— Você vai casar com a Elvirinha.

O Pluto disse que não queria.

— Burro! — gritou o senador. E saíu pisando duro para o escritório.

Pluto exclamou:

— Vida apertada!

E deu o fora.

Elvirinha confessou que gostava do Gomes de Barros. Então, Rodrigo Jorge mandou uma carta a Avelino Prazeres. Muito discreta. Avelino falou franco ao Canoa:

— O Gomes de Barros é o que servia para a Nina.

Laurentino Canoa sorriu o seu sorriso que descobria o sutil dos negócios:

— Cuidado com o seu protegido . . .

— Como?

— Não o deixe sair de Bauru.

Referia-se a Edmundo Milhomens. De quem Avelino disse:

— É um moço inteligente e aproveitável. Para conquistá-lo seria, talvez, necessário atrelá-lo às necessidades sociais de uma vida prática, em que a despesa forçada e os duros encargos obrigam a todas as submissões na engrenagem da ordem estabelecida. Estaria, quem sabe, indicada para ele uma das filhas de Antoninho.

E Laurentino Canoa dispôs as pedras do xadrez: Pluto-Elvira; Nina-Gomes de Barros; Edmundo-Ondina. As pedras, porém, se embaralhavam: Pluto procura Ondina; Elvira o Gomes de Barros; Gomes de Barros, a Nina; e Nina, Edmundo Milhomens; e Ondina o vago, indefinível esportivo, dançarino, automobilista e artista de cinema . . .

— O casamento é um negócio como outro qualquer — explicava Laurentino Canoa ao Pluto revoltado. — Já se passou a época do romantismo, cáímos numa realidade cada vez mais evidente. O amor independe do matrimônio: é uma crise fisiológica passageira e o homem deve ser livre para a sua expansão.

— Neste caso, o divórcio . . .

Canoa lembrou-se do dinheiro de Dona Eulália, que ele girava discriçãoariamente.

— É uma imoralidade, é a destruição da família, da base da sociedade . . .

Canoa era ateu e conservador.

— Casar não é escravizar-se, meu caro! Devemos fazer do matrimônio um instrumento de harmonização de interesses, alicerce da felicidade material. É como penso.

Um ódio imenso contra os dois filhos amargava a alma do senador Avelino. Lembrou-se de Mr. Sampson e um sorriso fino clareou-lhe as barbas. Perguntou:

— O Antoninho já recebeu carta do Camurça?

— Já. É preciso mandar para lá uma pessoa de confiança.

— Vai você. Não confio em mais ninguém.

— Vou.

E Canoa acrescentou, para fazer descer sobre Avelino uma luz definitiva de bom humor:

— Está esquecendo hoje de Miss Katy?

Prazeres sorriu cheio:

— Vamos a ela.

E mandou sair o automóvel. Laurentino Canoa bateu a mão na testa:

— Ia me esquecendo daquele negócio. Posso contar?

Era a responsabilidade pessoal do senador num negócio de cento e oitenta contos de réis.

Avelino Prazeres respondeu:

— Pode contar.

E Canoa despediu-se alegre.

De um artigo do "Vigilante":

"The Syndical England's and America Hinterland's age secretamente com os baixistas, trabalhando pelo depreciação do café. Ao mesmo tempo, publica notícias no estrangeiro sobre a precariedade das finanças brasileiras. Em São Paulo e outros Estados, ao passo que adquire fazendas e latifúndios a preços ínfimos, atua disfarçadamente na imprensa e junto aos políticos, desnortando a opinião pública, para obter medidas aduaneiras e providências econômicas que determinam o encarecimento da nossa mão de obra, em consequência da alta dos artigos de necessidade imediata. Estabelece, por outro lado, o suborno nos meios políticos e jornalísticos. Entra disfarçadamente na alta sociedade, influenciando sorrateiramente nos costumes. É o imperialismo impudente. . ."

Todos queriam ser como o Canoa, que tinha automóveis de raça e mulheres de alto bordo.

Mas, Laurentino Canoa era um atormentado. Porque havia sempre alguém que tinha um objeto melhor do que ele ou uma consideração a mais, ou uma mulher mais bonita, ou uma transação malandra a contar.

Por isso, no esplendor de suas vitórias, estava cada vez mais magro e chupado, mais cheio de pés de galinha, pintando os cabelos, tomando fosfatos.

Tal qual o senador Avelino, que parecia até mais alto e meio corcunda, como quem carrega uma cruz. E que tinha os olhos empapuçados como tristezas tumefatas, as pupilas de luz delirantes, no fundo do rosto comprido e enrugado de barba pontuda.

Diziam que era o clima de São Paulo que tornava as respirações ofegantes, e os passos na rua mais rápidos, e os cumprimentos mais de longe, mais fugazes. . .

Porém, de certo, não era o clima que fazia as horas tão pequenas, e os ponteiros voarem nos mostradores dos relógios. . .

II PARTE

A GUERRA DOS DEUSES

... São novas solicitações de novos mitos, que travam
a grande batalha, que exigem novos cultos e
multiplicam os caminhos e as perplexidades...

XVI

A FAMÍLIA ANTONINHO

Sentados, frente a frente, na sala de jantar sonolenta da lâmpada de 50 velas, Dona Antoninha e o Dr. Antoninho esperam as filhas que foram ao Odeon.

— Apagaram a lâmpada da cozinha?

— Apagaram.

D. Antoninha está pensando como há de ser o vestido que a Odete precisa para o baile do Trianon. Como há de ser, que os tempos andam bicudos.

O Dr. Antoninho está pensando como há de ser o pagamento da letra de vinte contos que vence no dia 30.

— Está cerzida a minha calça escura?

— Está.

O fumo do cigarro vai subindo no ar pesado de preocupações.

Quando estava na fazenda, a estas horas, eram só grilos.

— Na fazenda eram só grilos, não, Antoninha?

— E sapos, também. Tenho saudades.

— Eu também tenho.

— Mas, não sei por que, hoje não acostumaríamos. Escute.

Pelas ruas longe, fonfons de autos, zumbidos vagos de bondes, apitos esparsos de locomotivas.

— A cidade . . .

— Sim, a cidade é bem boa. As meninas, nem se fale.

Antoninho ficou pensativo.

— Está triste?

— Estou pensando na história do Pantojo . . .
— Mas o Pantojo não trabalhava; gastava só, era só farra. E você tem o cartório, produz. A sua vida, Antoninho, é a de um chefe de família exemplar. Não joga, não bebe, não tem amantes. E até fuma muito pouco.

E passando o braço em torno do pescoço do marido:

— Você é um santo.

Silêncio longo . . .

— Quanto custou o chapéu da Ondina?

— Cento e vinte mil réis.

— Puxa!

— Que se há de fazer? Do contrário, fica uma moça sem merecimento. Eu já disse: arranjem maridos bons, como seu pai tem sido. Não me tem faltado nada, nem a vocês. O mais é história. Um moço de dinheiro, ou bem colocado.

O Dr. Antoninho suspirou.

— Que leve a breca! O Avelino Prazeres não me tem olhado com bons olhos . . .

Quando estava na fazenda eram grilos e sapos, com leituras quietas de Miguel Zevaco ou Júlio Verne. Os matos eram bem verdes e, de manhã cedinho, tin-tin, tiriti-ti-ti da passarinhada feito vozes de laranjeiras, pessegueiros. Galos miudando. Cacarajos. E as vacas e bezerras mugindo, chamando o sol que ficava atrás do cafezal, esperando a *deixa*, e um rasto de lua derretida na palma da mão do dia.

A casa branca era pacata, com negrinhos e mulatinhos-mulatinhas, italianas, e o Coração de Jesus na sala grande de aparadores austríacos, com sempre-vivas e perpétuas.

Odete, Odila e Ondina brincavam no pomar, e o Dr. Antoninho assinava 500\$000 para a festa do Divino Espírito Santo, das bandeiras errantes com tambores e violas de foliões e os grandes fogos de artifício do pirotécnico de Piracicaba que fazia o combate de pistolões do Aquidabã passando entre duas fortalezas . . .

- Onze horas — disse Dona Antoninha.
- As meninas estão demorando — respondeu o Dr. Antoninho. — Que fita levam hoje?
- A Divina Volúpia. É da Paramount.
- Arranjam cada nome!
- Dizem que é uma obra-prima.
- O cinema é um grande civilizador. É a escola de nossos filhos.
- Para as moças, nem fale — completou Dona Antoninha.
- Aprendem a vestir-se, aprendem as atitudes distintas e elegantes. Tornam-se, sem o sentirem, umas moças de merecimento.
- E ficam sabendo o que é a vida moderna, a realidade da vida, a fim de não irem caindo trouxamente num casamento infeliz. A ambição é tudo, para que uma família vá subindo no conceito social.
- E o conceito social é tudo, Antoninho.

O relógio bateu barulhento a meia-noite, na sala iluminada de poucas velas.

- Como vão as meninas de piano?
- Assim, assim. Agora, o que as três gostam é de aproveitar, fazem muito bem. Cinemas, automóvel, vestidos e bailes. Ondina, só você vendo. E fazem muito bem, a vida é isso.
- Sim; a vida é isso.
- E após uma pausa:
- E o Pluto?

— Ondina está conformada, Antoninho. Elas têm os seus pequenos, é muito natural que gozem a mocidade, mas em assuntos de casamento são muito obedientes. O luxo tem isso de bom; faz as nossas filhas obedientes, porque compreendem todo o horror de uma vida de privações.

— Os hábitos de luxo moralizam — aprovou o Dr. Antoninho.

A Packard roncou na porta. As três raparigas entraram, iluminando de mocidade e alegria a confabulação semitreva dos dois velhos.

- Arre, meninas, que vocês demoraram!
- Fomos levar uns amiguinhos. A Odete é maluca, deu uma trombada numa ford. Então os moços — sabe? — dois

moços, que ficaram com a ford escangalhada, vieram para o nosso carro — sabe? — e nós levamos eles para casa, em Vila Mariana.

— Um sentou com a Odete na direção.

— E o outro então — fez Odete — ficou atrás no meio das duas.

— Quem são esses rapazes? — perguntou o Dr. Antoninho, quase repreendendo.

— São estudantes, parece que Barbosa Soares. Eu *conheço eles* da festa do Teçaindaba, não é Odila?

— Oh! — exclamou o Dr. Antoninho satisfeito. — Os Soares são gente muito respeitadora, neste caso está direito.

Ondina tinha um sinal vermelho na face esquerda. Odete e Odila, meio febris, riam e falavam sem cessar, entreolhando-se, beijando os velhos.

— Eta meninas levadas! Vão dormir!

O relógio bateu uma hora na escuridão da casa que respondeu por todos os cantos. Sobre as respirações e o silêncio, fluíu o pensamento de vigília do Dr. Antoninho, que o vencimento da letra de vinte contos secava os olhos abertos na treva do quarto.

Cinquenta contos pelas certidões falsas, pelo serviço do Camurça em Jaú, pelos reconhecimentos de firmas, pelo desaparecimento de documentos e algumas falcaturas do Canoa. Já sacara vinte contos adiantadamente. Era incrível: o cartório rendia 15 contos mensais, líquidos, e não chegava para nada, estava tudo pela hora da morte, já não se podia viver honestamente.

No começo, quando torrou a fazenda, abriu o serviço do cartório com exigências meticulosas. Não transigia. Colocava, acima de tudo, a sua honestidade feroz, truculenta.

Pouco a pouco, vieram os apertos. E notícias de negociatas de gente grossa, que todo o mundo respeitava. As despesas da família aumentavam. A família, burguesa e materialista, traçava o caminho do homem. Decidia do destino de todos os que se agitavam na barulhenta metrópole. Era o interferente irremovível, que fazia falhar destinos luminosos, que atava cada sonhador a uma perna da mesa da sala de jantar . . .

Uns restos de dinheiro, que estavam no Comércio e Indústria, evaporaram-se. As meninas faziam contas no Mappin, na Casa Alemã, no *atelier* de Mme. Coline. Ele, mal pagava a última prestação da Buick, e logo surgia a necessidade de uma Packard. Gasolina, chofer, pneumáticos: a construção da casa nova, agora hipotecada, os criados, que despedira, e festas que exigiam vestidos, e pagamentos de Clubes, de Ligas, de quermesses. Tudo isso, vivendo santamente, quase asceticamente. Apenas com o orgulho de não quebrar a linha . . . Vieram as primeiras letras, as promissórias, e, finalmente, as transigências de toda a natureza.

Laurentino Canoa disse-lhe:

— Doutor Antoninho, quem se fizer de Catão hoje em dia, morre louco e a família não sabe. Não é possível conservar preconceitos de uma época que já passou. A vida hoje é outra.

O Dr. Antoninho nem sentiu como foi modificando a sua filosofia. No fundo, não a modificara mesmo. O que variou foi a interpretação dos acontecimentos e das atitudes.

A moral nunca deixou de existir, e todos agem em nome dela, já o dizia Edmundo Milhomens, comentando as falcatuas do Gavião Teixeira.

Um nó na garganta, na noite escura, no quarto com quartos de horas da sala de jantar das confabulações suspiradas . . .

XVII

D. XUXULA VERSUS CAMURÇA

— Arre, que também é doença demais!

Dona Idalina sorriu um sorriso medroso de pedir desculpas. Que, de certo, não era nada. Uma dorzinha que se ia embora logo, bastava uma fomentação.

E Dona Xuxula olhou a mãe com risinho de mofa. Depois disse:

— Sua pensão não chega para a farmácia.

Dona Idalina, sentada na cadeira de braços, cruzou as pernas com dificuldade e sacudiu o pé branco no chinelo de lã, fazendo de boa. E pensou, intimamente, que estava atormentando a filha, sentiu-se culpada e procurou compensar a falta.

— Já viu como ficou bonitinho o vestido da Gabi?

As meninas entreolharam-se. E Gabi:

— Pra casa, está bom.

A velha:

— Coitada da vovó, o dinheiro não chega pra nada. Se pudesse, era de seda, mas vovó é pobre.

Graciosa passou meigamente a mão pela cabeça branca de Dona Idalina.

— Coitadinha de vovó!

E Dona Idalina agradeceu o afago, com um olhar medroso, como de culpada.

Gabi disse:

— A senhora precisa comer, senão morre. Feijão e arroz.

Dona Xuxula explicou que um frango custava 5\$000 e ovos, para gemada, 500 rs. cada um.

— Os tempos andam bicudos! — disse a velha numa gargalhada sacudida de adulação e medo.

O Dr. Antoninho informava sempre que o Camurça não tinha mandado ordem de pagamento. Gabi e Graciosa traziam o recado, com 50\$000 por conta. E Dona Xuxula estribilhava:

— Ordinário! De certo arranjou alguma amigação em Jaú.

A seguir, perguntava à velha se sonhou com qualquer coisa.

— Sonhei que estava andando de automóvel.

— É veado — dizia Graciosa.

— É cavalo — corrigia Gabi.

Dona Xuxula jogava nos dois bichos. E nas centenas invertidas, a 200 rs.

De tarde, era o jacaré, o gato.

Dona Idalina passava o dia torcendo: “tomara que dê! tomara que dê! tomara . . .” Para não ouvir de D. Xuxula:

— Eta palpite estragado!

E olho feio.

Graciosa namorava o filho do salsicheiro com uma gana de dar o fora na vida “que era um buraco”.

No cinema com os olhos em Nova York e o pensamento das mãos no escuro trabalhando idílios, imaginava o fordeco dos passeios domingueiros e a casa da fartura da rua Bresser . . .

A Gabi, pirata do cabelo cortado em coma do pescoço branco de nuca macia filava chispadas na máquina nova de cheiro de verniz do Zito, gerente da Companhia de Louças. O vento de Santo Amaro ventava na manga curta dos braços roliços e erguia a saia pregueada dos quadradinhos mostrando a liga azul na curva polpuda do joelho e as pernas cruzadas com o sapatinho pontudo de xadrez.

Dona Xuxula pegava o mantô guardado e saía para a missa com uma sombrinha distinta.

E pedia a Nossa Senhora uma sorte boa para as filhas. De noite elas iam ao Clube das Violetas, onde podiam bem arranjar um casamento.

Mas um velho do Banco Provincial andava rondando a Gabi, prometendo coisas.

— Menina levada!

Um dia, de tarde, ele passou na Dodge e jogou um cravo vermelho que a Gabi corou, pegou e contando que o conheceu no Apolo, que a beliscou quando estava na lancha com o Zito da Companhia na represa de Santo Amaro.

— É viúvo? — perguntou Dona Xuxula.

— Divorciado. O *seu* Carvalho tem até filhos.

— Que pena!

Seu Carvalho mandou um vestido de crepe de seda e um colar no dia do aniversário da Gabi.

Dona Xuxula escreveu ao Camurça:

“O Dr. Antoninho é um descarado, sustenta mulheres e de certo você aprendeu com ele. Não vá também querer que as nossas filhas sigam o caminho das dele, que são “garçonnes”, diz que “garçonne” é moça sem governo. Mande dinheiro, senão aconselho mal a elas. Isto não é vida, sou uma mãe de família. Se vossemecê arranjou aí alguma mulata, eu também não sou de ferro. Amor com amor se paga e eu danço conforme o toque. Mande me dar um conto de réis e largue isso aí, não tem futuro”.

Laurentino Canoa apontou para o armário do cartório pintado de azul:

— Me entregue aqueles autos.

Camurça perguntou:

— E a cadeia?

— Não seja besta!

Camurça enxergou, lá longe, em São Paulo, a figura do senador Avelino, prestigiada, ainda mais, pela distância. Sentiu o

imenso poder dos poderosos. E virando-se para o Canoa, riu gostoso:

— Sou mesmo uma besta.

— Além do mais, o senhor é interino . . .

Camurça regozijou-se intimamente, gozando os apuros do efetivo, quando reassumisse. Recebera o cartório, sem discriminação dos autos, no rol da papelada. Substituiria aqueles por outros, e tudo estaria certo.

Abriu o armário, tirou os três volumes, e colocou-os sobre a mesa.

— Você me manda levar isso no Hotel Central, que embarco hoje para São Paulo.

— Pois não.

E Laurentino Canoa saiu, batendo nos ombros de Camurça:

— Bichão!

Camurça experimentou um íntimo orgulho. E lembrou-se de D. Xuxula, que o chamava palerma. Lembrou-se, também, da carta "se você arranjou aí uma mulata . . ." Delicioso! Como subira no conceito de D. Xuxula! Ele, capaz de prevaricar, como esses homens devassos, que riscam fora da caixa. . .

Escreveu ao Dr. Antoninho:

"As coisas aqui correm otimamente; passaremos uma ras-teira em regra. Quanto a mim, vou bem; cavam-se aqui umas "comidas" . . .

Grifou "comidas". A expressão era ambígua. O Dr. Antoninho imaginaria negócios de dinheiro, e D. Xuxula, se viesse a ler, redobraría as suspeitas, que tanto o dignificavam, projetando-o diante dos olhos escandalizadores da vizinhança, como um homem.

Dona Xuxula escreveu:

— Não me sanfoneie.

— "Seu" Ovídio!

O escrevente levantou-se respeitoso.

Camurça experimentou a delícia de mandar.

Durante tantos anos, sempre mandado. Primeiro, era o outro tabelião, de suíças, que o chamava pela campainha: — "Seu Camurça, o senhor anda com a cabeça no ar!" — "É que eu estava. . ." — "Estava onde? no mundo da lua?" Mais

tarde, o Dr. Antoninho: — “Seu Camurça, que lerdeza!”

E Camurça fora se inutilizando sob as injustiças dos patrões e comprimido pelas necessidades da boca aberta dos filhos. Alguma vivacidade, que poderia ser estimulada num regime diferente de trabalho, foi se estiolando, na penumbra do cartório, sob uma impressão acabrunhante do “medo de errar”, do “medo de esquecer”, do pavor dos vexames na presença de estranhos, e de tal forma, que Camurça “errava” e “esquecia”, cada vez mais. Porque agonizava nele o espírito da iniciativa, a capacidade de ação própria. Toda a sua vida tinha sido um trabalho constante de destruição da sua personalidade, sob os ralhos, os conselhos cruéis, as interpelações aterradoras.

E, agora, Camurça, na interinidade de Jaú, experimentava a delícia de mandar! O acaso punha em funcionamento aquela máquina estragada, que enferrujara durante tantos anos... E ele agia, automaticamente, segundo uma “ordem estabelecida”...

— Seu Ovídio!

Ovídio esperava as ordens, olhando atento para a cara distraída do Camurça.

— Ó seu Ovídio!

— Pronto, seu Camurça!

— Ó senhor! O que está olhando? O sr. anda com a cabeça no ar!

— É que eu estava...

— Estava aonde, seu Ovídio? No mundo da lua? Que lerdeza...

Olhou o efeito da descompostura. Ovídio estava atrapalhado, as maçãs do rosto lustrosas de desapontamento.

— O sr., também...

— Também?

— É cá uma lembrança. O sr. não tem nada com isso. Olhe, pegue estes autos, leve ao Dr., ao advogado de São Paulo que está no Hotel do Comércio.

No Hotel do Comércio estava o Dr. Becca, o deputado da oposição, casualmente na cidade, onde fora defender um réu...

Dia seguinte, um telegrama do Dr. Antoninho:
“Desastre negócio sua distração idiota”.

E uma carta de Dona Xuxula: “Bígamo, devasso”.

E Camurça sentiu o mundo esboroar-se.

XVIII

JAGUAR — ETÊ

A noite parou num silêncio de estrelas.

Nem uma folha bulia no parque das grandes casuarinas adormecidas.

Um gato fuzilou os olhos lascivos no telhado preto do palacete pesado das portas largas de bronze trabalhado.

Fonfons longes destacavam-se como ilhotas no oceano quieto da quietude noturna.

Uma cabeça embuçada apontou no canto da cimalha, um braço abraçou a coluna romana, um corpo subiu, mais imperceptível do que a noite.

O guarda-noturno acendeu um cigarro na esquina, apurou os ouvidos.

E todo o bairro aristocrático dormia tranqüilo. As árvores dos jardins abafavam todos os possíveis rumores. As grades de ferro eriçavam-se como direitos impostergáveis. Os cães preguiçosos cochilavam conscientes de sua inutilidade.

O vulto guindou-se até à cornija, agarrou-se aos balaústres do terraço, desapareceu no silêncio enorme.

As estrelas ficaram piscando. O Cruzeiro do Sul deitou-se, para entrar indolente a sudoeste. A Via Látea destacava-se afundando mais o fundo profundo do infinito negro.

Um pavão gritou no parque, estremecendo as árvores.

Chamava-se Jaguar-etê. Foram os inspetores de Segurança que lhe deram esse nome. Certamente por ser imperceptível e cruel como os tigres.

O bairro aristocrático era inocente e ingênuo como as crianças ricas. As crianças abastadas que aconselham os filhos dos pés-rapados a botarem os sapatinhos para Papá Noel. Pensando que Papá Noel vem para todos. Os grandes palacetes, também, não sabiam de nada. Longes bairros, onde há ranger de dentes . . . Longes vidas, como canteiros de rosas rubras e cravos escarlates.

Entre os parques e garages, a vida era ingênua, e a própria maldade era uma candura diferente.

Ninguém, ali, insultou conscientemente. A virginal despreocupação dos vencedores.

Os automóveis de luxo geravam greves. As jóias, as sedas, os perfumes, a beleza das mulheres, a sombra dos parques, os pomposos portões inexpugnáveis, as casas perpetuamente fechadas, no silêncio aristocrático e fúnebre, ensombradas de arvoredo — tudo isso era como um canto de amor fecundando os sonhos de revolta do Bom Retiro e do Brás, das casas de cara suja, que estendiam, nas tardes domingueiras, uma população de homens, mulheres e crianças mal vestidos, para as conversas crepusculares com fumaçadas de cachimbo e cheiro agudo de cueiros.

Edmundo Milhomens escrevera:

“A cidade do Brás é uma vivandeira paisana que acompanha o acampamento dos civilizadores. Seus filhos são Vulcanos das bigornas e malhos, e uivar de polias, roldanas e teares, e trons retinindo de barras de ferro esqueletos de arranha-céus. Às vezes, são pérfidos como Jaguar-etê”.

Jaguar-etê é filho do orgulho infantil de Higienópolis que fecunda o útero fértil dos bairros da vasa, populações de calce-ceteiros e lixeiros.

Jaguar-etê é uma fatalidade. A explosão de todas as escravaturas.

No silêncio de astros, o grito do pavão pôs Jaguar-etê hirto e colado à parede. Os cães policiais latiram eriçados. O bairro acordou ladrando. Para as estrelas, com medo.

Sonhos de horas mortas nos dormitórios luxuosos de lâmpadas morticãs. Conchegos de seda, morno aroma de mulheres puro sangue, o céu provisório de confortos macios com cheiros de tintas novas, vernizes frescos e olhares de espelhos glaciais.

O guarda correu, de cacete.

Apitos trilharam na noite.

Um pulo, um grito engasgado, uma faca embebida.

— Estou morto!

— Pega! Pega! Pega!

O guarda, estendido de borco foi mais infeliz do que os cães, que ainda ladravam.

Os jornais do dia seguinte atacaram a polícia por causa do roubo de quarenta contos de jóias da casa do Dr. Becca, o deputado da oposição democrática, afora papéis de circunstância. Papéis sobre o negócio da Estrada de Ferro Sudeste, do Banco Meridional e um caso de grilo dos confins da Noroeste.

As casas de armas venderam mais armas. E uma patrulha de cavalaria passeou vagarosa pelo bairro aristocrático no dia seguinte, na noite nervosa amedrontada pelos títulos enormes das notícias desenvolvidas.

Jaguar-etê diluiu-se no anônimo da multidão anônima. Publicaram, mais uma vez, o retrato dele.

E a fotografia da casa do guarda-noturno, com três crianças à porta, de vestidinhos rasgados, de dedo na boca, e as caras sujas, compridas de fome . . .

XIX

O HOMEM NA TERRA

Na cidade de sol empoeirada de fords, correias de comboios picavam de apitos os trêmulos mormaços.

Edmundo fichava os paus-mandados, prontuariava os ladrões de cavalos, e a monotonia dos dias iguais imprevistos de diligências com alferes-caça-bandidos e gente baleada.

A terra era a noiva que aguçava contendias e duelos acendendo as cóleras de Caim e Abel.

Tudo girava em torno de ações possessórias e provas afrontando ameaças de tocaias e tiroteios de horas mortas.

Os partidos políticos tinham um sentido de defesa patrimonial. Nasciam das demandas, repontando dos arrazoados violentos, cresciam em toda a zona, fervendo nas vésperas dos pleitos municipais.

E, por toda a extensão do território paulista cortado pelas grandes estradas de ferro sertanejas, perpassava um rumor de violências que punha de pé os instintos do homem.

Os morros baixos, desdobrados numa altitude uniforme, alargando os horizontes, destacavam as árvores e todos os seres viventes no primeiro plano da paisagem. Daí, o senso de personalidade dilatada. E, em consequência, uma necessidade perene de rixas.

A terra vermelha vermelhava as peles marcadas de sol; o perigo permanente aguçava as desconfianças anunciadas nos olhos e nos gestos.

Os caboclos da Noroeste, da Araraquarense, da Alta Sorocabana eram pesados pelo hábito da vida de brutalidades; a fatura e os bons ares de sol fizeram caras cheias e músculos duros. A possibilidade dos ataques tornou-os insensíveis aos dramas quotidianos. A ambição acesa em todas as cidades e povoa-

dos-acampamentos cristalizou um materialismo rude, meio sardônico, meio supersticioso.

Um pastor americano subvencionado evangelizava no templo, o colarinho muito branco na sobrecasaca muito preta, meia dúzia de fiéis com divórcios e dificuldades de casamentos católicos. E negociava em arroz, como os turcos das lojas de fazendas e louças que armavam falências e oravam na sinagoga ortodoxa.

Pontudas torres góticas erguiam-se com quermesses e procissões de andores, sobrepelizes e pálios, brancas filas de filhas de Maria.

E os homens do governo municipal, que andavam de opa, faziam às quintas-feiras a sessão da Loja Paz e Amor dos ritos e discursos maçônicos.

Edmundo prontuariava também as mulheres dos bordéis numerosos com estouro de champanha dos boiadeiros itinerantes. Onde advogados e médicos de honorários pingues e discussões de acórdãos e sentenças com licores e anedotas do Conselheiro XX. Onde facadas imprevistas e tiros noturnos de lâmpadas apagadas e mesas rodando entre gritos histéricos do mulherio.

As vezes surtidas de Melinho, Corta-Jaca, Orelhão, que a polícia perseguia com buscas inúteis pelos rincões emormados.

Os trens correndo com notícias de absolvições no júri ou artigos violentos de jornais em polêmicas sem piedade.

Acusações de roubos de municipalidades eram pretextos para lutas cruéis. Ou municípios que queriam a independência, e andavam, abaixo e acima, com papelórios e audiências solicitadas em São Paulo.

Fundadores de cidades, que se fizeram em dez anos, misturavam-se com os últimos aventureiros de todas as procedências. O prestígio dos antigos solapado pelos entrantes audazes estrugiu em prélíos renhidos de urnas arrebatadas, por uns ou por outros, e combates de carabinas que os jornais amarelos da Capital imputavam a figurões ausentes, ao sabor das paixões do momento, e a Comissão Diretora do partido dominante explicava remoendo uma velha lógica.

A organização dos clãs processava-se lentamente, por seleção natural. E, enquanto não se erigia a figura patriarcal do chefe, mezinheiro, taumaturgo, pater-famílias das decisões salomônicas que dirimiam contendas, a vida da cidade nascente se instabilizava nos vaivéns brutos de famílias alarmadas e direitos periclitantes.

Foram procurar Milhomens na Delegacia.

— Quem é?

— Diz que João Tinoco.

João Tinoco era um caboclo forte, de olhar bondoso e súplice. “Que ouviu dizer que iam tocar ele do sítio plantado. Que tinha mulher e cinco filhos, uma menina de doze anos, aleijadinha”.

Edmundo ouviu-o. “Que não havia perigo. Não custava nada”.

— Seu dotô, tenha dó de nós. Eu não quero me perder. Eu mato quem for lá. Comprei o sítio cum dinheiro batido.

Edmundo Milhomens recebeu uma carta do senador Avelino onde havia esta frase: “creio que o sr. terá de agir com energia no caso das terras de que lhe falei”.

Pensou na linda casa de Avelino Prazeres em São Paulo. Pensou na única esperança de João Tinoco.

A cadeia tinha um cheiro de mofo de crime curtido, com cobertores vermelhos e roxos e malas de pau, retintim de rifles e botões amarelos de soldados alumando.

O escrivão opilado jogava dominó com o carcereiro de olhinhos vivos e mãos peludas, que conversava com os presos e negociava as rédeas de crinas e talas de relhos que eles faziam sentados em tamboretos encardidos.

Edmundo Milhomens chamava os grandes facínoras e inquiria a face agressiva do sertão.

"Pipoca", um mulato baixo reforçado, de cara bexigosa, matara, á tocaia, um fazendeiro de Santa Cruz, questão de demarcação e aviventação de rumos. Havia cortado uma orelha ao cadáver.

— Onde está a orelha, Pipoca?

— Seu dotô, entreguei pro dono.

— Quem é o dono?

— Não sei.

— Quanto ganhou?

— Cinquenta mil réis.

— Que fez do dinheiro?

— Comprei remédio pro fiinho, um corte de vestido pra minha mãe, e encomendei uma missa pro morto.

— Vou mandar surrar você, se não me conta quem te pagou.

— Me mate, seu dotô, mas isso é impossível.

Milhomens encontrava todos os dias essa probidade dos profissionais do crime e essa ingenuidade cândida do Pipoca, preocupado com a roupa da mãe, o remédio para o filho, a prece em sufrágio de sua própria vítima.

— Você quer liquidar um homem, te solto.

— É só me ensiná o caminho.

D. Vidoca saudosa ajoelhava com as meninas diante da Virgem de manto azul triangular. E pedia pelo filho ausente:

— Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura . . .

O carteiro trazia o vale postal. D. Vidoca chorava, beijando a carta.

— Meu filho . . .

E, altas horas, os galos cantavam, pobre mãe acordava com pesadelos, histórias do Tenente Galinha e façanhas do Corta-

Orelhas.

Só pensamentos maus lhe acudiam. Procurava afastá-los:
— Bobagem!

E reatava o sono, murmurando: — filhinho . . .

Quando era pequenino, cantava: — dorme . . . dorme . . .
A vizinhança gabava o menino lindo.

XX

NOVOS DEUSES

Mister Sampson, instalado no Hotel Emperor, que erguia os seus vinte e cinco andares sobre o antigo Largo do Piques, agora remoçado de cimento-armado, comandava o movimento estratégico, que envolvia nas suas malhas as forças vivas do país.

Os jornais falavam de Mister Sampson, como de uma potência providencial. Ele aparecia em todos os negócios, facilitando empréstimos aos governos dos Estados e dos Municípios, e constituía um assunto forçado em todos os empreendimentos.

Sua opinião abalava ou reerguia créditos. Sua ação se insinuava na composição das leis de amplitude regional ou geral. Em São Paulo plutocrata, Mister Sampson deslumbrava mais do que os políticos: porque era o técnico. E, dessa maneira, impunha-se, como um embaixador do capitalismo imperialista das velhas nações absorventes, e levava consigo a fascinação irresistível e sedutora dos intermediários hábeis.

O prestígio político de Mister Sampson exercia-se nos bastidores, dissimulado, porém mais forte do que o próprio prestígio dos marechais do partido situacionista. Aos amigos do Clube Talvez, Infantini não se cansava de repetir: "Os políticos pensam que governam, os administradores que administram; na verdade, eles são tangidos por forças obscuras, que eles próprios não percebem, fascinados pela objetivação de programas que lhes parecem visar o bem do país". Ao que Mano retrucou-lhe, uma tarde, em que saíam juntos do *ball* do Esplanada: "Eles nem percebem que é através do dinheiro adventício que entram no país os miasmas da corrupção". E Mano acrescentou: "Mister Sampson é como a broca do café: e o espírito de aventura dos conquistadores de latifúndios transmuda-se no espírito de aventura das negociatas da praça".

Sentaram-se no auto de Infantini, uma esplêndida Hispano-Suiza de molas deliciosas.

— Que gostosura! — exclamou Mano. — Já não me revolta Mister Sampson, e aqui, como estou, bem acomodado, não me preocupam outros interesses, senão os meus próprios. Na verdade, tudo são convenções para produzir canseiras. A você, nacionalista, grande industrial, ou a mim, comunista, operário, acomodados deliciosamente nesta máquina, que importa a Pátria dos sonhos que você sonha, ou a mim a Coletividade?

O auto rodava pela Avenida. Os ipês floridos cobriam de ouro vivo as linhas paralelas dos passeios. No fundo dos parques, palacetes magníficos e silenciosos, plantados com discrição entre a grama e o saibro dos canteiros.

— O conforto de São Paulo! — fez Infantini.

— Psicologia das molas macias da nossa Hispano-Suiza. Que importa a grande Metrópole o nome dos dominadores? Toda preocupação moral, que você chamará “honra”, “patriotismo”, e que eu denominarei “igualdade”, “distribuição equitativa”, tudo isso, que constitui o idealismo, em que repousa, senão nos rigores do asceta? No fundo de todo sonhador, há a rebeldia de um eremita. Só os comodistas têm a virtude da resignação . . .

— E a capacidade para todas as humilhações — completou Infantini.

Desceram a Avenida Luís Antônio. Infantini exclamou:

— Nosso São Paulo! Que faria São Paulo, sob a dominação estrangeira?

Infantini olhou tristemente para Mano, que respondeu com uma ironia cruel:

— Confraternizaria com as tropas de ocupação.

No Clube Talvez, Infantini, Corrêgio, Bauer, Tupã e Marcos conversavam sobre a necessidade de um reerguimento nacional.

Gavião entrou alegre; dizia que vinha de conferenciar com Avelino Prazeres.

— Boa noite, senhores poetas.

— Como vai?

— Vai-se cavando . . .

E sururucou para a saleta do jogo.

— Repararam, — disse Corrêgio — nessa nova forma de saudação que está se generalizando? “Cavando!” É hoje uma expressão comum no torvelinho da cidade, à porta dos Bancos, nas escadas das Secretarias, nos guichês das repartições. Aonde chegaremos assim?

Tupã disse:

— Precisamos dar ao homem uma finalidade mais alta.

E Marcos:

— Fixemos, primeiro, a nossa época, precisando os seus mitos. Criemos, depois, novos deuses, para morrerem, por sua vez, sob o cutelo dos heróis. É preciso precipitar o encerramento deste ciclo de civilização. Ergamos um templo ao Deus-Auto-móvel, outro ao Deus-Aeroplano, outro ao Deus-Rádio.

— E ao Deus-Motor — lembrou Corrêgio.

— Mais tarde, virá o herói, que a todos reduzirá, restaurando a supremacia do Homem.

Eis uma forma de messianismo universal — comentou Evangelino Tupã. Nós esperamos um homem, no Brasil? E acaso todas as Nações não o esperam, também? Nosso país está falando como um “médium”. A sua voz de angústia é a voz universal . . .

Sob os protestos do Sr. Arcebispo, na vibrante pastoral, que principiava com o versículo da epístola de São João: “não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo”, — foi-se erguendo, com larga porta quadrada e andares superpostos de cimento-armado, o templo moderno do Deus-Auto. Era um acontecimento social surpreendente, e a sua inauguração seria a parada triunfal de todas as marcas puro sangue dos carros magníficos de raça.

— Será diante do altar do Deus-Auto — afirmou Manfredo — de regresso das vilas operárias, que a multidão dos trabalhadores virá pedir justiça.

— E a divindade responderá que só pela força individual, e não coletiva, os seus favores serão alcançados — respondeu Marcos.

Nos bairros fuliginosos não havia mais resignação, nem a alegria tranqüila que se evola dos afetos. As filhas dos operários queriam vestir-se melhor.

Solidônio, o tecelão de olhos negros, que tonitruava nas sessões agitadas das organizações sindicais, já não tinha mãos a medir com os dispêndios das filhas que também trabalhavam numa fábrica de linhas. Eram meias de seda, perfumes, quinquilharias de batons e "rouges", de cremes, loções, sapatos bordados, vestidos . . . Jóias falsas, olhos compridos para as vitrinas. Cinema.

No quarteirão dos desesperos familiares, das tristezas noturnas, das raivas gritadas, havia suicídios com lisol e creolina, fogo nas roupas, como faziam as negras amásias dos soldados da várzea do Canindé.

E fugas com rapazes de carroserias lustrosas possantes nas voladas.

No lugar dos antigos oratórios, retratos de artistas de Hollywood e de Los Angeles.

Dona Etelvina, ajoelhada diante do altar da Virgem, desfiava o terço com os olhos postos na auréola dourada entre círios elétricos. A esposa do senador Avelino pedia a Nossa Senhora que fizesse a humanidade mais católica. Perdoava, de coração, os pecados do marido, e rogava por ele, que fosse feliz nos seus negócios temporais; que não encontrasse oposições.

A sociedade, afastada dos dez mandamentos conservava-se ainda religiosa; todos concorriam nas listas de donativos e quermesses, compareciam a missas de sétimo dia ou de ação de graças e os padres eram reverenciados. Mas, havia necessidade de mais fervor . . .

Dona Etelvina rezava . . . Lembrou-se da confissão que lhe fizera a Nina, no seu peito de mãe. E solicitou à Virgem que afastasse do pensamento da filha a idéia de um casamento pobre. A pobreza, raciocinava no arrazoado que dirigia à Virgem, afasta os corações de Deus. . . As classes desfavorecidas cerram os punhos revoltados contra a ordem social, que desce do Céu. E os que lutam em busca de uma independência financeira também endurecem o coração e se afastam do Senhor, porque toda a sua preocupação é o ouro. Só os ricos, as classes abastadas

(orava Dona Etelvina) ainda se conservam dentro do velho catolicismo, porque o seu coração descansou das competições terrenas. E pedia à Virgem que desse a Nina um casamento distinto.

Rogava ao Senhor que lhe dispensasse sempre lautos recursos, e também às senhoras católicas, a fim de que pudessem praticar a caridade, distribuir brinquedos no Natal. Só a opulência poderia elevar a alma aos páramos celestes. A virtude (monologava) só é perfeita e nobre nos espíritos de linhagem. Que fossem favorecidas as gentes de linhagem com os bens da fortuna que são a escada do Céu. . .

E Dona Etelvina imaginava Deus com um manto de imperador, longas barbas, rodeado de fidalgos, um Deus que amava o código do bom-tom e as regras protocolares, e distribuía títulos nobiliárquicos e condecorações. Um Deus diferente do de Evangelino Tupã, o músico do Clube Talvez, que o imaginava o grande seio aberto para todos os sofredores. E também diferente da imagem sonhada por Nina, de um pai afeituoso e benigno, com gestos mansos de Jesus . . .

Mais diferente era a divindade de Aleixo, o inspetor de segurança de beijorra, que efetuara a prisão de Mano.

Era o Xangô dos pombas da Penha nas noites aziagas das danças macumbéiras.

Ogum e Oxalá, eh! eh! de ruços de caixas, de gongos, zumbidos de urucungos.

E velas acesas e imagens de cera, selvagens e trágicas.

Feitiço, coisa-feita, São Cosme, São Damião. Capeta.

O banqueiro Lentier, afundado na cadeira giratória, fazia cálculos, milhares de contos de réis. Estudava negócios, desde o romper da aurora, até à boca-da-noite. Quando os passarinhos cantavam, lembrava-se, despertando, de uma transação do dia.

Atravessava o jardim e não via o esplendor das rosas matutinas. Nunca olhou para o Céu.

Havia, pelo seu caminho, a alegria da vida despertando. E os primeiros raios de sol cantavam na frontaria dos prédios.

Passava o dia no seu "bureau", de lápis na mão. Todos os que o procuravam, tratavam de negócios. Dava ordens, anotava, pensava. Discutia questões de leis, regulamentos. Lia os boletins comerciais. Examinava *bordereaux*, e os seus olhos fugiam, através das colunas dos jornais, de todos os artigos ou comentários que não se referissem a assuntos da praça.

As distrações de Lentier eram as teses sobre economia e finança. Os contentamentos de Lentier fluíam das cotações cambiárias ou das notícias comerciais favoráveis ao seu Banco.

Jantava tarde. Acendia um charuto para pensar nos negócios. Dormia cedo. Não ia a teatros nem a cinemas.

Nunca tivera tempo de ver as estrelas, de olhar para a lua, de ver cair um crepúsculo, de escutar uma poesia.

E, para o firmamento de Piratininga, erguiam-se as colunas altíssimas do templo do Deus-Automóvel, mais alto do que a catedral granítica, desafiando, com o seu esqueleto de ferro, a laje da fé antiga do Largo de São Bento, que tinha, nos seus alicerces, os restos mortais de Fernão Dias Paes Leme, o caçador de esmeraldas . . .

XXI

O LADRÃO DE MOÇA

O Camurça regressou desorientado.

Ao desembocar no largo General Osório, teve a impressão de pôr os pés num país estrangeiro. São Paulo já não era a mesma cidade. Entretanto, ali estava a torre da Luz, lá estavam os arranha-céus. A cidade onde vivera trinta anos! Seria possível?

Faltava ao Camurça alguma coisa, e essa coisa era tudo: o emprego. Vinte e um anos no cartório! Vira passar, por ali, três patrões. Identificara-se com a sua sala de trabalho, com as caras dos colegas, com a clientela. Habituara-se com a sua mesa, a sua cadeira (tinha um corte de canivete numa das pernas, um botão a menos na almofada . . .). O tinteiro, com uma figura da Justiça, sem o dedo anular da mão da espada . . . E, até, um raiozinho de sol, que vinha brincar sobre os papéis, às quatro horas da tarde menos dez minutos.

O seu emprego já fazia parte integrante da sua pobre existência. A grande cidade deslocara-se do seu centro de gravidade. As coisas já não estavam nos seus lugares.

Camurça já não sabia fazer mais nada, não era capaz de mais nada.

Caminhou a pé, com a mala inchada na mão. Parava, contemplava os transeuntes.

— Será possível que toda essa gente encontre meios para viver? Esses homens que passam, como se sustentarão?

Um moço cumprimentou o outro:

— Como vai?

— Cava-se!

Camurça voltou-se, olhou:

— Sim, eles cavam . . .

E lembrou-se das filhas. Lembrou-se da mulher e da sogra. Elas haviam aplaudido a sua transferência para Jaú. Tinham animado a bandalheira que ele iria fazer.

E se a coisa tivesse andado bem? Ah! Então, o seu regresso seria triunfal. Os que vencem devem ser vitoriados, seja qual for a vitória . . .

— É do regime — dissera uma vez Laurentino Canoa, no cartório do Dr. Antoninho.

Só agora Camurça percebia que a sua tarefa tinha sido indecorosa. Sim, era um patife. Do fundo do seu coração, levantou-se uma profunda revolta contra a sociedade, contra o senador Avelino, contra o Dr. Antoninho, e, principalmente, contra a esposa e as filhas.

Parou, ofegante. Descansou a mala. Cerrou os punhos e, num gesto brutal, agarrou de novo a mala, estugou os passos.

— Se me receberem mal . . .

Parou de novo. Recordou-se de um passageiro, do trem, que vinha vender uma partida de algodão, e de outro, “que os fósforos Espelho eram a melhor marca” . . . — “Se me receberem mal . . .” Agarrou a mala.

— Se me fizeram cara feia, desanco a todas. Mato! Sou um homem perdido!

Melhor era matar o Dr. Antoninho. Depois, o suicídio. Os jornais abririam colunas. Ainda há homens que prezam a dignidade, que não resistem à desonra. Então, o melhor era matar o senador Avelino já de uma vez. A bomba.

Atiraria a bomba. Apunhalaria, como Bruto, como Manso de Paiva. Numa festa. No meio de uma multidão. Como o Buíça, que liquidou o rei D. Carlos. Seria um nome nacional. A Bandeira Brasileira. O marechal de ferro. À bala. Recordou-se da revolução do Isidoro. Estivera num porão. Naquele tempo as filhas ainda eram bem meninas. Não: mataria D. Xuxula. Não mataria, pregaria uma sova. A primeira. Ainda alcançava o almoço. Sentia um pouco de fome, que eram 11 horas. O prato de lista azul e o garfo de metal meio amarelado.

Avistou a casa.

— Pai infame! — gritou D. Xuxula do alto da escada.

Camurça baixou a cabeça.

— Você é o culpado. Abandonou a mulher e filhas!

— E então? — perguntou atônito o velho escrevente.

Dona Xuxula fez um gesto com ambas as mãos, indicando uma fuga, e disse seca, ríspida, implacável:

— Gabi foi-se.

Camurça caiu sucumbido na velha cadeira de braços. E Dona Xuxula completou:

— Felizmente, é um velho, do Banco da Província, bem abonado. Mas é preciso que você vá obrigá-lo a casar no Uruguai; é divorciado.

— Chegou a hora da sova — pensou Camurça.

Mas, nesse momento, exatamente, Dona Xuxula exclamava:

— Seja um chefe de família!

Ao que o escrevente retrucou teatral:

— Grande é a instituição da família! Estarei à altura dela.

E erguia o braço direito, o dedo em riste para o teto.

— Se estivesse, — treplicou D. Xuxula — teria trazido dinheiro, de qualquer jeito!

— Alto lá! — berrou Camurça. — De qualquer jeito, não, sou um homem honrado. Há poucos, hoje em dia, mas sou um deles.

— Um homem honrado, — bramiu a mulher — é um bom chefe de família; um bom chefe de família ganha de qualquer jeito o sustento dos filhos. Ainda que seja roubando.

E Camurça:

— E até matando!

— Pois mate!

Camurça trincou os dentes, cerrando os punhos.

Andou procurando um revólver emprestado, para matar seu Carvalho, ladrão de moça.

O barbeiro da esquina emprestou-lhe uma navalha de dentes.

— O Sr. é o homem que quer o emprego?

- Não. Quero apenas falar com o dono da casa.
- O criado perguntou pelo nome.
- João Camurça Viamão.
- O senhor deve ser forçosamente o homem do emprego
- teimou o criado subindo a escada, para avisar.
- E Camurça pensou: “aqui se arranja emprego; mas eu sou um homem de brio, que veio liquidar uma pendência”.
- Pode entrar — voltou o criado com um sorriso malandro.
- Como quem diz: “Sabe, o patrão levanta-se agora bem tarde, tem petisqueira nova em casa”.

E piscou um olho.

O velho escrevente fitou-o com um olhar de cólera. E subiu. Esperou no pequeno *hall*. A casa de seu Carvalho tinha o desalinho distinto das boemias celibatárias. Na mesinha de cigarros, encenada de nus de sanguíneas e *crayon* pendentes das paredes, sobre uma caixa de Abdula, uma bolsinha de mulher, esquecida. O seu Carvalho, da sala de jantar, disse ao criado:

— Ó Jucaca, que espécie de cacete é esse que está aí?

— É um cara de mamão macho mal ajambrado.

Risadas. E uma risada clara de mulher. Reconheceu aquele modo de rir.

E o velho ouviu um beijo chuchurreado.

Não pôde mais. Ergueu-se de chofre. Mas, seu Carvalho entrava de pijama. Cumprimentou-o. Que se sentasse. Estava às ordens, e, quanto à colocação, estava arranjada.

— Mas eu não venho. . .

— Sei que não vem insistir; mas a recomendação que me trouxe há dias, de meu amigo. . .

Camurça tartamudeou:

— Não se trata. . .

— Sim, não se trata de recomendação, senhor Tenório Figueiredo, mas de uma ordem, pois os pedidos do sr. Vilalta, para mim, são ordens.

— O que eu desejava. . .

— Já sei; é justo. Quer saber o ordenado. Ganhará um conto de réis, para começar.

— Sr. Carvalho, — disse finalmente o Camurça — não sou Tenório Figueiredo, mas o pai dessa moça que o senhor tem aí, em sua companhia.

O velho libertino sorriu superiormente.

— Pois, nesse caso, terá o lugar de Figueiredo, com um ordenado maior.

— Desde que se faça o casamento — disse Camurça, timidamente, corando. . .

Carvalho sorriu espantado:

— Arranjaremos isso mais tarde, senhor. Aceite, por ora, este oferecimento, que lhe faço de todo coração.

Camurça lembrou-se de sua miséria, de sua situação de sem-trabalho. Recordou-se das palavras do Dr. Antoninho: “se o senhor sair do meu cartório, morre de fome, garanto que não arranjará outra colocação, porque é um idiota”. Estampou-se, na sua lembrança, a imagem ríspida de Dona Xuxula: “um bom chefe de família, ganha de qualquer jeito”. Imaginou a cara irônica dos amigos: “Então, Camurça? Desempregado?”

Súbito, porém, lembrou-se de que trazia consigo uma navelha que o barbeiro italiano lhe emprestara, dizendo: “*bisogna vedere come fare; questi sono dei temperini pericolosi, ecco!*”

Afundou a mão no bolso. *Bisogna vedere*. . .

Soltou sobre Carvalho.

— Ladrão de moça! Sevandija, desgraçado!

Feriu-o ligeiramente no rosto. A rapariga veio de dentro gritando.

E surpreendida:

— Que é isto? O senhor!

E, enquanto Jucaca atirava o Camurça, a ponta-pés, pela escada abaixo:

— Machucou muito, neguinho?

Um grande orgulho dilatou o peito de Camurça na manhã de sol. Sentia-se bem melhor. O sentimento de dignidade, adormecido durante tanto tempo, saciava-se dentro do seu infortúnio, com aquelas gotas de sangue, que lhe manchavam as mãos. Sim! Era um homem. Existia, ainda, no fundo dele, depois de tão longo tempo de dias humilhados de compressões, sob os ralhos dos chefes severos, sob as impertinências da esposa e os caprichos das filhas — um homem!

Sua vida, agora ia ser, forçosamente, outra.

XXII

A VELHA, O CORCUNDA E A ROMÂNTICA

Dona Etelvina estava esclerosada. E o médico receitou Guarujá. No chalé da Enseada, a velha mãe abriu o seio para o desabafo dos filhos.

O mar de prata alongava-se na tarde rosa. Um navio apon-
to por detrás do morro verde-escuro da Moela.

Pluto desceu da *voiturette*, veio beijar Dona Etelvina, de
olhar suave como a tarde, sentada diante de Nina, que lhe afaga-
va as mãos.

— Mãe. . .

E a corcunda parecia mais alta, mais grotesca, no cenário
de harmonias do céu e do mar.

— Estava falando de você, Pluto — disse a Nina.

Pluto corou.

Contaram da carta de Rodrigo Jorge, da recusa da Elviri-
nha, da opinião de Avelino Prazeres.

— Você completou já 23 anos, meu filho; precisa escolher
uma noiva.

Ele respondeu que não pensava no matrimônio. Preferia a
vida livre, o prolongamento da mocidade. E todo o seu pensa-
mento se voltava para a sua corcunda, e, intimamente, concluía
que a sua única aventura de amor devia ser a morte.

Pluto achava-se, ainda, sob a impressão das palavras mate-
rialistas de Marcos, que ele, oculto na saleta de café do Clube
Talvez, ouvira ainda na véspera:

“ — A solução dos problemas sociais derivará, naturalmen-
te, da solução do problema sexual. Há uma situação sexual no-
va, que exige a eliminação de todos os inadaptáveis. É preciso
existir a harmonia perfeita na transitoriedade do amor e na li-

berdade de eleição afetiva. Homens bem humorados, de sexo pacificado, sem as rebeliões dos seres preteridos e os rancores turvos dos que temem perder. Uma consciência de capacidade de ser amado, que não compreenderá a cólera de Otelo, nem o pessimismo de Schopenhauer; uma integração de direitos da Espécie, que substituirá Romeu e Julieta pelo "sportman" e a "girl" modernos. É preciso eliminar todos os incapazes de se fazerem amar, para que venha a filosofia serena e a política tranqüila.

— A pacificação do desejo, — retrucara Evangelino Tupã — não produzirá Beethoven, nem Nietzsche, nem Napoleão.

E Marcos reafirmara:

— E que importa isso, ao ritmo das estações e à marcha dos astros?"

Marcos era belo e nunca soubera nada do amor. Em torno dele, sofriam corações de mulheres, que ele ignorava. Era puro e casto, exatamente porque trazia consigo a mais alta consciência da possibilidade de ser amado quando e quantas vezes quisesse.

— O amor, — dizia — é o gesto precipitado dos que duvidam de si mesmos.

Mas, as expressões dolorosas para a alma de Pluto ficaram nos seus ouvidos: "os incapazes de se fazerem amar. . ."

— Como posso inspirar amor, mãezinha?

Nina, com os grandes olhos românticos disse-lhe:

— Todos os que sentirem no coração a capacidade de amar deverão esperar confiantes: há sempre uma alma à espera de outra alma. O Universo é feito de equilíbrios e forças equivalentes.

Dona Etelvina sorriu triste, triste. . .

Era o seu filho.

Que herança terrível de antepassados pesava nos ombros de Pluto, como uma cruz? E ela o amava mais ainda, por vê-lo irremediavelmente infeliz.

Nina quis alegrar o irmão entenebrecido na tristeza surda:

— Já sei. . . você anda rodeando a casa do Dr. Antônio.

O corcunda sorriu. D. Etelvina também sorriu. E disse:

— Se for boa moça, está muito bem. Você é rico, não precisa procurar fortuna, e o nome quem dá é o marido.

Nina perturbou-se:

— Então, quer dizer. . .

Os olhos cheios de lágrimas, ela fitava o mar encrespado, em que caíam as primeiras sombras.

As estrelas palpitavam.

E o seu pensamento caminhou serra acima, sertão a dentro, até à remota cidadezinha onde Edmundo Milhomens lutava e sofria. Tornou, baixinho, conchegando-se ao seio materno:

— Se o homem é quem dá o nome, que nome a mulher deve exigir?

— Um nome distinto.

E D. Etelvina encarnava, nesse instante, todos os frios preconceitos.

— Mas, que é distinção?

— Ter categoria social, possuir bens de fortuna, saber aproveitá-los com certa elegância, enfim, não ser um “qualquer”. . .

— Então o Pluto é mais feliz do que eu. . .

Dona Etelvina sentia, nos filhos, as duas fatalidades irremediáveis. Ela mesma, não possuía uma alma corcunda, sob o peso de uma união absurda, que os interesses de família lhe haviam imposto na mocidade? Os princípios de falsa moral não tinham realizado uma obra deformadora no seu espírito, amoldando-o à tolerância de um marido que jamais amara, ao qual se mantivera sempre fiel?

As ondas rolavam na noite e vinham cantar na praia abafando todos os rumores. As convenções, que sempre falaram nos seus lábios pareciam também se abafarem sob o pranto secreto dos filhos infelizes. E Dona Etelvina recordava. . . O pai de Edmundo Milhomens fora o seu primeiro amor. Disseram-lhe: “vais então sacrificar o nome de tua família, para seres a mulher de um médico pobre?”

Nesse tempo, a fortuna da família de Etelvina periclitava ante a avalanche da primeira crise do café, sob a República. Era o grande drama da lavoura paulista, desorganizada e sem defesa. A angústia que teve o seu raio de esperança no Convênio de Taubaté, cujas conclusões determinaram um novo rumo que levou a sociedade paulista ao esplendor rastaquêra das grandes valorizações posteriores.

Os pais de Etelvina estavam arruinados e tornava-se necessário restaurar o prestígio da casa com uma aliança de interesse. Avelino Prazeres não era um noivo de estirpe. Mas possuía já uma fortuna e desmedida ambição. Ele precisava, exatamente, de entrar para uma das grandes famílias, que lhe abrisse as portas da sociedade e da política.

Juvenal Milhomens fora clinicar em Santos, onde se casara com D. Vidoca, a terceira filha de um amanuense da alfândega. Voltara, mais tarde, a São Paulo, onde morrera de febre.

E, agora, o destino mandava para a filha de Dona Etelvina o filho daquele mesmo homem. . .

Na noite de estrelas crescia a voz do mar.

Dona Etelvina abraçou os filhos sentados ao pé da sua cadeira de vime.

— Meus filhos. . .

— Vamos mudar de assunto — disse a Nina, receosa que a emoção agravasse a enfermidade. — Não é mesmo, Pluto? Só faremos o que a mãezinha quiser. Somos religiosos e compreendemos as imposições da sociedade.

A velha mãe, porém, apertando-os ao seio:

— Sim, vamos mudar de assunto. Vejam como está subindo a maré. A lua vai nascendo. Jesus, que amava o mar, ensinou-nos a ler nele as verdades eternas.

E Nina:

— A lua está atraindo as águas. Quem pode deter a maré?

O dorso de crocodilo do oceano incendiava-se de luar. . .

XXIII

O ATELIER DE MADAME BERMUDEZ

Rodrigo Jorge tinha uma das fazendas hipotecadas e o custeio das outras arrastava-se com dificuldades. O Banco Meridional cortava-lhe o crédito, dia a dia. Apesar de seus hábitos sóbrios, os deveres de representação oneravam-lhe as rendas. Na sua casa-grande, de aspecto vetusto, precisava manter a decência de sempre, e tudo devia estar de conformidade com a sua estampa solene de nobreza antiga.

Pensava em vender as propriedades, acomodar-se dentro dos seus cinquenta e oito anos, sem lutas, sem mortificações. Pôr os negócios em ordem, como quem faz a *toilette* para uma festa noturna, depois da lufa-lufa do dia. E aguardar o fim da existência, discretamente, até com certa elegância e aprumo.

E eis que sobre suas terras estoura o escândalo de uma demanda. Era incrível! Mas lá estavam documentos de uma autenticidade irrecusável. Desbotadas estampilhas do Império e a caligrafia mortiz de noz de galha. Era assombroso.

— Dr. Laurentino, hei de me defender do assalto de seus clientes; trata-se de um absurdo, saberei lutar.

Com um sorriso sutil e olhar oblíquo, Laurentino Canoa ia-lhe desafiando a doutrina, a jurisprudência, os comentários dos especialistas, os pareceres dos mestres de direito, as circunstâncias de fato, documentações, provas testemunhais.

Rodrigo Jorge sofria a impressão de um desmoronamento, mas erguia o busto, disposto à batalha.

Uma tarde, procurou-o o Dr. Becca.

— Sabe? Tenho a chave nas mãos, posso salvá-lo.

Contou-lhe o equívoco do Camurça e disse que o escândalo poderia estourar nas últimas fases do processo. Mas era necessário que Rodrigo lhe outorgasse procuração, e nos termos em que ele, Becca, iria redigir; e exigia honorários fabulosos, condições draconianas, insinuando-lhe que o Senador Avelino saberia pagar regamente para evitar a bomba.

Rodrigo Jorge percebia que estava perdido, de qualquer maneira. Parecia-lhe absurda a interferência de Avelino Prazeres nesse negócio. Em todo o caso, achava-se comprimido entre os dois políticos, o situacionista e o oposicionista, que eram, antes de tudo, homens de negócios, useiros e vezeiros nos mesmos processos de luta, nas mesmas perfídias e golpes de inteligência.

Que ia refletir.

Canoa precisava inutilizar a *chantagem* do deputado oposicionista, que tinha em seu poder os autos de Jaú. Aliado a Jaguar-etê — o ladrão arrombador — tentara apoderar-se dos papéis. Mas, o Dr. Becca, por uma casualidade, tivera com o bandido, após o assalto, um encontro antes de Canoa. E conquistara a sua amizade, e reapoderara-se dos papéis, e era, agora, defensor ostensivo de Jaguar-etê.

Laurentino Canoa foi ao cartório do Dr. Antoninho, para forjar uns documentos. O tabelião relutou. Então, Laurentino, mudando de conversa, perguntou-lhe pela família. E Antoninho experimentou um frio pela espinha, recordando-se da letra de vinte contos, que havia reformado, sob exigências tremendas do Banco. As três meninas, que precisavam freqüentar a sociedade. . . A imagem de Pluto surgiu como um amuleto de virtudes. . . Se fosse possível. . .

— Nada maior do que a instituição da família! — dissera uma vez Avelino Prazeres. — É a base da nossa organização social e a inspiradora das virtudes cívicas, das virtudes privadas. É o alicerce da República.

Entretanto, o Dr. Antoninho, sob a ditadura familiar, sentia-se inerte ante todas as tentações da rua.

— Então, Antoninho? — dizia o Canoa. — Deixe de escrúpulos tolos. Veja esse Dr. Becca, deputado oposicionista, que está fazendo, senão uma miserável chantagem? É por acaso, advoga-

do de uma das partes? No entanto, apropria-se indebitamente, dos autos. . . Porque sabe que não podemos exigir a entrega. Veja o Avelino Prazeres, o homem da situação, de pleno acordo com essa manobra contra Rodrigo Jorge, unicamente para inutilizá-lo e submetê-lo aos caprichos da sua política. Veja este seu amigo, Antoninho, este seu amigo que compreende a época em que vive!

E, com o indicador, puxava a pálpebra inferior do olho direito:

— Eu vejo longe. . .

— Mas é horrível, Laurentino. . . Se vierem a saber?

— Saber? A opinião se dividirá. A imprensa se dividirá, de acordo com os interesses do partido, ou os interesses de balcão. Ora! A imprensa! Veja esse Gavião Teixeira, que de todos os lados come, não é um índice do nosso tempo?

Antoninho tamborilava com os dedos trêmulos sobre a mesa. E, agora, era um samba em voga, que lhe cantava na cabeça:

*O que eu quero é gozá,
— seu dotô, seu dotô. . .*

E Canoa sorria, de olhos lânguidos. . .

Quando Laurentino Canoa saiu, de olhos triunfantes, Antoninho mandou entrar o Camurça, que esperava. Foi logo dizendo:

— O senhor estragou a vida de um homem de bem. Estou perdido, senhor Camurça, por sua causa.

Camurça baixou a cabeça branca em desalinho e uma lágrima caiu na botina rasgada.

— Perdoe-me, Dr. Antoninho, estou na miséria. Uma de minhas filhas fugiu. . .

— Era natural — replicou ríspido o velho patrão. — O senhor nem sabe educar os filhos dentro dos princípios da moral. Trabalhou comigo, durante tanto tempo, e nem isso aprendeu!

Camurça abreviava:

— Estamos sem o que comer. Tenha pena de minha família.

— Bem lhe dizia eu que não seria capaz de arranjar outro emprego. Pois arrume-se.

E estendeu-lhe a mão.

Fora, o Camurça mordeu um escrevente em cinco mil réis.

O sol brilhava alto, sobre o torvelinho dos transeuntes. O coração de Camurça batia ligeiro. Abalava-o um fervilhar de antigos ódios recalcados. Contra toda a sociedade. Contra os espíritos de rapina e de opressão, que lia nos semblantes apressados. Na Travessa do Comércio, entrou num botequim, bebeu um copo de pinga. Mais outro, e saiu com um sorriso gostoso, achando a rua alegre. Todas as caras pareciam sorrir na luz crua do sol. Ia passando um auto de luxo, quando ele quis atravessar a rua:

— Não enxerga, besta?

Camurça pulou e riu. Como era engraçado aquele sujeito pançudo, refestelado nas almofadas, junto a uma dama de nariz comprido!

Os jornais noticiavam uma greve de tecelões. O Camurça, vabagundo, apanhou um bonde S. Caetano para ir ver o movimento no Brás. Desceu perto da Rua Maria Marcolina, onde havia grupos. Achava bonito aquilo. Era preciso estourar a cidade a dinamite. Entrou numa venda, para beber e ouvir. Três operários confabulavam. Meteu o bedelho na conversa.

— Isto só a bomba! É estourar tudo! Eu estou aqui. Sou funcionário, isto é, fui funcionário. Agora, sou anarquista. Para rebentar tudo.

Um dos operários se interessou pela figura. Era Solidônio, o niilista. Tomou o seu endereço. Combinou encontros. E Camurça saiu cheio de orgulho, como um homem que sente cair sobre si a luz estranha de uma predestinação. Um homem que nasceu para fazer uma coisa qualquer.

Solidônio era o Amigo.

— Nos grandes momentos de infelicidade, tudo depende do amigo que se encontra — já o dizia Dona Vidoca a Edmundo, com o seu profundo senso prático e simples da existência.

Camurça, desorientado, sem luz no seu caminho de infortúnio, chegara naquele instante em que tudo deflui da palavra do Amigo. E aparecera Solidônio.

Era o Amigo.

Bebeu mais um trago e foi para casa.

Chegou às 4 horas da tarde.

A Graciosa estava se aprontando para sair. Todas as tardes, ela ia ao espelho, pegava o *rouge*, fazia o coraçãozinho vermelho dos lábios. Pegava a bolsa, a sombrinha, e saía. Voltava às onze da noite e ganhava quase todos os dias no bicho.

Dona Xuxula sabia que o nome da senhora do *atelier* era Madame Bermudez. Porque, às vezes, chamava a Graciosa no telefone da esquina, mais cedo, para substituir uma das moças do horário da tarde, dizia.

E Graciosa, nesses dias, tinha melhor palpite nas centenas invertidas.

Madame Bermudez era muito nervosa. Quando acontecia ficar sozinha em casa, pedia à Graciosa para ir passar com ela a noite. E Dona Xuxula dizia: — “Vá, que ela te estima”.

Era com esse dinheiro e a pensão de Dona Idalina que a casa se mantinha. A Gabi mandava presentes mas era escondido do pai, intransigente na sua honra.

— Esta é que é a minha filhinha! — dizia o Camurça afaçando a Graciosa.

Toda a vizinhança elogiava a moça trabalhadeira, e a velha avó, desfiando as contas do rosário, agradecia a Nossa Senhora ter preservado aquela dos perigos que haviam arrastado a outra.

O filho do salsicheiro do Brás tinha dado o fora, depois do noivado de um mês com passeios ao cinema sozinhos. Foi então que apareceu Madame Bermudez.

O *atelier* tinha vários quartos mobiliados e a sala de cerveja. Sentavam-se em redor da mesa para conversar, tocar vitrola. A clientela era toda uma mediania de vícios morigerados.

Madame Bermudez mantinha quase uma casa de família, com maridos revesados e esposas de aluguel. Ninguém recebia ali a impressão da grande orgia dos cabarés, dos bordéis, das pensões chiques. Vinham os homens e sentavam-se com as moças, tomavam cerveja honestamente, conversando conversas banais sem palavões, sem malícia, quase inocentes.

Mulheres de maridos viajantes, viúvas recatadas, raparigas solteiras com seus lares pacatos de arrabalde, improvisavam matrimônios provisórios, reunidas como comadres, como casais de pensões burguesas. E os funcionários exemplares, os comercian-

tes modestos, os cidadãos de pequenas responsabilidades, que não suportam a luz cegante do *demi-monde*, com champanha, música, grandes exhibições, — valiam-se de Madame Bermudez e de suas pupilas, sempre muito meigas e pouco exigentes.

Graciosa entrara ali pela mão do filho do salsicheiro, e agora se dava bem no ambiente recatado de um pecado que até plagiava a virtude. . .

Camurça caiu na cama ao cair da noite e roncou como um suíno. Dona Xuxula remendava um casaco e Dona Idalina arfava na sua dispnéia dolorosa. . .

XXIV

MISS KATY

O senador Avelino vestiu o sobretudo para sair. E fez a boca imóvel e fria, recebendo o beijo das despedidas noturnas de Miss Katy.

Sentiu, naquela noite, que envelhecia devagar. Dolorosamente. Havia dez anos que vinha notando a descaída para o crepúsculo. Não sabia bem por que, mas agora, ao pôr o sobretudo e o chapéu, surgiu-lhe o pensamento de que não era, não podia ser amado.

Quando lhe apareceram os primeiros cabelos brancos, entrava, sem o perceber, nos seus quarenta e sete anos. E havia, ainda, no fundo do seu sangue, o acre cheiro agreste da juventude. E a vaga, cruciante inquietação dos instintos despertos. Capacidade maior, quando o sol declina do apogeu, com cálidos mormaços e a plenitude da idade viril.

Parecia impossível, mas a mocidade passara. Havia provas irrefutáveis: os seus contemporâneos eram chamados por todos "aquele velho". Quando falecera o Lamberto, seu amigo de infância, ouvira muito bem dizerem: "Já não era moço". E o seu amigo Espiridião Duarte, que se tornara católico praticante, e que ignorava a vida noturna de Avelino, dissera-lhe, certa vez num teatro, falando de uma linda atriz: "Estas coisas são agora para os nossos filhos". As provas eram irrecusáveis; no entanto, nunca desejou pensar nelas. E a mocidade já principiava a ser uma recordação. . .

Como passara a juventude sem amor? Casamento de inte-

resse, a preocupação dos negócios, o desejo de lutar e de vencer, de ser apontado entre os seus concidadãos, imensamente superior. E a admiração de todas as mulheres. . .

Consumiu suas noites no estudo, seus dias na luta.

Agora, certas expressões de Miss Katy lhe revelavam que, talvez, tivesse chegado tarde demais para o amor. Havia três anos que a conhecera e dois que partilhava com ela o leito de pau marfim.

Miss Katy era uma criança loura, que chegara no bojo de uma companhia francesa, trazendo com os 19 anos um claro sorriso e a história triste de uma infância de solidão e abandono.

Nem sabia, ao certo, a nacionalidade. Diziam que o pai era inglês; que nascera de um erro de sua mãe, flamenga de oito filhos documentados pelo matrimônio. Miss Katy era o pecado da boa camponesa. O pecado e o tormento, porque os vizinhos apontavam com o dedo o corpo de delito do seu crime casual.

As reminiscências de Miss Katy. . . Trabalhava, aos 13 anos, numa fábrica, em Lille, durante a Grande Guerra, quando a família estivera refugiada na França. Todos os dias com o vestidinho curto e os tamancos que marcavam a neve na rua. E o grande cão preto, seu único amigo, que acompanhava a dona até o portão da fábrica e ia esperá-la, de tarde, quando a sereia apitava.

Um dia. . . Sim, um dia Miss Katy voltou da fábrica e achou a casa deserta. Os sinos tinham cantado, na véspera, numa alegria imensa. Soldados riam, agitando quepes. Paisanos atiravam os chapéus para o ar. E diziam que era o armistício, a paz. A guerra tinha passado com todos os seus horrores. A Humanidade era feliz, dizia um vizinho meio velho, com óculos.

Foi por isso que a mãe de Miss Katy regressou à terra flamenga do Escalda, alegre e livre, até livre do seu passado, do seu erro. Porque todos diziam que era um momento de tranquilidades novas, e a pobre mãe precisava regressar sem a lembrança viva do seu pecado.

Miss Katy não entendeu nada nos seus treze anos. Continuou a trabalhar, com medo que a mãe voltasse e seriam ralhos. Não deu ponto na fábrica, durante oito dias. Dormia com medo na casa deserta, comia um pão que uma vizinha lhe dava.

Uma tarde, quando voltava da fábrica, viu um grande cartaz de um teatro. Ficou lendo. Uma rapariga morena surpreendeu-a:

— Que quer, menina?

A rapariga examinou-a. Era bem bonita. Parecia ter 16 anos.

— Venha comigo.

Engajou-se.

A pequena Companhia fazia uma *tourné* pelas cidades provincianas. Miss Katy seguiu para Grenoble. Aprendeu a dançar, a cantar. Quando a Companhia se dissolveu, em Bordeaux, achou-se desempregada, mas colocou-se logo numa casa de modas.

Um dia, a patroa mandou-a fazer um recado, no terceiro andar. Era uma *garçonnière*. Apareceu um senhor de meia-idade (que já a esperava) e Miss Katy recebeu surpreendida o acolhimento quase paternal.

Conheceu, assim, o primeiro homem.

Luxo, conforto, automóveis, passeios. E a alma de Miss Katy foi sendo modelada para a vida brilhante.

Ficou, apenas, uma crença no “bom Deus” e em Santa Teresinha. Tudo o mais foi tecido de materialidades, de amor às boas máquinas, aristocráticas, velozes, às vitrolas que cantavam os *fox-trots* gigantes, às revistas de cinema que estampavam retratos de “estrelas”. Temporadas em Deauville, nas praias elegantes da Côte d’Azur, ou nos hotéis ensombrados de árvores que olham a espuma branca nos rebojos azuis das enseadas de Biarritz. Foi assim que o bom amigo modelou a sua alma ingênua de menina abandonada.

Quando o amigo se liquidou num desastre de auto, surgiu em Paris com um grande sonho: ser estrela de cinema ou famosa vedeta. Principiou a exercitar-se nas exaustivas *répétitions* do Cassino. Trabalhava o dia inteiro, voltava cansada, estendia-se no leito pobre do hotel pobre, ouvindo os *fox-trots* de sua vitrola.

Pensava na mãe, pedia ao bom Deus que lhe desse jeito de achar de novo a velha. E sofria com esse pensamento. No fundo, era a necessidade de encontrar um coração onde pudesse reclinar a cabeça exausta de sensações e amarguras. Os homens eram maus. Só queriam o seu corpo. E Miss Katy era doentia, não amava a violência egoísta dos homens.

Finalmente, numa companhia de revistas, veio parar no Brasil. Através de Laurentino Canoa, conheceu Avelino Prazeres. Foi a Buenos Aires, regressou a Paris, tornou ao Rio de Janeiro, a São Paulo. E Avelino tomou posse dela.

Um luxo imprevisto, maravilhoso *aplomb*. Durante dois anos, esqueceu tudo. Mas, agora, cantava-lhe de novo, aos ouvidos, a canção boêmia, irresistível, dos grandes sonhos ofuscantes.

Estava bela e perigosa, nos seus 23 anos. Veio o orgulho da mocidade diante do espelho, o desejo esportivo de conquistar homens. De ser uma grande figura fatal. Ou, talvez, de encontrar "o homem", jovem como ela, a esperança dos primeiros sonhos, a imagem vaga, fascinadora daquele "que há de vir", para todo coração inquieto . . .

E foi esfriando para Avelino. E, quanto mais esfriava como amante, mais o estimava como amigo. Não podia passar sem ele. Desejava-o confidente, meio irmão, meio namorado, meio pai. Uma alma onde se acolhesse; um peito, onde pudesse reclinar a cabeça.

Razão tinha Edmundo Milhomens, quando dizia: "O coração pode comportar, ao mesmo tempo, amores de várias naturezas. É bem estúpido que dominem tudo os sexos brutais. O egoísmo dos instintos, insulando as almas".

Miss Katy não entendia nada, mas toda a sua inquietação era feita de simultaneidades obscuras de sentimentos tentando harmonizar-se. Detestava Avelino Prazeres e não podia passar sem ele. Amava-o. Como que? E por que?

Ela nunca experimentara o amor de um pai e, na realidade, também nunca tivera o amor de amante. Sentia, agora, necessidade de ambas as coisas.

Aquela rapariga louca estava decidindo do destino do político sexagenário. Avelino Prazeres começou a refletir, pela primeira vez, no sentido da sua vida. Afinal, havia alguma coisa

mais alta sobre a miséria de todas as materialidades. Aceitar a amizade de Miss Katy, sem a desejar, sem a tocar. Aceitar a situação de vê-la caminhar livremente para a vida. Ser a alma misericordiosa e compassiva, depois de haver sido o amante cheio de ciúmes.

Mas a força dos velhos hábitos rugia raivosamente no seu sangue. Embora Miss Katy não quisesse dele um único vintém, e o declarasse desonerado até dos presentes voluntários, não podia aceitar aquela situação de amigo e confidente. Ele seria um alvo de risotas, o "coronel", embora nada pagasse, o corno, embora não fosse um marido, nem sequer um amante.

E Miss Katy chorava na noite alta, compreendendo o direito perdido de amar outras formas de amor que independessem da sua condição sexual.

Avelino Prazeres, no trajeto do automóvel, ia pensando em toda a sua carreira, a sua vida já longa. O casamento fora um ato de violência. Sua posição social e política um ato de violência, uma arbitrariedade imposta ao país.

E para que? Atingia os sessenta anos e nunca tivera um prazer. Só atribulações, sede de riqueza e de poderio. Nunca fora feliz.

Era o crepúsculo que chegava. Mas chegava para o velho senador, como uma luz estranha, que lhe nimbava a frente grisalha com o fulgor das primeiras estrelas da noite próxima.

Saudades das alegrias matinais . . .

Primeiras esperanças das constelações que palpitam para outras constelações . . .

No céu infinito.

XXV

O ÊXODO

Descampado de sol. Mormaço nas restingas. E, no silêncio enfumaçado de agosto, o sem-fim pelas grotas, reticência negra . . .

No oitão da choupana de barro, o chapeirão desabado, a cabeça morena repousa no cabo de guatambu da velha enxada, companheiro de semeaduras e capinas. Lá em cima, até o coruto do espigão, é a roçada para o milho das plantações de setembro; lá em baixo, a várzea do arrozal e o pastinho da Mimosa e do Tordilho, e o Firmeza, *burro bão*, orgulho de João Tinoco.

Edmundo, a cavalo, escuta as queixas do caboclo:

— Tem tanto chão no Brasil, seu dotô. Este aqui é meu, custou meus cobres. Diz que estou no meio da fazenda alheia. Pode ser Compadre Felisberto, Nhô Jesuíno, seu Firmino, e outros, que paga arrendo, como por aí arguns que prantaro café de à meia. Mas eu, tô no meu chão, dinhêro batido. Não entendo.

Edmundo compreendia a iniquidade do “grilo” forjado no escritório de Canoa, com anuência de Avelino Prazeres. Envolviam-se milhares de alqueires de Rodrigo Jorge e, de roldão, pequenos lavradores paupérrimos, como João Tinoco. A avalanche arrastava sitiantes e rendeiros, como um dilúvio que rolava das sentenças e acórdãos, assoberbando as populações rurais.

Tudo ia cair nas mãos do sindicato poderoso, que tinha o seu estado-maior montado nos escritórios luxuosos onde avultava a sombra terrível de Mr. Sampson.

As populações de toda a zona armavam-se contra o atentado. Mas o atentado era a Justiça, era o argumento irretorquível da Lei. Como delegado de polícia, para evitar conflitos, tinha, sob suas ordens, quarenta praças de fuzis e até uma metralhadora. E devia agir.

Preferiu procurar primeiro os interessados, explicar-lhes a situação. Recomendar-lhes resignação, apelando para os sentimentos religiosos.

Era a Marcha Civilizadora. Os “grilos” vinham suceder o massacre dos silvícolas. Escorraçaram-se os bugres com tiros de carabinas; expulsavam-se os velhos posseiros com mandados judiciais.

Necessidade de expansão da Grande Metrópole. Era preciso que São Paulo, como as outras cidades litorâneas, crescesse de pressa, carresse riquezas para o seu empório. Os “grileiros” chamavam-se os “novos bandeirantes”. Eles vinham reduzir a policultura sem recursos ao domínio irresistível do café. Traziam estradas de ferro e progresso de asas velozes.

E, entretanto, havia o drama de João Tinoco, mulher e filhos, uma filhinha doente. E o caboclo dizia:

— Eu morro, seu dotô, mas apertando o gatilho.

Edmundo quedava pensativo diante daquela irredutibilidade.

— Os homens da cidade não têm coração. Não hai justiça para os pobres, mas Deus é grande.

— Sim, Deus é grande — repetiu Edmundo Milhomens. E lembrou-se da frase de Avelino: “nós hoje mascaramos com chicanas e rabulices o que os nossos avós fizeram abertamente, a arcabuzes”.

Edmundo encontrava sempre a mesma resistência. Os cablocos estavam armados para a batalha. Na baixada da Onça, junto ao córrego, achavam-se também acampados os dez capangas de Canoa, facínoras agaloados por crimes de morte. E, na sede da comarca, 40 praças da polícia. Página terrível na sua carreira incipiente...

E, afinal, devia agir com justiça. Não importava que esta fosse a iniquidade.

— A alma dos juízes, — pensava enquanto cavalgava tristemente pela estrada — vive mais nos autos e nos livros do que na

vida vivida, na vida tangível. É preciso não ter coração para ser um bom juiz.

E a casa de João Tinoco estava presente no seu espírito. Galinhas ciscando, leitões grunhindo, gatos magros e cães sonolentos. Um mamoeiro, como uma bandeira triste. A mulher ossuda, as crianças de fralda encardida. O mastro ingênuo de São João, com laranjas enfiadas na ponta. E o burro brioso Firmeza, orgulho de João Tinoco.

No hotel, encontrou duas cartas. “Veja se resolve de acordo, com humanidade; a mim, pessoalmente, não me interessa esse negócio”, dizia Avelino Prazeres, como procurando soffrear a velocidade adquirida da empresa iníqua. E Canoa escrevia: “Não tenha contemplanções, ponha tudo no olho da rua. O sindicato precisa transformar isso em cafezais, levar o progresso a essa zona. O seu dever é agir respeitando a decisão da justiça. É a única coisa que nos resta, neste país perdido”.

O velho Prazeres, que parecia haver mudado de idéia, já não conseguia deter a marcha cujo impulso inicial partira de suas mãos.

A noite caiu pesada de apreensões no quarto de hotel de Edmundo Milhomens. Sua mãe, na última carta falava-lhe do cumprimento do dever e relatava-lhe as aperturas da família. Contava, também, o triste esboroar da gente do Camurça e o diz-que-diz-que doloroso da vizinhança. O Camurça, bêbado e inchado, facadista; a mulher com os cabelos branqueando; uma filha perdida, a outra rodeada de “constas”. E Dona Vidoça louvava o bom Deus, que fizera de Edmundo o esteio da família e Santinha e Alice, tão conformadas com a vida. Exortava-o a cumprir o dever, e a subir, amparado pelos fortes. “O bom nome e as boas relações”, dizia, “têm feito de você um moço de futuro”.

Edmundo, espichado na sua cama, os olhos postos na fileira de livros, meditava angustiado.

O dever . . . Que era o dever? Expulsar João Tinoco das

suas terras? Cumprir a lei, os ouvidos fechados para todos os prantos, os olhos cegos para todos os infortúnios? Ser correto seria cumprir, junto aos partidos políticos, a recomendação de Avelino Prazeres: "Aos adversários, justiça; aos amigos, favores dentro da lei"? Mas, que leis eram essas que facultavam benevolências e possibilitavam implacabilidades?

Abandonar o cargo . . . Ele era o arrimo da família, da velha mãe, da irmã solteira. Apenas a mais velha estava agora casada, e já vinham notícias do marido, que jogava, e voltava à madrugada para casa, bêbado. A sociedade parecia uma engrenagem, que arrastava, que levava, irrevogavelmente, transformando, como um maquinismo terrível, todas as rebeliões em subserviências humilhadas. O senador prometera-lhe promoções sucessivas. Deveria chegar à Capital; um dia poderia ser chefe de polícia. Rapazes de carreira chegavam a dizer dele: "ainda será deputado". Porque as revistas literárias elogiavam os seus poemas.

Desejaria ser, apenas, um escritor, porque um mundo turbilhonante bramava no seu espírito. Mas todos exigiam dele que fosse um grande funcionário, um homem público, que chegasse a ser um potentado. A marcha era dura e cheia de tropeços.

Para o seu coração. E, no entanto, esse mesmo coração, que lhe criava dificuldades, retinha-o à vida prosaica, à fatalidade de uma existência que não condicionava a grande e verdadeira expressão do seu espírito.

Abandonaria a carreira. Uma onda de covardia esfriava-o. Edmundo desejaria ser um lavrador, como João Tinoco, para respirar a liberdade. A advocacia repugnava-o: era a processualidade dos combates do regime capitalista, pelas aspirações mais materiais da espécie, — os interesses egoísticos em choque. O funcionalismo, nos seus tempos de estudante, fora um espetáculo deprimente de bajulações de pequeninas tramas de política-gem burocrática. Oprimidos e opressores. Como no comércio, onde fizera o caixeiro até os 16 anos com ralhos injustos e a cara fechada dos patrões. Trabalhara sempre. Se obedecesse, desde cedo, aos seus impulsos bárbaros, tê-lo-iam chamado um vadio, sem sujeição, um mau filho, um inútil. De si para si, teria sido, talvez, coerente com a alta aristocracia do seu espírito sensível. Mas, cedera. Tudo, nele, era força de vontade, mantendo sufreadas as cóleras de todas as contrariedades secretas. Suas atitudes na vida prática apresentavam-se normais e tinham a exatidão mecânica dos órgãos disciplinados da sociedade; mas eram falsas

e nunca espelharam a sua real fisionomia. Refletiam, talvez, a luz do seu coração, que fazia de suas covardias as supremas expressões de um heroísmo.

Encontrava-se, agora, diante de um novo tropeço: a interpretação desta palavra vaga — o dever. Não o dever regulamentar, legal, ou relativo à moral comum, mas o dever mais profundo, que se refere à própria natureza humana.

A figura de Camurça apareceu no seu pensamento. Se Camurça houvesse cumprido o dever, rejeitando a proposta indecorosa, ter-lhe-iam acontecido as mesmas desgraças. Seria despedido do cartório e estaria na mesmíssima situação em que se encontrava.

As filhas do Camurça . . . Brincara com elas, na infância. A Graciosa era sua namorada. Mais tarde, esqueceu, veio a indiferença. E veio o amor pela outra, tão no alto. Edmundo releu, mentalmente, a última carta que recebera de Nina. “Um dia seremos felizes”. Mas a sua memória insistia em apresentar-lhe Graciosa “por que falavam dela”, “porque havia constas”. Tinha uma pinta preta na nuca muito branca. Onde uns fios de penugem. Experimentava uma vaga paixão pela companheira de infância. Sempre julgara ser indiferente por ela; sabia, apenas, da existência dela. E, agora, no meio das suas atribulações, aquele esquisito interesse, uma espécie de ressentimento, ou ciúme indefinido dos outros, porque “falavam dela”. No limbo das solicitações desconhecidas, o longínquo rumor de um despeito indistinto. Havia de vencer, de conseguir ser alguma coisa, casaria com a Nina, olharia muito do alto as coisas da infância, continuaria a se desinteressar pela existência de Graciosa. Mas, esquisito:

— Por que Graciosa?

Deram duas da madrugada. A diligência deveria efetuar-se ao meio-dia. A figura de João Tinoco avultou, cresceu, com seu chaparéu, sua fala de pranto.

Parecia a figura do Brasil que as revistas publicavam. Parecia um velho tronco da velha perobeira, hirta, diante do machado heróico do desbravador.

Crianças choramingando. Pássaros implumes dos ninhos repousados nos galhos altos da árvore condenada.

Passou a vara ao suplente, o capitão Louzada, membro do diretório político, valente e decidido, que gostava de surtidas e cheiro de pólvora.

Entrincheiraram-se no espigão, por trás da laje de pedra que tinha os altos tufos de pita e dominava a estrada. Eram vinte e sete: a gente do Felisberto, do Jesuíno, do Firmino, do Bastião, e João Tinoco feito chefe. As mulheres e crianças, os velhos, os doentes asilaram-se na casa embaixo, com seis caboclos destorcidos de clavinotes e facões.

Às três da tarde, apareceram uns vultos movendo-se no amarelo da baixada, longe, como para envolver a posição dos rebeldes. Eram os facínoras do Canoa. O Tinoco esperou que eles chegassem à cabeça da pinguela, que ia ter ao pastinho deserto. Quando apontou o primeiro no meio das capitivas, reboou um tirázio. Era a manulicha do Bastião. O sujeito levou a mão à cabeça, despençou no córrego.

Imediatamente, do lado da porteira velha, onde a estrada sobe o morro do Zeça Bento, estrondou uma descarga.

— A polícia, minha gente! — gritou João Tinoco.

— Governo disgranhado! — berraram em coro.

E pipocou a resposta de fuzis, clavinotes, espingardas. Um soldado caiu de bruços. Nhô Jesuino tombou, também, com o peito varado. O fogo vinha, agora, de três direções. A caboclada sustentava a luta.

Tiroteio intermitente. Que cessava, durante duas, três horas. Para recomeçar, de novo, quinze, vinte minutos cerrados.

Telegrama para o chefe de polícia. Notícia nos jornais da Capital.

A noite caiu, cegou a terra, acendeu um céu claro de estrelas. Coruscantes. Subiam vagalumes das grotas, com as vozes dos

soldados ao longe e dos capangas do Canoa atocaiados e insones.

João Tinoco aproveitou o armistício, fez trabalhar os enxades, abrindo buracos para se defenderem das balas que vinham do lado da pinguela e da paineira da roça de Nhá Luzia.

No silêncio enorme, vibrava o tinir das enxadas topando pedrouços. Parecia uma voz na noite.

Do lado da porteira velha gritaram:

— Eh! João Tinoco! Tá fazendo a cova?

— Pra vocês, cabeça seca!

Por volta da meia-noite, tudo cessou. Só os grilos trilavam. Tinoco bateu o isqueiro, acendeu o cigarrão de palha. À luz das faíscas, os companheiros de cócoras, viram a cara dele: dura, implacável, porém serena, como uma consciência de direito.

Súbito, como se tivessem brotado da terra, surgiram soldados e capangas, peito a peito, as baionetas caladas, as facas cintilantes ao clarão das estrelas.

E a voz de prisão.

Quando a manhã chegou, com tons vermelhos no céu de agosto, estavam todos amarrados, as mãos para trás, vinte e dois, porque os outros tinham morrido. O capitão Louzada dividiu a escolta. Fez, primeiro, seguir, para a estação, os presos, dois a dois.

Em seguida formou-se a longa procissão dos exilados. Todos os tarecos das choupanas foram postos na estrada.

Começou a mudança. Para onde?

Colchões, amarrados, cobertores roxos desbotados, camas de embira, mesinhas de caixão de querosene, panelas de três pés, gamelas rachadas, pratos de estanho, canecas de lata de azeite, lamparinas de folha de Flandres . . .

Atilhos de milho de pipoca; sacos encardidos de feijão e arroz; enxadas, machados e foices. Cães gafentos, e porcos de

meia ceva, e gatos de cauda em riste miando, e pencas de galinhas de cabeça para baixo.

Mulheres magruças de cara espantada; mulatas de gaforinha; caboclas chatas amarelentas de olhar apalermado; velhas resmungando, velhos silenciosos como raivas comprimidas. E crianças sujas como os cães e os gatos, algumas opiladas, quase todas barrigudas.

Puseram-se em marcha, rumo das divisas das terras em litígio. Transpuseram, já noite, o rio divisor.

Um grande céu compassivo cobriu-os de estrelas.

Aberto como uma vasta barraca.

Entre choros de crianças e o murmúrio das águas do rio, o sargento Ramalho, comandante da escolta, disse-lhes, despedindo-se:

— Tratem da vida e sejam felizes. Respeitem a propriedade alheia.

E, estendendo o braço para a larga amplidão de treva das campanhas, picada de pirilampos e marcadas pelo vulto negro das araucárias, exclamou:

— Vejam como isso é grande!

XXVI

A MÁQUINA E O HOMEM

A construção era toda de cimento-armado, altas colunas em cubo e paredes lisas. O rés-do-chão iluminava-se com a festa gloriosa das vitrinas de milhares de lâmpadas veladas por *plafonniers* retangulares. No interior, amplíssimo, vinte carros magníficos, carroçarias azuis, amarelas, negras, vermelhas, de limusines e torpedos, *voiturettes* graciosas, pára-brisas cintilantes, pára-lamas reluzentes e grossos pneus imponentes, e largas almofadas de couro brilhante. Carros de desenhos ousados, uns com a expressão pesada da força, outros esgalgados e lépidos, como imagens da velocidade. Pormenores de conforto e de luxo, vasos elegantes com rosas, espelhos, pequenos cofres de *toilette*. Concurso de superioridades. Esplendor.

Nomes esquisitos de fábricas e marcas. Lutando como os tótems antigos para se transformarem em tabus da nova era, eliminação impiedosa dos concorrentes.

Larga ladeira em espiral, subia ao andar superior, de paredes de vidros, iluminando como uma tocha. Colunas cúbicas. E carros. E outros cinco andares, como uma torre de Babel de dados superpostos.

Surdindo das ruas brancas de saibro, entre a grama verde aparada, seis bombas de gasolina, como soldados vermelhos, de sentinela.

Na noite constelada de focos elétricos, o templo do Deus-Auto — a mais sensacional das exposições do gênero — sobressaía, olhando para as fachadas dos arranha-céus, e abraçando a Cidade fosforescente com os dois braços compridos de luz da projeção rotativa dos holofotes.

No meio da multidão rumorosa, os pregões dos jornais da noite. Traziam notícias de sucessos políticos — objurgatórias tremendas contra o governo por causa da questão eleitoral. Artigos sobre o voto secreto da pena puritana dos liberais. Numa destas folhas, um escritor de índole conservadora estudava o problema religioso. E havia rodapés com críticas literárias.

Mas, o grande assunto era a exposição automobilística, a Semana do Automóvel, com o momentoso concurso, em que se elegeria a marca predileta, e o emocionante circuito da Cidade.

Diante dos autos glorificados, os olhos cubiçosos das mulheres, olhando . . . E homens envolvendo as mulheres no olhar.

— Assistimos ao choque dos mitos — disse Marcos a Edmundo Milhomens, que viera à Capital chamado pelo chefe de polícia. — Vamos ver a mostra das máquinas industriais.

Subiram, com o Evangelino Tupã, para o triângulo ofuscante, apanharam o bonde no largo do Tesouro, desceram diante do Palácio das Indústrias batido pela luz branca dos grandes focos elétricos.

Em cada sala, uma máquina de brilhos reluzentes, engrenagens complicadas, com todo um sistema planetário de rodas e discos, alavancas, cilindros, tubos, pivôs, pinos, braços de aço, polias, comutadores, teclas de ligação, mostradores, amperímetros, voltímetros, termômetros, câmbios, e fios, e agulhas, e cronômetros — organismos maravilhosos de metal. E dínamos, motores, transformadores; e teares, maçaroqueiras, fusos, cordas, conicais, aparelhamento de fiação e tecidos, para fibras finíssimas e meias grossas. E aparelhamentos para todas as outras indústrias, desde a fabricação de papel à manufatura de couros, e desde a impressão e a litografia, aos bordados delicados, finíssimas rendas, meias levíssimas. Máquinas para a prodigalização de todos os confortos, para a possibilidade de todos os luxos.

Cada uma revelava um aperfeiçoamento novo, um pormenor superando o tipo do ano precedente. Toda a preocupação era “produzir o máximo no tempo mínimo”, como se lia no grande dístico, no saguão do Palácio. Havia uma outra tabuleta que dizia: “baratear o custo”.

Um técnico examina os monstros de ferro com orgulho. Dizendo:

— Cada máquina vale por uma legião de homens. A máquina trabalha para a humanidade.

Num salão mais amplo, estava a invenção prodigiosa: a “fábrica automática”. Era ainda uma tentativa, porque apenas produzia botões de osso, mas prenunciava o que viria a ser a indústria do futuro. Bastava apertar o comutador, e o maquinismo funcionava sozinho preparando a matéria-prima, fabricando os botões, separando-os, de dúzia em dúzia, metendo os caixotes em caixas de grosas, rotulando-as, empilhando-as, e, — aqui era o serviço admirável! — apresentando uma fatura de produção, e um mapa estatístico em que se registrava a força motriz dispendida, o número de quilos de matéria-prima manufaturada, o número de botões, segundo suas categorias e padrões, e o tempo preciso de todo o trabalho.

Com os olhos no prodígio, Edmundo exclamou:

— Eis a criatura que supera o criador.

— A máquina é a serva do homem — respondeu Marcos.

E Tupã:

— Admirável engrenagem! Que seria dela, porém, se não fosse o dedo, que aperta o comutador?

E, tristemente:

— O dedo é menos providencial ainda do que o cérebro que a ideou. No entanto, o homem é o escravo da máquina. Que são as densas populações, senão a massa tributária dos consumidores de estoques? A máquina cria necessidades novas, confortos desconhecidos, superfluidades inéditas impositivas. Que seria dos estoques se não fossem os costumes? Há novos costumes, porque há novas máquinas, e aperfeiçoam-se as máquinas para se exacerbarem os costumes. Essas multidões que trabalham e sofrem, que se agitam, que choram, que raivam, derramam o suor quotidiano para consumir a produção, que a concorrência impõe, habilmente, ou violentamente, através dos hábitos adquiridos. O homem é escravo da máquina . . .

— Sim, — fez Edmundo Milhomens — cada conforto equivale a um sacrifício, cada esforço economizado custa dois esforços despendidos.

E Marcos:

— Eis aí mais um deus da Era Nova. Mas ele tem cem anos porque nasceu com Fulton, Watt e Volta, quase na mesma época em que nasceram os deuses ideais de Rousseau. A máquina evoluiu concomitantemente com a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade. Expandiu-se enquanto se expandia o Romantismo. Aperfeiçoou-se enquanto se aperfeiçoavam as fórmulas liberais. Mas esses deuses, da mesma idade, estão em luta.

— Toda a humanidade se ajoelha, agora, diante da Máquina — disse Tupã. — Ajoelha, sem o confessar.

— Cumpre, — exclamou Marcos — forçar a confissão coletiva, unânime. Concretizar o inconsciente vago na forma de um feiticismo declarado. Exaltar as forças criadas pelo Homem, para que se transformem em divindades e sejam mortas, depois. Só então o Homem as superará.

— Pobre homem. . . — murmurou Tupã. — Escutem o rádio . . .

O alto-falante do Palácio das Indústrias principiava a funcionar. E, parecia que vinha da noite, do céu carregado de astros, dos incompreensíveis espaços infinitos, misteriosos, derramando-se das constelações errantes, um trecho de Wagner, como uma soluçante música interplanetária . . .

Os três amigos quedaram-se pensativamente no átrio fresco sob o céu cintilante. E Marcos:

— Que belo e forte é o homem! E como tem capacidade para vencer, dominar e servir-se de todas as energias obscuras que querem destruí-lo! E quando cria os monstros de aço que o acometem, como o homem sabe surdir da sua batalha e da sua dor! O homem existe para ser belo e forte!

E Tupã:

— O homem existe para conversar com os astros.

O circuito da Cidade atraiu às ruas da pista designada uma multidão de trezentas mil pessoas. A chegada era no Trianon, e a Avenida regurgitava, lado a lado, massa compacta, ondulante de cabeças espichadas, de braços agitados.

Às 11 horas, no sol ardente da manhã de outubro, ouviu-se o ronco heróico da máquina triunfadora. Subiu o *bruaá* imenso.

No largo do Paraíso apontava, como um ponto negro, o automóvel vanguardeiro. O ponto negro cresceu com a velocidade

dos segundos, avultou, dominou, deslumbrou, com o estouro do escapamento, o fumo negro como um penacho, o grito estridente da buzina atroadora, ensurdecedora, e a coruscação cegante dos metais fulgindo ao sol, como um relâmpago.

Rugiu o trovão dos aplausos da massa brutal em delírio. A máquina magnífica estacou, ofegante de glória.

E saltou dela, carregado nos ombros do povo que estrugia, a viseira descida, o rosto suado, um riso de dentes cerrados, a figura do herói, retorcida, esmagada pelo cupim grotesco da sua corcunda.

Era Pluto.

III PARTE

O OFÍCIO DAS TREVAS

... e até que chegue o Desejado, serão multiplicadas as angústias, e a Pátria terá, como nos dolorosos ritos, o seu Ofício de Trevas!

XXVII

QUANDO O SOL DESCE...

Aproximavam-se as eleições municipais. Era necessário eleger-se uma Câmara que não desgostasse o Canoa, agora promovido a deputado estadual e arvorado em centro coordenador das correntes eleitorais do Partido. Sua vaga foi preenchida pelo Gavião Teixeira, cujo primeiro projeto no pequeno congresso municipal foi o referente à desapropriação de um quarteirão inteiro, para alargar o Largo do Arouche. O Gavião não gostava de ruas estreitas e praças acanhadas. "Largueza, amplitude!" exclamava como quem expõe um programa. Por isso, os interessados enchiam o seu escritório, coisas de desapropriações com vantagens de porcentagens que ele comia. O "Jornal Noturno" passara a apoiar Avelino e Canoa.

Gavião Teixeira sempre se batera e continuava a se bater, pela "pureza dos costumes", exigindo a punição de culpados, falando sem cessar na obra de "saneamento político" de que o país estava precisando.

Mas recebia com um sorriso muito amável os interessados nas desapropriações. Falava-lhes da lei, como um bom protetor, que os livraria das violências que o governo podia, tinha o direito de fazer, em nome de serviços sagrados de utilidade pública. E ganhava as diferenças.

Canoa é que ia de vento em popa. Construía um palacete na Liberdade e assumira os ares nobres e solenes que convinham à nova posição. Para que melhor lhe soprassem tão bonancosos ventos, o senador Avelino se transformava, dia a dia, de uma maneira assombrosa. Uma noite, Canoa surpreendeu-o a ler uma vida de S. Francisco . . .

Avelino Prazeres sempre fora um ambicioso. Defendera doutrinas políticas, para se pôr em evidência; sustentara o partido, para ser o chefe; acumulara riquezas, para cimentar o poder. A sua ambição se estendia por todos os lados, abarcava o quadrante de todas as possibilidades. Desde muito moço, desejou ser o querido das multidões e o ídolo das mulheres. Desejou, também, possuir todas as mulheres, e a isso atribuía o fato de se haver conformado com um casamento de conveniência. Nunca amara Dona Etelvina. Mas ele nunca amara mesmo, isoladamente, mulher alguma, porque seria limitar a amplitude dos seus sonhos. Na vida pública, julgou-se, constantemente, o homem indispensável. Quando afirmava: "O Brasil necessita de tais e tais reformas", via-se, mentalmente, realizando-as. Porque ele era "o homem". Tudo em Avelino Prazeres era o culto de si mesmo, a ânsia de possuir e de imperar. Assim, chegou à velhice. Quando os beijos de Miss Katy começaram a se transformar. A amante lúbrica se transfigurava na criatura ingênua que o amava quase filialmente sem excluir a hipótese do amor sexual por um outro, vago e indistinto, que ela esperava, como um fruto da mocidade e da vida.

Avelino refletia sobre a sua situação junto a Miss Katy. Não era idêntica à que sempre mantivera na sua carreira política? Havia aspirações novas na alma das multidões. O povo não o odiava, não o odiaria se ele se pusesse à margem, deixasse passar a onda dos novos sonhos, das ilusões renovadas, das massas em busca de novos algozes disfarçados entre as luzes de ouro das novas promessas.

Poderia ser amado, de uma maneira diferente, sincera e duradoura; seus compatriotas lhe dedicariam um sentimento semelhante ao que Miss Katy lhe oferecia. Alheio às lutas e competições, veria com os olhos mais puros e influiria com o prestígio dos desinteressados. Seria amado . . . Os homens só amam os que "não querem tirar-lhes nada". Exatamente como Miss Katy.

Seu orgulho, entretanto, rugia. Ele era, devia ser "o homem". Quem o substituiria?

— Penso, às vezes, em abandonar tudo . . . — disse ao Canoa, numa tarde aborrecida.

Os olhos de Canoa fuzilaram. Mas Avelino completou:

— Entretanto, seria falta de patriotismo. Ninguém deve negar-se a prestar serviços ao país. Não ocupo os lugares por ambição.

E não largava os cargos.

Agora, depois da atitude de Miss Katy, começou a ler, diariamente, nos olhos dela, a verdade sobre o sentido de sua vida de homem público. Quis reagir, uma última vez.

Miss Katy recebera-o com um sorriso carinhoso e um beijo na face, cheio de ternura. Estendeu-se no divã. Avelino Prazeres sentou-se na larga poltrona de veludo azul.

— Cansado? — perguntou ela.

— Não me canso — respondeu Avelino. — O trabalho me revigora, a luta me faz mais viril. Tenho o mesmo organismo de trinta anos, o mesmo ardor . . .

— Que quer dizer? Anda pensando, certamente, numa outra . . .

— Talvez — disse Avelino.

Miss Katy fez um ar de censura.

— Sabe que não gosto?

— Sou um homem — retrucou Avelino.

E ficaram em silêncio.

Avelino Prazeres não podia explicar por que motivo toda a sua audácia desaparecia diante daquela mulher. Não tinha coragem de tocá-la. E, entretanto, dormira com ela, durante dois anos e tanto, no mesmo leito, e ela lhe revelara todos os mistérios do seu corpo . . .

Miss Katy ergueu-se, esteve dois minutos no meio do quarto, fitando-o. Avelino Prazeres fingiu uma indiferença gelada. Ela avançou para ele, sentou-se nos seus joelhos, abraçou-o ternamente.

— Deixe-me — exclamou Avelino, enfarruscado.

Miss Katy levantou-se, os olhos cheios de censura e de lágrimas. Percebia, intimamente, que perdera o coração do amigo, que ela desejara conservar isento de todo interesse do sexo. Avelino Prazeres interpretou suas lágrimas, seu gesto de zanga, como um raiar de aurora nova, um retorno às noites cálidas que o Canoa prodigalizara outrora, após as ceias com as raparigas da Companhia de Revistas. E resolveu continuar a sua politicazinha de apaixonado, a fim de reconquistá-la, pela afetada indiferença.

— Que quer você de mim? — perguntou.

Enxugando as lágrimas, Miss Katy estendeu o braço na direção da porta:

— Pode ir embora.

E tinha uma expressão glacial.

Em seguida, como se arrependendo, chegou-se a ele passou-lhe o braço pelo pescoço e disse-lhe:

— Como você é bom!

E Avelino experimentava um sentimento de ódio. Como execrava todas as situações falsas em que se encontrara sempre! Miss Katy era o símbolo da sua própria vida política. Um desejo de renúncia avultou no seu coração.

Dona Etelvina, gravemente enferma, definhava. Ela, também, não o amara, senão com um sentimento de caridade e de respeito. Carinhosa, lá estava a Nina, acompanhando a moléstia da mãezinha, com o relógio e a poção de duas em duas horas.

A filha, por sua vez, não amava o pai, senão com o instinto do sangue cultivado pelos deveres do catecismo. Do mesmo modo que Pluto, que deveria detestá-lo, como a um carrasco.

Canoa viera pela manhã falar de política, de negócios, a concessão à Companhia de Eletricidade, presa ao grupo financeiro de Mr. Sampson.

Quem era Canoa e que espécie de amizade era a sua? Falavam fundos interesses nos olhos dedicados do amigo. Também, nunca Avelino lhe ensinara outra coisa, desde quando o tirara da repartição.

Nunca dissera ao Canoa uma palavra de afeto, habituara-o à subserviência, ao acatamento, sem discussões de suas ordens. Às vezes, até berrava com ele. Chegava a ser grosseiro em muitas ocasiões. E, no entanto, cumulava o Canoa de proventos. Dera-lhe posições, facilitara-lhe negociatas. Enriquecera o Canoa. Ultimamente, associara-se com ele em boladas grossas. O Canoa fizera carreira à sua sombra, e toda a submissão do protegido era um desejo de liberdade mais rápida. Poderia ter feito do sócio e confidente, um amigo; fizera-o um sucessor, um competidor em surdina, que não o amava, que aguardava o momento de tomar de assalto as posições do velho protetor.

Avelino Prazeres começou a estudar, uma por uma, todas as pessoas das suas relações.

Elas constituíam, como dizia o grande jornal do partido, quando publicava uma notícia desenvolvida do seu natalício, "largo círculo de suas amizades".

Gente dos telegramas de aniversário, dos acompanhamentos de enterro, dos protestos de solidariedade nos momentos de demonstração de força . . . Todos iguais a Miss Katy!

E foi assim que Canoa, uma noite surpreendeu Avelino Prazeres a ler uma vida de São Francisco . . .

O orgulho de Avelino transitara pelo despeito e pela desilusão, mergulhara no amargo das misantropias turvas, e ia sublimar-se extasiando-se diante da vida humilde do santo de Assis.

Sua ambição transfigurava-se em renúncia.

Na transição por que passava, Canoa se emproava, absorvente, sinuoso, os olhos em relâmpago, a atitude de chefe.

E assumia, pouco a pouco, o comando geral das forças do Partido . . .

XXVIII

CORRÉGIO, O FALIDO

— Não é possível qualquer negócio, com esses títulos.

Corrégio, aflito, fitava o semblante impassível de Lentier.

— Suspendemos todas as transações dessa natureza — explicava o banqueiro, entregando nas mãos trêmulas do pequeno industrial o pacote das duplicatas da freguezia miúda da fabriqueta de loções e cremes. E, como que tomado de um vago interesse:

— O senhor não dirigiu bem os seus negócios. Deveria ter feito uma maior propaganda.

— Faltavam-me recursos para isso.

— Deveria ter mais cuidado com as vendas. Essa gente toda (e apontava o pacote das duplicatas) não lhe pagará. O senhor deve preferir os negócios à vista.

Corrégio explicava que não era possível. A grande Indústria de Perfumes Infantini Ltda., que era a sua concorrente, vendia a prazo, facilitava os pagamentos, e desenvolvia uma propaganda que ele nunca poderia desenvolver, e, além do mais, mantinha viajantes, comprava mais barato, por se tratar de grandes partidas de matéria-prima e a mão-de-obra lhe saía mais em conta. Não lhe era possível competir com o tremendo adversário.

E Lentier lhe dizia:

— Quanto ao seu débito, o senhor deverá pagar no vencimento.

Corrégio correu a Chico Maltez, o agiota conhecido de todo o pequeno comércio asfixiado pelas premências de numerário.

Chico Maltez despachava um cliente, dizendo-lhe:

— Desculpe-me, mas a reforma é impossível.

Corrégio esperava de chapéu na mão. Depois, começou a desfiar a história dos títulos, que dava em garantia, para aceitar uma letra, etc. E Chico Maltez:

— A garantia única que exijo é um bom endosso. O juro é módico: 5% ao mês, pagos adiantadamente, é da praxe. Se lhe serve . . .

O juro era revoltante, mas servia, para evitar um protesto que cairia como uma desgraça sobre a pequena casa de perfumes. A dificuldade era o endosso. Já esgotara a paciência de vários amigos. Que fazer? Ficou de voltar.

Também andava tudo por água-abaixo. Até o aluguel do armazém por pagar. E as duplicatas do mês. E os impostos atrasados. E as prestações da máquina registradora, as prestações para amortização de débitos velhos. As despesas da casa eram certas. E pesadas. Tivera um filho doente, fora preciso uma pequena operação, e remédios. Isso concorrera para aumentar a conta do armazém, onde a caderneta sebosa marcava um saldo devedor que fechava a carranca do vendeiro, o bom seu Gaspar das risadas largas dos tempos das contas em dia. E devia ainda aos empregados. Despachou dois e ficou trabalhando dobrado, com um velho italiano que cobrava por dia, e um menino que ganhava roupas velhas e níqueis. Corrégio desorientava, afligia-se nas noites sem sono, em que via editais de protesto, editais de assembleias de credores. Acordava, o pensamento vinha: “existe em meu cartório para ser protestada . . .”

Corrégio, no começo dos apuros, ainda trabalhava com algum método. Mas foi necessário desorganizar a vida, os horários. Para andar, abaixo e acima, arranjando negócios, cavando descontos, correndo para suspender protestos de títulos, evitar requerimentos de penhora, obter benevolência de fornecedores, conseguir entregas de encomendas de vidros, de caixas, na fábrica, tomar emprestados alguns centos de mil réis, com promessa de pagamento no fim da semana, plantando cebolas, prometendo, marcando dias, a esmo, sem nenhuma segurança, fugindo de credores que deixavam recados malcriados, declarando voltar no dia seguinte, quebrando esquinas sobressaltado.

A luta de Corrégio amainava depois do dia 5 de cada mês, quando os dias começavam a decorrer mais suaves, com pequenos credores impertinentes, mas sem títulos líquidos e certos. Fazia como podia. Que não estava em casa, que ia receber de uns devedores, que iria procurar o credor, que esperasse alguns dias mais. Às vezes, o seu semblante era humilde, tinha mil escusas, agradecia a bondade de pequenas esperas. Outras, exaltava, bramava, estrugia ameaçando céus e terras, que tratassem de seus direitos, que não amolassem, que perdia a cabeça.

E, assim, chegava o fim do mês. O correio trazia as papeletas amarelas dos avisos dos Bancos, avivando a sua memória. Às vezes, coincidia com as circulares da Light, da Companhia de Gás, da Telefônica, ameaçando cortes. E Corrégio punha as mãos na cabeça, num desespero acabrunhante.

Depois, eram os cálculos noturnos. As somas, subtrações e divisões. Contas de percentagem e contas de juros. Adições agradáveis das listas dos que lhe deviam, aflitivas dos seus compromissos e obrigações. Tanto para Fulano, tanto para Sicrano. Fazia o cálculo dos dinheiros a receber, para verificar se cobriam as dívidas mais imediatas. Conferia o dinheiro do bolso. Uma nota de quinhentos, uma de cem, duas de vinte, três de dez, quatro de cinco, oito de mil réis. Total: 698\$000. E os níqueis: dois, e dois quatro, e dois seis, e dois oito . . . No silêncio da casa o relógio pulsava. Corrégio pegava no lápis. Somava os níqueis, as notas, as quantias mais certas a receber. Tudo junto, faltava ainda. Recorreria . . . a quem? Examinava as duplicatas emitidas. Sua clientela não merecia crédito: como endossar e sacar, se o seu limite estava ultrapassado no banco de Lentier? Os próprios agiotas não descontavam. Passava em revista a cara dos usuários: Climério Barbeta, de queixo comprido, nariz comprido, os olhos minúsculos, piscando; Alexandre Mafra, gordo e redondo, as maçãs do rosto vermelhas, o beijo superior revirado para cima, sob o bigode aparado; Chico Maltez, aquilino, curvo, que contava o dinheiro com os olhos lúbricos. E Corrégio procurava soluções. Não as encontrava. E ia dormir (dormir?) na noite povoada de apreensões.

A coisa foi apertando. Os vencimentos amiudando. Todo o mundo comentava a crise, a situação pavorosa da praça. Corrégio

gio repetia aquilo, maquinalmente. Falava-se numa possível emissão. Sim, era necessário desafogar. "O tempo anda preto, seu Corrégio", diziam-lhe para cortar possibilidades de pedidos pela raiz. E as grandes casas onde ele comprava matéria-prima, consolavam-no, afirmando-lhe: "maior a nau, maior o naufrágio; também andamos apertados". E, por isso, apertavam.

Corrégio pegava o bonde, descia no turbilhão da Cidade. Chegou ao extremo de não ter mais o que fazer, mas uma necessidade imperiosa exigia que ele fosse tratar dos negócios. Com quem? Só poderia falar aos credores, para pedir prazos.

Comprava bilhete de loteria. Ficava a fazer castelos. Pagava tudo, sobrava alguma coisa. Largaria o diabo da indústria, afundaria no sertão. Seu desejo íntimo era fugir. De que e para onde? E como?

No entanto, a palavra "Mato Grosso" seduzia-o. O mato, a roça, uma floresta. A vida dos campos. A cidade irritava-o. Esmagava-o. Uma vez, fizera uma viagem a Catanduva, e achara tão gostoso. Foram três dias esquecido de tudo. De tudo!

A mulher andava adoentada, Dona Zita de faces encovadas e olhos meigos. E os três filhos, o mais velho de 9 anos, segurando-a pelas saias. Cozinhas, lavava, arrumava a casa, cuidava das crianças, que levavam tombos e trancos. A fabriqueta era no quintal, um barracão armado com tábuas e zinco, onde Corrégio estremecia de susto quando batiam no portão. Pulava, espiava com o pescoço comprido, engendrando a desculpa, que era credor na certa.

Grandes quadros, nos jornais, estampavam anúncios das maravilhosas perfumarias da Infantini Ltda. Cartazes colossais nos prédios em construção; cartões coloridos nos bondes; dizeres focalizados nas telas dos cinemas; tabuletas à margem das estradas de ferro; letreiros luminosos nos arranha-céus; almanaques cuja tiragem era de milhões; brindes com dísticos; e a voz do rádio — tudo apregoava, violentamente, impositivamente, as maravilhosas perfumarias da Sociedade Infantini Ltda.

E Corrégio, pequenino e misérrimo, mandava fazer um mata-borrões litografados, que lhes ficavam pelos olhos da cara, "pela quantidade", diziam os fornecedores. "Porque se o senhor mandasse fazer aos milhões..."

Era nesse estado de espírito que o pequeno industrial se arrancava dos círculos do seu inferno, nas noites em que se dispunha a descansar o cérebro escaldado nas reuniões do Clube Talvez. Ouvia, ali, a palavra de Mano, o comunista. Conhecera, ali, Infantini, o seu terrível competidor, e fizera-se amigo dele.

— Que quer? — dizia Infantini — somos inimigos, comercialmente. Os meus capitais não podem ficar paralisados porque você fracassa. Assistio, cheio de mágoa, a seu infortúnio. É caminho para a frente.

Corrégio, como Lentier, o banqueiro impassível, também não tinha tempo de olhar para o céu. Também não via a beleza das manhãs quando despertava sobressaltado pelos compromissos . . . Ao contrário, porém, de Lentier, havia no fundo do seu peito sofedor a mística interpretação dos fatos banais da existência, dos pequenos episódios dolorosos de sua vida atormentada, que lhe abria, nos recessos do espírito, um céu tão grande como o outro dos astros silenciosos.

Nos raros instantes de alegria, pela solução de uma dívida acachapadora, ou pela travessura engraçada de um filhinho, Corrégio sentia-se perto de alguma coisa muito grande e muito boa, cujo sentido ele não sabia explicar, cuja essência não era possível atinar.

E o céu, no alto, na glória jovem das manhãs ou na pompa estelar das noites, perdoava menos a Lentier do que a Corrégio a ausência e o esquecimento.

Parava, na Praça Antônio Prado, na “ilha dos prontos”, as mãos no bolso, à toa . . .

O Martinelli tinha vinte e sete andares. Contava as janelas, pensava na vida e tomava um café expresso. Os jornais anunciavam crimes e suicídios. O “grilo” multou o automóvel porque não obedeceu ao sinal. A chuva chove não chove.

Requereram a falência dele.

XXIX

“PÉU! PÉU!”

Camurça principiou a se encontrar com Solidônio, depois do conhecimento travado no dia da greve. Sentados, um em frente ao outro, na mesa quadrada do “Papagaio de Ouro”, o botequim da esquina da Rua Chavantes, o velho escrevente abria-se em confissões amargas e lamúrias derramadas no peito do agitador. O corpo bambo e flácido, no paletó de brim amarelado desbotado, quase branco, rostido na gola, e o colarinho meio aberto com a gravata manchada e torta, a cara lustrosa, os olhos morteiros, Camurça às vezes rugia, batendo os punhos cerrados na mesa. E Solidônio, de paletó de alpaca preta e gravata preta escorrendo no peito ossudo e comprido, o nariz comprido na cara de barba de dois milímetros, escutava-o.

— Isto só a bala! — exclamava Camurça. — A bala, a punhal, e a bomba!

Solidônio não compreendia as soluções de Manfredo e Mano, que ele chamava “científico”. Seu programa era simplista, de eliminações, até endireitar.

A sua doutrina empolgava o Camurça, como a exposição dialética de Mano impressionava Corrêgio.

A greve fora solucionada com uma pequena concessão e muitos soldados, o rumor nas pedras das ferraduras de esquadões da cavalaria imponente.

Mas a cidade começava a agitar-se excitada pelos jornais e os meetingueiros, devido ao provável projeto que se elaborava no escritório de Laurentino Canoa, pelo qual The Syndical En-

gland's and America Hinterland's assumiria uma posição dominadora dentro do Estado.

Conversava-se nos cafés, nas barbearias, nos bondes, sobre o escândalo iminente, que de certa forma ameaçava a própria soberania nacional.

A lei que o Canoa andava manipulando, de parceria com Mr. Sampson, entregava ao sindicato todo o controle do café, todas as operações até então afetas ao Instituto e ao Banco do Estado; ao mesmo tempo, dispunha sobre concessões de privilégios para estradas de ferro cujo traçado ficava ao inteiro critério do poderoso grupo, e transferia, ainda, a este, a posse de todas as terras devolutas. O grande vexame era, porém, a outorga de poderes para o recebimento da taxa-ouro sobre a exportação, medida que correspondia, evidentemente, a uma tutela estrangeira. Canoa levava a sua audácia ao ponto de incluir um dispositivo em que The Syndical England's ficava com o direito de emitir pareceres sobre questões orçamentárias. Era o maior atentado que a História registraria contra a soberania nacional.

O Dr. Becca, o deputado oposicionista, preparava o grande discurso de arrebatrar a multidão, no dia agitado em que o Canoa lançasse o seu projeto tenebroso. Preparava o ambiente, fazendo a imprensa bramar e incendiar, levantando a classe dos estudantes.

Esta, era a gente mais fácil de seduzir. O tipo do estudante brasileiro correspondia ao próprio embrião dos Beccas e dos Canoas, dos Avelinos Prazeres e dos Rodrigues Jorge, todos com uma visão muito política da vida. Política no sentido de partidatismo, de pessoalismo, de grupos que sobem e grupos que descem. No entanto, os estudantes eram ainda puros e ingênuos. Quando o Hino Nacional tocava, gritavam "péu, péu, péu!". Quando havia seca no Ceará, saíam com um bando precatório, o pavilhão auriverde aberto e olhares graves de coisa séria. E se um dos muitos jornais em língua estrangeira da cidade cosmopolita pecava contra a honra nacional, lá estavam os estudantes na rua para as manifestações de desagravo, que terminavam muitas vezes com empastelamentos e tumultos.

Emissários do Dr. Becca levaram as primeiras insinuações entre os grupos exaltados na defesa dos brios pátrios. E já rubras discursseiras literárias citando Rui com estudadas declamações e tonalidades líricas, ressoavam como protestos declamando Castro Alves:

*Auriverde pendão da minha terra,
que a brisa do Brasil beija e balança!*

Concertavam-se as fraseologias pernósticas das evidências tribunícias que arrancavam aplausos de causídicos versados nos sermões do padre Vieira e nas lantejoulas baratíssimas do parlamento e do púlpito do Segundo Império. A “classe” movimentava-se. Só ela era capaz de arrancar a Grande Metrópole da angústia e dos martírios, da obsessão do interesse comercial e econômico, do sonho de igualdade de duzentos mil operários, da diferença materialista dos plutocratas, do drama numeroso, complexo, cheio de dor, — para atraí-la, sacudindo, apenas, uma bandeira verde e amarela. Uma bandeira que, no dizer comunista de Mano, não prometia nada, nem ao estômago, nem à alma, e que era, na expressão moderna e poética do Dr. Becca, “a asa aberta do pássaro verde das nossas legítimas esperanças” (“legítimas”, para não confundir com outras quaisquer, as do partido dominante, por exemplo).

Os “constas” chegavam até ao Clube Talvez, onde o Gavião Teixeira já não aparecia desde que ficara importante. Os comensais do Clube trocavam idéias sobre a oportunidade de uma revolução que viesse criar novos rumos, uma situação nova, inaugural. Todos estavam de acordo quanto à necessidade de uma revolução. Mas cada qual desejaria fazer “a sua”; não se conformava com o predomínio de qualquer dos amigos ou comensais, que se erigisse em chefe.

— E se fizéssemos uma revolução de forças antagônicas que se unem rebeladas contra um inimigo comum? — perguntava Manfredo, cujo plano de ação visava, antes de tudo, o desprestígio do poder burguês.

— Só então estenderemos ao país inteiro a dor do nosso convívio absurdo, da nossa angústia feita de incompatibilidades e incompreensões.

E Evangelino Tupã, de olhar iluminado, anunciava profético:

— Cairão as Trevas, o Sol se apagará. Os homens tatearão e ninguém se entenderá. E os corações esperarão a aurora, na noi-

te longa.

— Sempre o Esperado! — exclamaram todos.

Mano, depois de quinze dias na masmorra do Cambuci, num cubículo de pedra com limo e filetes finos de água do esgoto, foi chamado à presença do delegado, o elegantíssimo Dr. Nolasco, de bela cabeleira e nariz grego, uma orquídea à lapela, o cordão negro do monóculo descendo pelo colete claro, para cintilar o cristal redondo na gola impecável do jaquetão.

O Dr. Nolasco nunca tinha visto um “comunista”. Nomeado, havia pouco, para o cargo, que aceitara em atenção ao Chefe de Polícia, seu amigo de academia, viera das altas esferas aristocráticas, das palestras confortáveis das fidalguias fazendeiras do ambiente de fausto do Automóvel Clube.

Assestou o monóculo, inclinou a cabeça para a direita, examinou Mano de alto abaixo.

Mano, os olhos vivos brilhantes, os braços cruzados, esperava, com ar inteligente de repórter. Na sua côr mate-escuro, trazia uma expressão de nobreza e de bondade, aquela expressão que vem do longo hábito das leituras, da vida espiritual intensa.

O Dr. Nolasco virou-se para o escrivão:

— É um tipo simpático. Ninguém pode supor o perigo que está por trás dessa atitude de simplicidade . . .

E tinha um ar de entendedor da matéria.

O escrivão sabia que o Dr. Nolasco era novato, dava cinca-das em assuntos de inquéritos e dos regulamentos policiais. Mas o delegado sabia também da ignorância do escrivão em tudo o que ultrapassasse os limites dos repertórios e formulários. Deitou sabedoria:

— O senhor, — disse dirigindo-se ao Mano — entretém-se a pregar, nos meios incautos do proletariado inerme, as doutrinas perigosas de Proudhon?

— Não, doutor, sou um marxista.

— E quer a destruição da propriedade? Quer o amor-livre? Transformar o país num vasto bordel? Bem sei! Bem sei!

Mano tentava explicar:

— Não se trata disso; há uma concepção filosófica, uma nova doutrina econômica; a questão é séria . . .

— O senhor não pensa na Pátria?

Mano expôs claramente:

— A Pátria me preocupa tanto como Deus.

O Dr. Nolasco julgou que Mano acreditava na divindade. E sorriu com um desprezo superior. Afinal, pensava de si para si, esse idiota aceita a religião. É mesmo um místico, da galeria mórbida dos Lombroso, dos Krafft-Ebing, dos Tarde . . . Misturava leituras mal digeridas de assuntos fora-de-mão, e concluía de si para consigo: “é um tipo freudiano”. Em todo caso, lembrava-se de Nietzsche e achava que duas educações se tornavam necessárias: a dos super-homens (Nolasco, ateu e sibarita) e a das massas (Mano, que falava na Pátria e articulava o nome de Deus). Misturava todos esses pensamentos nas circunvoluções literárias do cérebro poético-jurídico, para exclamar, como um pai a dar conselhos:

— Senhor Hermano, o senhor é muito jovem e não tem a necessária experiência, que decorre do muito ler e do muito viver. Digo-lhe, porque o senhor me inspira simpatia, que também eu, antes de adquirir uma sólida cultura (e olhou de soslaio para o escrivão que o escutava de boca aberta, a ponta da caneta no beijo inferior) também eu me deixava levar muitas vezes pelo canto das sereias das filosofias malsãs (e limpou os lábios olhando segunda vez para o escrivão), razão pela qual lhe desculpo, por esta vez. O senhor será posto em liberdade. Oriente-se melhor, estude, e volte aqui para conversarmos, que tenho alguma leitura e conhecimentos a lhe transmitir. Discutirei, hei de convencê-lo, pela lógica. Iremos, de mãos dadas, pelo dédalo das ciências puras onde colheremos o pomo de ouro das Hespérides, que, neste caso, é a verdade.

Mandou abrir a porta, e Mano saiu como um pé de vento.

O Dr. Nolasco ergueu-se e disse imponente:

— É assim que se combate; idéias contra idéias. Sou inimigo dos processos inquisitoriais. Um homem de indiscutível valor mental vence pela mágica da palavra.

O escrivão embevecido deixou rodar um tinteiro por cima da papelada, que estragou tudo.

Não pensava, como o Dr. Nolasco, seu colega, o tremendo Dr. Teofraсто Camargo, que moía de pancadas os presos, mandava pingar uma gota d'água na cabeça dos detentos casmurros,

torturava de fome e de sede homens esqueléticos, e, à tarde, entre os carinhos da esposa e dos filhinhos, estendia-se num divã macio, para ler os vespertinos, espreguiçando-se e fumando um cigarro caro.

No Clube Talvez, festejou-se a volta de Mano, com abraços e risos e *taratins* que Américo e Bauer faziam imitando uma banda de música.

Tocavam com *turutu* e *taratins* o hino intrépido e ardente de Francisco Manuel. E o Arruda, lá dentro, recolhendo o barato da noite magra, exclamava:

— *Péu! Péu! Péu!*

XXX

TEORIA DOS PLANOS

O Clube Talvez agitava-se em discussões numerosas nas noites preocupadas. Ressoavam, entre as cinco saletas da água-furtada a cavaleiro da Metrópole, as vozes confusas, díspares, de todas as cidades aflitas da área dos oito milhões de quilômetros quadrados que os artigos e discursos transportavam das lições de geografia de poemas líricos . . .

O poeta Américo (o das poesias da Terra e das epopéias dos Heróis) andava compondo o drama do seringueiro, sem nunca ter ido ao Amazonas, sem nunca ter sentido os pequenos episódios da vida do seringueiro. Como cantara a glória do nordestino, no trágico deuterônômio das retiradas lúgubres, na apoteose floral dos regressos arfantes de prazer nas manhãs douradas das primaveras equatoriais. Ele dizia, com um sentimento exato de unidade espiritual, quando Mano expunha as consequências sociais das grandes concessões a companhias e sindicatos americanos, na bacia do Amazonas:

— O brasileiro é uno e indivisível. A eucaristia do sangue no tumulto difuso das terras. Nas grandes Capitais, temos o drama complexo, tecido com os elementos de todos os pequenos dramas. Nós somos como um caramujo, onde cantam as vozes em conflito do mar.

Manfredo divergia de Mano nas questões dos processos políticos. Discutiam as figuras de Stalin e de Trotsky. Havia em Mano o apóstolo integral da idéia, em Manfredo o círculo de visão mais estreita, o senso prático mais imediato. Entretanto, incompreendidos um do outro, pelos processos, solidarizavam-se numa uniformidade de pensar que não diferia muito das divergências instintivas dos outros comensais antagônicos, irreduzíveis.

Marcos era a capacidade de reunir, sem objetivo de direção. Era, possivelmente, a verdadeira força agremiativa dos frequentadores do Clube Talvez. Ele possibilitava a existência de Infantini ao lado de Corrêgio, de Américo, de Teo, de Bataglia, de Bauer, de Mano e Manfredo, de Edmundo Milhomens, de Gavião Teixeira, de Pluto, de Solidônio, que giravam todos, como um sistema planetário de astros rancorosos, que se repeliam, sem nunca se dissociarem num caos definitivo. Porque Marcos era simplesmente o esplendor da sedução pessoal.

Faltava-lhe a centelha espiritual de Evangelino Tupã, como faltava a este a capacidade de conciliar e comandar. E nenhum dos dois tinha o sentimento do "real imediato", de Edmundo, nem o "sentido técnico" de Mano e Manfredo, os metafísicos do "materialismo histórico" . . .

Marcos era a constância da fascinação superficial . . .

Edmundo Milhomens, no aborrecimento infinito da sua inadaptação à engrenagem social a que o submetiam, com o pedido de demissão já na pasta da Chefatura, onde o prestígio de Avelino paralisava papéis, pusera todo o seu empenho em imaginar o romance das mágoas sinfônicas, em que não se destacasse nenhuma figura isolada da tragédia espiritual que ele mesmo vivia junto de seus companheiros, tão diversos uns dos outros . . .

Uma noite, expôs sua dúvida . . .

— Se eu fosse escrever a história da existência do nosso Clube Talvez, qual de nós seria um personagem do primeiro plano?

— O autor, possivelmente, — respondeu Marcos.

Edmundo refletiu. E disse:

— Nossa paisagem tem apenas um terceiro plano. Onde ninguém avulta. Onde coisa nenhuma avulta. Por isso mesmo, o mistério das linhas crepusculares, das massas incompreensíveis, a surpresa das interpretações variáveis.

E concluía:

— A verdadeira crônica da nossa convivência deve ser como o traço horizontal das planuras, dos imensos tabuleiros do Brasil.

— Cor de chumbo — interveio o pintor Bauer. — O cinzeno da amplidão tropical.

E Edmundo raciocinava, ainda, que, para exprimir o fenómeno de uma angústia tão marcada no tempo e quase definida no meio complexo, não seria necessário o aproveitamento de todas as figuras do Clube Talvez. Mas um senso de exatidão e de equilíbrio que vinha dos recessos de sua mediunidade, dizia-lhe que a verdade derivava da confusão maior, do torvelinho mais entontecedor; que a fisionomia do seu tempo devia decorrer da contribuição de todos os fatores, por mais pequenos que fossem; e que, da anulação, pelo atrito constante, de todos os personagens, surgiria a afirmação de um personagem maior.

Sim, todos eles, no Clube Talvez, eram personagens de segundo plano. Nenhum se alteava, numa grande situação de comédia ou tragédia, e o livro que fixasse a estranha companhia deveria ser monótono, como um panorama do mar, em alto mar: a calmaria do Equador com energias dinâmicas sob o prato azul-escuro das águas . . .

O Clube Talvez, na sua pluralidade, constituiria um personagem singular na individuação mais ampla dos tipos sociais do país.

E ele, Edmundo Milhomens, que representava no Clube Talvez?

Ele mesmo, não constituía um conjunto de forças em conflito, na instabilidade dolorosa da sua dúvida?

Edmundo Milhomens regressara de Bauru cheio de tristezas e de perguntas. A expulsão de João Tinoco de suas terras abalara a sua sensibilidade. Sentia-se, de certa forma, cúmplice covarde da violência consumada. Foi por isso que pediu a sua demissão. E a vida prática se abriu para ele com perspectivas sonhadas.

Dona Vidoca, a boa mãezinha, que contava com ele, pediu-lhe que expusesse tudo a Avelino Prazeres. Pois era um dever, uma vez que ele fora o bom protetor.

A lembrança de Avelino Prazeres repugnava à alma revelada do pobre delegado do interior, tão pequeno e tão infeliz . . .

E uma surpresa maior, chocante, aguardava-o no escritório dos belos reposteiros e largas poltronas do velho leão da política.

Avelino Prazeres estava mudado! Assombrosamente mudado! Falou-lhe uma linguagem nova, que parecia vir de um crepúsculo que esmorece na tarde límpida. . .

— O senhor deve aspirar ao menos possível; a felicidade é o problema mais fácil de resolver. Veja: tenho sido poderoso e forte, e nunca fui feliz. E o problema era tão simples . . .

Edmundo cobrou ânimo, contou-lhe a sua situação, o que sentia e o que pensava.

Avelino disse-lhe:

— Eu hoje estou um tanto afastado, entreguei ao Dr. Canoa os negócios políticos. Particularmente, porém, desejo ser seu amigo. Apareça em minha casa. Precisamos conversar.

Edmundo recebeu um bilhete de Nina: “Deus tem ouvido as minhas súplicas; mamãe e papai estão de acordo. Nem lhe digo o contentamento de Pluto. Venha para conversarmos”.

Surgiu-lhe no pensamento a figurinha doce de Graciosa, a filha do Camurça, que “falavam dela”. Vira-a, na casa vizinha do escrevente, mais bela agora, com um ar pensativo de mistério. Perdera a alegria barulhenta de outrora. Perdera aquele riso que enchia a sala como uma clarinada. Baixava os olhos, quando ele a fitava. E saía, invariavelmente, à tarde, com arranjos meticulosos.

Crescia esquisitamente, inexplicavelmente, na sua cabeça; parecia um desejo e uma curiosidade; parecia um ciúme e um desprezo; não era amor; positivamente, mas um interesse de instintos, reminiscências da infância, pormenores de outros tempos de travessuras, que nunca chegaram a ser namoro, e que agora reincidiam na lembrança, como o impositivo de um ritmo pontual, ou a passagem cíclica de um cometa . . .

Acompanhou-a uma tarde, de longe. Viu-a entrar num *rendez-vous*. Tinha a prova provada. E, agora, começou a persegui-lo uma articulação insistente de direitos. O direito de precedên-

cia no conhecimento e no afeto; o direito da quase-posse da infância remota. Velhas documentações de íntimos arrazoados.

Abordou-a, no dia seguinte, ao dobrar a esquina da Rua Aurora, no lusco-fusco das sete.

— Graciosa . . .

Ela voltou-se disfarçando a surpresa:

— Ah! É você?

— Sim. Como vai? Onde vai?

— Um serviço de costura, de noite. Um serão. Sabe que trabalho muito?

E sorriu com um sorriso tão natural que o desnor-teou. Edmundo juraria que se enganava. Levantara uma suspeita falsa. Mas a tarde anterior? A casa era conhecida . . .

— Ia convidá-la para fazermos um passeio. De automóvel. Depois levava você para casa.

Graciosa retrucou:

— É impossível, Edmundo. Estou muito atarefada. Não imagina como é preciso trabalhar, agora que papai está fora do cartório.

— Pois bem. Vou-me embora. Sabe por que te convidei? Que te quero muito bem . . . Lembra quando éramos namorados?

— Lembro-me — disse Graciosa suspirando. — Mas tudo já passou. A estima sempre fica, vem do tempo de criança.

Edmundo pegou-lhe a mão, despedindo-se. Reteve-a um instante:

— Está agora mais bonita . . . sabe?

Graciosa afastou-se.

— Até logo!

E ele não teve coragem de dizer que sabia. Preferiu ser o “ingênuo”, que não dava por coisa alguma. Para que a desgraça dela fosse menor.

Edmundo Milhomens, como afirmava Mano, era a antena das pequeninas dores, a sensibilidade de todos os atritos . . .

Amava a Nina com o lirismo meio romântico, meio místico, das adorações religiosas dos ídolos. Ela lhe oferecia, com um amor feito de admiração exaltada e dedicações profundas, o brilho da sua posição e o fastígio da sua fortuna.

Nina disse-lhe com uma luz celeste no olhar feliz:

— Precisamos nos entregar a alguma dedicação na terra, para conseguirmos, através dela, uma noção, pelo menos vaga, do Céu.

— Sim, — respondeu Edmundo — o caminho das dedicações deve ser a estrada de estrelas . . .

E Edmundo amava Nina porque estava no outro lado da vida, exatamente do lado oposto, onde se encontrava Graciosa, que também falava tanto ao seu coração compassivo.

A filha do Camurça purificava-se, dia a dia, no pecado pelo próprio tédio e já agora invencível horror que o próprio pecado lhe inspirava. Modificara notavelmente as maneiras, depois de sua queda. E já tinha quase aquele olhar das inocências líricas de Nina.

Edmundo voltava para casa, conjecturando sobre essa misteriosa lei, que levava para um mesmo plano de castidade e pureza, através de caminhos tão diferentes . . .

E Nina era o seu anjo das inspirações, dos arroubos e dos êxtases . . .

XXXI

PASSO DE VALSA...

O casamento foi num sábado de abril, de tarde cor-de-rosa, como nos filmes americanos que terminam bem. Rodrigo Jorge e Pluto, Infantini e Prazeres foram os paraninfos. Lá estava a Elvirinha, agora noiva de Gomes de Barros, porque corria a notícia que Rodrigo Jorge ia ser presidente do Estado. Lá estava o Canoa, imponente no fraque e no chaminé, com as luvas que ele calçava com tanto apuro. Gavião Teixeira fizera notícias desenvolvidas para a imprensa.

A lua-de-mel foi no Guarujá, diante do mar, velho confidente de Nina.

Também, todas as coisas corriam a contento geral. Parecia que um invisível diretor de cena dirigia tudo da forma mais banalmente deliciosa. O Dr. Antoninho não cabia em si de contente. A Ondina estava oficialmente noiva de Pluto. E Pluto esquecia a sua corcunda, para se sentir bem feliz, nas noites conchegadas em que Dona Antoninha lhe oferecia balas de coco e falava que o matrimônio era uma coisa muito séria.

E o Canoa? O Dr. Laurentino Canoa assumira definitivamente as rédeas do governo do Partido e bancava o grosso como um Júpiter guindado. Custara-lhe um pouco afastar Avelino de vez. Mas tramara uma intriga sutil, lamentando em segredo a cada um dos próceres da política a decadência intelectual do velho

amigo. Avelino Prazeres não pretendia, a princípio, abandonar inteiramente os cargos e as posições de comando. Desejava mesmo aproveitar os últimos tempos de sua atuação para corrigir antigos erros, imprimir uma direção diferente à condução dos acontecimentos, ao sentido político da grande agremiação. Mas notou que já não inspirava a mesma confiança, não impunha o mesmo respeito e (por que não dizer?) o mesmo pavor. Era a obra subterrânea de Laurentino Canoa.

O Canoa fizera mesmo circular que Avelino Prazeres já estava caduco. “Aquela cabeça poderosa”, dizia, “aquela inteligência tão pronta, que jogava com uma cultura tão vasta, vai-se apagando e diluindo na mania religiosa . . .”

E confidenciava:

— Já não liga coisa com coisa . . .

Gavião Teixeira enfeitava o Canoa para grandes coisas no seu jornal consagrador de personalidades. “A revelação desse notável tribuno em nossa Câmara indica-o para os postos mais elevados, para a felicidade da Pátria”. E promovia banquetes e manifestações com retrato e discurso de arromba.

Finalmente o Canoa se viu chefe do Partido.

Avelino Prazeres amava as longas conversas com o Padre Azambuja, que discutia Kant e explicava os tomistas. O velho senador (que estava ainda eleito por cinco anos) comentava junto a Dona Etelvina, consolada na sua enfermidade incurável, a página de Rui: “percorri todas as filosofias . . .”

Numa suave manhã de maio, fez confissão geral.

A cidade continuava a viver a sua grande vida inquieta. Alguma coisa pairava no ar. Os espíritos estavam suspensos. Aguardava-se algum acontecimento que deveria decorrer como uma fatalidade das ânsias coletivas.

Rumores subterrâneos de rebeliões. Conspiração nas trevas. Surpresas para qualquer momento. Terror vago pairava no espaço e no tempo . . .

Rodrigo Jorge recebeu a proposta de Laurentino Canoa: — a sua candidatura a presidente do Estado.

Era um consolo para a sua pobreza, uma esperança derradeira para sua velhice. Rodrigo Jorge encontrava-se completamente arruinado. A expulsão de João Tinoco, tão dolorosa para a alma sensível de Edmundo Milhomens, correspondera ao epílogo de uma demanda que arrancara de Rodrigo Jorge todas as suas terras e fazendas. A pendência tinha ficado caríssima. Honorários de advogados, cópias de autos, seções-livres nos jornais. Só o Gavião Teixeira comera vinte e três contos, negócios de transcrições em diversas folhas. E vieram os desarranjos consequentes, limitações mais duras de crédito, transações que já não se realizavam. E finalmente, as custas, em que fora condenado.

Rodrigo Jorge estava reduzido à casa onde morava e a uma outra, de aluguel, que garantia o armazém e mal chegava para acudir às despesas de roupas, aos gastos de Elvirinha.

Mas Rodrigo Jorge não perdera o aprumo de velho paulista. Arranjava-se meticulosamente ao espelho, o largo plastrão, a linha impecável do jaquetão, a barba solene. E saía com um ar imponente, a bengala de castão de ouro, os colarinhos sempre rebrilhantes. Daí a idéia de o lançarem, como candidato de conciliação, à Presidência do Estado. Tinha a tradição da honradez, a nobreza do nome de família, e, para Laurentino Canoa, que lhe conhecia os podres, a miséria dourada, representava um instrumento tangido pela fatalidade, para obrigar o varão ilustre a obedecê-lo, a facilitar-lhe a marcha dos grandes negócios.

Laurentino Canoa combinava com o Gavião Teixeira o modo mais hábil de lançar o famoso projeto, em benefício de The Syndical England's, de sorte que ficasse bem velado o aspecto pouco nacionalista dos dispositivos engendrados. E Gavião lembrou:

— Por que não confia a Rodrigo Jorge a sua apresentação?

Canoa achou genial a sugestão do jornalista. Sim; ninguém melhor do que Rodrigo Jorge. Estavam no último ano da legislatura e todos os deputados já se mexiam para se garantirem numa reeleição. E Rodrigo Jorge, envelhecido e pobre, em situação precaríssima, não podia dispensar a sua cadeira e o seu subsídio.

Estava reduzido á triste contingência de contar com os magros vencimentos para viver.

Por outro lado, Canoa acenava-lhe com a Presidência do Estado! Era o grande triunfo que deveria encerrar a sua vida pública, se não o recambiasse à política, para ocupar um cargo ainda maior: a Presidência da República.

Canoa disse ao Gavião:

— Rodrigo Jorge apresentará o projeto.

Miss Katy, no seu lindo apartamento, cantava um tango argentino e suspirava esperando o Desejado, meio Ramon Novarro e *apache* da *rue de Lapin*, meio príncipe Carol e Lindberg, mas principalmente malandro da Favela, ou almofadinha das noites coloridas dos *dancings*, das praias alegres de *maillot* e de sol . . .

XXXII

ONDE HÁ RANGER DE DENTES...

Dona Idalina andava de mal a pior. Era o reumatismo, era a asma, agora também os pés inchados e uma tosse que tossia a noite inteira, não deixava ninguém dormir. Menos o Camurça, que ressonava e roncava como um saxofone, e o quarto evaporava a aguardente acumulada nas longas conversas com o Solidônio no "Papagaio de Ouro".

Despesas de remédios, que absorviam os cento e poucos mil réis da pensão de Dona Idalina. Gastos que todas as doenças trazem. E Dona Xuxula se agitava, abaixo e acima, enfermeira da mãe que já nem se mexia direito na cama, e dona de casa, com afazeres na cozinha, soprando o fogão de lenha, que vermelhava os olhos. Lavava a roupa, engomava e passava, com o adjutório de Graciosa, cada vez mais tristonha, cada vez mais boazinha, parecia uma santa.

Tinha dias que não faziam almoço, nem janta, não havia o que pôr no fogo. O café fraco era uma água que passava fervendo pelo mesmo pó empedernido no fundo de um coador cor de rapé que badalava no bule de lata, comprido e triste.

Cortaram a luz por falta de pagamento; depois, reinstalaram uma lâmpada só, na sala de jantar, para alumiar tudo; o quarto da velhinha doente e a cozinha de fazer chá altas horas e cataplasmas de tapioca para dores renitentes.

A casa era uma promiscuidade: um quarto, uma sala e a cozinha, e dormia o casal, a velha e a moça, lamúrias de Dona Xuxula, gemidos de Dona Idalina, estertores alcoólicos de Camurça e as lágrimas baixinho de Graciosa, que emagrecia e empalidecia. Empalidecia com olheiras e escarrava sangue. Escondido, para não incomodar.

Moravam agora numa casinhola da Rua Javri (adeus missas burguesas de Santa Cecília!) e o Camurça não dava conta de uma escrita avulsa que lhe arranjaram (cem mil réis por mês) porque andava desorientado e a perda do emprego revelava a sua inutilidade.

Um emprego de escritório (pensava), de cartório ou de secretaria, ao fim de uns dez anos torna o sujeito absolutamente escriturário, escrevente mecanizado, contador, numa palavra, funcionário. Dispensá-lo, demiti-lo, é ameaçar a sociedade, soltando na rua uma classe de revoltados perigosos. Perder um emprego, que já faz parte integrante da vida de um cidadão, é um deslocamento absurdo, que corresponde a uma crueldade inútil para os fins da economia social. E Camurça dizia ao Solidônio:

— Vinte anos, seu Solidônio! Inutilizaram-me durante vinte anos! Não sou capaz de mais nada. Não: sou capaz de atirar uma bomba.

Solidônio respondia:

— A ocasião há de chegar.

— Me dê, que eu jogo o petardo.

A Gabi rebentou um dia em casa, num vestido violeta, a cara de choro.

— Seu Carvalho . . .

Camurça, que estava bêbado, dormindo, levantou-se cambaleando:

— Que foi?

— Fugiu com o dinheiro do desfalque . . .

E contou a história de seu Carvalho.

Ela fora, afinal, a culpada. Exigira vestidos caros, e jóias. Pedia automóveis de marcas da moda. Um dia achou que devia morar num bangalô mais chique. E mudaram. Seu Carvalho mobilizou tudo, que era um primor. E deu uma festa para festejar o seu 52º aniversário. Vieram os amigos com as amantes. Quando a champanha rodou, seu Carvalho ergueu a taça — hip-hi-hurra! — e declarou que a velhice não existia.

Depois Gabi não deu tréguas a seu Carvalho. Três, quatro vestidos por mês, contas na Casa Alemã, no Mappin, nos *ateliers* discretos e caros. E chapéus. E mantôs e *renards*, e perfumes. Gostava de perfumes. Como gostava, também, da casa bem ar-

ranjada: com cristais finos, mesas magníficas para os comensais íntimos. Eram poucos. Um colega de seu Carvalho, do Banco Sulino, um político municipal, e Gavião Teixeira. O Gavião Teixeira pedia endossos, fianças, até dinheiro emprestado. E cortejava a Gabi. Com presentes de extratos, de flores. Um dia lhe ofereceu uma poesia, muito confidencial.

Seu Carvalho, às vezes, suspirava, dizia que não agüentava o repuxo. As coisas andam pretas, a praça está péssima, os vencimentos não chegam e os negócios não dão. E atacava o governo. Todos eram ladrões. Burro de quem não roubava. Um dia perdia a paciência. Contava já trinta e dois anos de serviço. Sempre correto, honesto. Tivera amantes, dispêndios, uma vida airada; mas, que diabo?, não era motivo para que estivesse pobre. Sim; estava pobre (confessava à Gabi) porque considerava pobre quem não podia gastar (que diabo?) dez ou quinze contos por mês, aos 52 anos, sem filhos.

Não constituíra família, tinha o direito de gastar tanto quanto os rapazes (rapazes . . .) da sua idade, que assumiram encargos onerosos de mulher e herdeiros.

Ele tinha razão, Gabi achava, e por isso, gastava. Inventava despesas. A vida era isso. E seu Carvalho, um dia, perdeu a paciência.

— Sabe? Estou alcançado em 80 contos de réis. Não sei como me arranjar.

Uma noite apareceu com um ar irrequieto.

— Parece que dei uma solução ao meu caso: a única . . .

No dia seguinte a amante encontrou o leito deserto. A criada informou que seu Carvalho tinha saído com a valise. Gabi pôs-se a chorar. Os jornais da tarde deram o desfalque, em grandes letras pretas, o retrato do edifício do Banco. O ladrão tinha-se evadido para Buenos Aires . . .

O Camurça expulsou a filha de casa. Era um homem honrado. Não admitia. Dona Xuxula chorava, gritando:

— Coração de pedra!

E Dona Idalina arfante no seu leito de moribunda:

— Coitadinha! Coitadinha!

Ela pegou um táxi, procurou o Gavião Teixeira.

E começou, carinhosamente, a arruiná-lo . . .

Camurça, no dia seguinte ao aparecimento da filha com a história de seu Carvalho, acordou com a inteligência nítida para considerar a sua atitude. Uma onda de dor invadiu o seu coração. Amava a filha perdida. Amava-a, ainda mais agora, que a sabia infeliz. Ela fora-se embora. Para onde? Para o poder de algum outro que a devolveria, mais tarde, com nova história e nova desgraça. Uma ternura amarga amargou-lhe a boca. Saiu para a rua. Sentia o peso infinito de sua infelicidade.

Quase sessenta anos . . . A sua vida fora como um deslizar meio parado de um rio, que se abria, abruptamente, numa cachoeira. Rolara calmamente, tranqüilamente. Uniforme. Sem ambições e sem necessidades. Sem alegria, também sem dor. Uma vida neutra. Sem côr, sem sentido e sem significação.

Um dia, ela tomou a grande impetuosidade. Adquiriu um sentido estranho, que ele não compreendia bem. Uma significação, que intimamente, lhe revelava qualquer coisa de terrível. Cresciam pressentimentos na sua alma. Tinha alguma coisa a fazer na vida . . . Que coisa? Como poderia saber? Pois se nem sabia aonde iriam ter seus dias, agora tão sacudidos de prantos e revoltas, de misérias e humilhações . . . Qual seria o fim da sua jornada? Como fecharia o capítulo da sua história?

Chegou ao "Papagaio de Ouro". A lembrança da filha arrancou-lhe um soluço. O quadro de sua casa (os três cômodos, a velhinha doente, a esposa embranquecendo, na labuta) surgiu-lhe como uma paisagem infernal

— Vida do inferno! — exclamou.

E pediu um copo de sambuca.

Solidônio chegou ao entardecer.

— Não desanime, vá pensando na dinamite. Há de chegar o seu dia.

— Sou o mais desgraçado dos homens — disse o Camurça, bebendo outro copo de aguardente anisada.

— Não digo que seja dos mais felizes, — respondeu Solidônio — mas nesta grande cidade há dores de todos os feitios. Ainda hoje, um amigo do Clube que frequento, Antônio Corrêgio, conhece?, pois está na rua; depois da falência, veio uma penhora . . .

Corrégio estava, realmente, liquidado. O ativo acusou oitenta e três contos de máquinas e mercadorias, dívidas perdidas e objetos usuais. O passivo era de sessenta e dois contos. O pequeno industrial tentou uma concordata; os credores foram implacáveis. O próprio Infantini, que geria a S.A. Indústrias de Perfumes Infantini, declarou-lhe:

— Que quer? Posso lhe arranjar um lugar de técnico na minha fábrica, mas tenho o dever de ser exigente nesta falência. Não se pode, não se deve abrir precedente, em casos como este.

Foi tudo á praça, deu trinta e poucos contos. E havia a percentagem dos síndicos, dos liquidatários. Havia as custas do processo, havia honorários de advogados, havia gorjetas.

Os credores receberam cerca de 12%. E um deles não se conformou, o Chico Maltez. Uniu-se a outros, e através do processado, vinha requerendo exames de escrita, o diabo, para dar a falência por fraudulenta.

As coisas estavam neste pé, os autos no tribunal com longas razões onde havia até frases literárias, quando sobreveio uma penhora. O Corrégio contava com embargos; mas não pôde evitar que os seus móveis fossem para o Depósito Público.

Foi numa linda manhã de sol. A mulher de Corrégio, a triste Dona Zita, cantava, no tanque do fundo do quintal, ensaboando roupa. As crianças brincavam despreocupadas. Lindo dia de luz, para a alegria de todos os animais! Passarinhos chilreando nas árvores, e os próprios cavalos e burros, tangidos com guizos arrastando carroções pelas pedras da rua, pareciam correr mais contentes.

Corrégio não contara nada da contrafé recebida outro dia. Andava vendo se dava um jeito. E não deu . . .

E chegou o mandado na linda e dulcíssima manhã de janeiro . . .

Havia a cama de casal, o lavatório, o criado-mudo, que já faziam parte da família. Que eram quase como irmãos de Dona Zita, tios das crianças . . . Havia o bufete meio velho com louça velha, e a mesa de jantar das conversas depois dos jantares, das confidências, das tristezas e contentamentos, das macarromadas de aniversário e o feijão requeentado dos dias apertados. Mesa das cervejas Hamburguesas dos dias mais fartos, da água

pura da torneira desde quando começara a crise, sobrevieram as dificuldades.

Existia uma lei que permitia que esses parentes da casa, esses confidentes da família fossem arrastados com vexames, para o meio da rua. E chegou a rutilante manhã de céu azul e sol claro, de cantos de passarinhos e rumores álares de vida . . .

A penhora teve o aspecto escandaloso de todas as penhoras.

Com dedos da vizinhança apontando.

Solidônio dizia ao Camurça:

— Você ainda há de ser um herói!

E Camurça pedia mais uma sambuca . . .

Rindo, agora, gostosamente . . .

XXXIII

O FAQUIR E O SAPO

Evangelino Tupã, a testa larga das entradas luzidias sob a cabeleira fina esvoaçante, os ombros altos, o busto magro, atirou o chapéu sobre a estante cheia de livros e de papel pautado e sentou-se na poltrona que olhava o céu de estrelas no décimo andar da casa de apartamentos que dava para as luzes noctâmbulas arco-irisadas da Avenida São João.

No burburinho das ruas burburinhavam os comentários; eram os placares dos jornais da esquerda anunciando a próxima apresentação do projeto do Laurentino Canoa. Os ânimos estavam exaltados. E havia, para aguçá-los, notícias de revoluções no Norte, conspirações no Rio de Janeiro. Prisões de gente suspeita. E um trem, com soldados que partira (diziam) às três da madrugada, não se sabia para onde, se para as barrancas do Paraná, ou do Paranapanema.

O certo é que a população das ruas tumultuava maior essa noite nos cafés, nas esquinas, formando grupos, e os “grilos” estavam mais exigentes em questões de trânsito de veículos e “circulez” de pedestres.

Na noite estrelada, o rádio cantava.

Evangelino Tupã, depois do jantar, viera pelo viaduto do Chá, detivera-se um instante na esplanada do Municipal. A cidade fulgia maravilhosa no seu esplendor noturno.

O bloco dos arranha-céus do Triângulo destacava-se na tela de astros, vasta peça monolítica de ângulos, de quinas, apoteose das linhas quebradas, tumulto de ferro e argamassa, janelas ilu-

minadas, e cartazes, e dísticos, vastas legendas com nomes de estrelas de Hollywood, e letreiros luminosos, acotovelando-se, piscando, cambiando cores, arco-irisando as fachadas cúbicas dos prédios.

Holofotes girando, luzes festivas de vitrinas, e os focos dos postes negros, como etíopes carregando à cabeça uma bilha transbordante de raios de sol apanhados na fonte do poente na tarde tropical que se extinguiu barrando o horizonte com o fogaréu das nuvens de azaração.

A multidão indo e vindo nos passeios, e as filas negras dos veículos, dos bondes iluminados.

Evangelino Tupã considerou um instante a luta impiedosa dos cartazes. Era a cartografia da batalha da grande Metrópole. O mapa das concorrências, que gritavam, cada qual mais alto, nas luzes mais fortes, nos nomes maiores com maior número de lâmpadas, acotovelando-se, superpondo-se, tentando anular-se, uns aos outros, na conquista dos olhos da multidão caprichosa.

Anúncios pequenos e tímidos como fraquezas, pequeninas luzes de quadrozinhos insignificantes, desapareciam entre os berros estridentes dos imensos *tableaux* potentes como sóis de cores bizarras e o nome triunfante da marca espetaculosa retumbante de energia e de glória.

Evangelino Tupã tinha estado essa tarde com os seus amigos do Clube Talvez, que encontrara todos preocupados, nervosos, como pressentimentos agitando-se angustiadamente.

— Que havia?

Nenhum dos comensais poderia dizer ao certo. No entanto, Mano e Manfredo, comunistas, Infantini ainda conservador mas cheio de espírito de renovação, Corrégio, falido e infeliz, e Edmundo, agora rico, e Américo, o poeta da Terra e das epopéias dos Heróis, e Solidônio, o anarquista, dos sonhos tenebrosos de destruição, e o próprio Arruda, barateiro indefinido, e mesmo Gavião Teixeira, que ressurgira ali casualmente, — todos sentiam qualquer coisa no ar.

— Estas coisas se sentem no ar! — dizia Edmundo Milhomens, o homem antena.

E o próprio Marcos, pela primeira vez um pouco preocupado, exclamava:

— É preciso criar-se o ambiente para a revelação de forças novas. Há forças novas que reclamam o seu lugar na ação. Há forças novas que querem falar. Energias obscuras que desejam despertar.

Mano, como um técnico, explicava:

— Revela-se a pressão das massas . . . As inquietações indefinidas . . .

Falava-se da agitação popular oriunda da exploração dos jornais em torno do projeto de Canoa e da política imperialista de *The Syndical England's & American Hinterland's*. Coincidia com o prenúncio da tempestade a greve geral, que se anunciava, que deveria estourar de uma hora para outra, e até descontentamentos de militares.

O tenente Janeirino, que Tupã conhecera desde o tempo de cadete, dissera-lhe que só na farda estava a dignidade. Ele nutria um profundo horror pelos casacas, pelos exploradores do povo. Sua alma era virgem e pura e a caserna isolara-o do arrebatador Gulf Stream das paixões e das lutas, do quadro das realidades duras. Dificilmente saberia distinguir um homem honesto na turbamulta das competições dos paletós sacos, onde há expressões angélicas velando intenções sorrateiras e reputações de bandidos rotulando virtudes desconhecidas, honestidades incompreensíveis. E o tenente Janeirino era um reflexo de descontentamentos de uma classe que contemplava dos altiplanos de uma educação especialíssima o confuso formigueiro das coletividades tangidas por inquietações misteriosas, cujas causas os sociólogos procuravam explicar, sem o conseguir.

Evangeline Tupã sentia, também, que andava qualquer coisa no ar. O padre Azambuja, que discutia Kant com Avelino Prazeres e palestrava sobre música com Tupã, dissera que bem sabia a origem de todas as inquietações. E prescrevia um remédio oposto à medicina materialista de Mano e de Manfredo.

Mas, nem o tenente Janeirino, de intenções tão puras, nem o padre Azambuja, o das virtudes perfeitas, freqüentavam o Clube Talvez . . .

O Clube Talvez era o "gentio" das pregações de Paulo de Tarso. Como os gregos na velha Acrópole, o Clube Talvez havia erigido na comunhão de sentimentos de seus freqüentadores, que cada qual cultuava o seu deus, — um altar ao Deus Desconhecido . . . E não havia um apóstolo disposto a revelar esse Deus, com eficiência corajosa.

Quando a sociedade burguesa erguera no parque do Piques o majestoso templo ao Deus-Auto, de cimento-armado e ofuscantes luzes noturnas, o pintor Bauer inaugurou numa das salas da pequena companhia o seu quadro simbólico.

Fora o resultado das palestras em que Edmundo Milhomens afirmava que os comensais do Clube Talvez constituíam uma paisagem de terceiro plano, onde tudo é indistinto, como os largos panoramas do planalto central das descrições emormaçadas da imprecisão das distâncias das telas apocalípticas de Euclides . . .

— É da anulação, pelo atrito, de todos os personagens, que deverá sobressair o personagem maior . . .

Bauer pusera na tela uma massa cinzenta, escura, de planuras onde ondulavam cômodos imprecisos e sombras de árvores sem individuação; um céu de nuvens paradas, pardas, de traços horizontais opressivos: tudo como num terceiro plano. Ao centro, destacada com a nitidez das silhuetas estampadas sob a projeção de um sol equatorial, uma sombra, como uma cabeça, um cavaleiro na lua de um negro liso, que tornava mais indistinto o fundo largo. As linhas do contorno eram nítidas, mas sem expressão, sem o comentário explicativo dos detalhes.

Por baixo, Bauer escrevera: "O Esperado".

Na sua inauguração, todos lamentaram que não estivesse presente o rapaz que vinha ao Clube, que não dissera o seu nome, que conversara com cada um dos consócios, porém, sem testemunhas. Uma brincadeira, uma invenção, mas que todos amavam afirmá-la como uma realidade. Porque cada um sentia a necessidade de um espírito gêmeo, uma inteligência absolutamente irmã, uma compreensão absolutamente idêntica à sua, a respeito

da vida e da sociedade. Alguém que arrancasse a alma angustiada da solidão, do emparedamento de uma concepção de vida aflitivamente particular. Um consolo para cada inquietude, um confidente para cada dor.

Evangelino Tupã compreendia que toda a agitação da Cidade, como todo o anseio do País resultavam do afastamento do homem das forças elementares dos agentes obscuros da natureza e do espírito. O homem moderno, pensava, vem perdendo o ritmo harmonioso que evidencia a gloriosa procura do Infinito . . .

E era na sua música que Tupã encontrava o segredo das forças cósmicas, da integração do Ser na harmonia do Todo, da afinação das almas segundo um sentido de Absoluto arrebatador.

Naquela noite, sentou-se na sua cadeira, junto à janela do décimo andar que dava para as luzes Montmartre da Avenida São João. No seu quarto apagado chegavam as claridades indecisas das estrelas.

Tupã pesquisava na música brasileira o sentido da alma brasileira. Feita de encontros imprevistos de "idades". O Brasil constituía certamente o *rendez-vous* das Eras Humanas. O diálogo de atabaque da cadência africana do Congo e de Guiné e dos rufos chocalhantes dos ritmos tamoios, onde a voz das cantigas da nau Catrineta se alongava nas distâncias continentais. Os elementos para a personalização de um povo . . . Mas o Brasil tinha um povo ou o material para a composição de um povo? Havia uma raça?

Não havia uma raça definida, nem uma nacionalidade decisiva — pensava de si para consigo o músico curioso — mas, evidentemente, existia o sentimento comum de uma ânsia comum, de uma dor comum . . . E esse, vinha, por assim dizer, do atrito sob os impositivos de fenômenos universais . . .

Evangelino Tupã procurava na música os elementos indicativos da unidade humana vertidos sob a feição nacionalizante da terra e os imperativos do sangue aborígene. Sentava-se ao piano e, no seu desespero, via coincidir, muitas vezes, a linha do pensamento musical com as linhas eternas das imagens eternas de Bach, de Wagner, de Beethoven, e ele se afastava, para continuar o seu caminho, e notava que misteriosas atrações o seduziam

para a liberdade dos vãos imprevistos, das fugas que traduziam situações imutáveis da humanidade de todos os tempos.

Essa noite, Evangelino Tupã, o coração cheio de pressentimentos, sentou-se ao piano. As estrelas olhavam do alto. Ele se pôs a pensar, sobre o tumulto da cidade, sobre os desesperos das massas humanas, o vozerio da Metrôpole complexa, que chegava, meio abafado, ao seu quarto lunar. Pensava, docemente, suavemente, no teclado. Foi se exaltando aos poucos... Na semitreva, dir-se-ia que a sua cabeça brilhava como um astro.

Vagarosamente, Pluto subiu os três degraus da escada que vinha do elevador. E pôs-se a escutar, à porta.

Pluto queria ver o amigo, pela última vez. Decidira suicidar-se. Por que? Fora uma surpresa terrível para ele.

Os encontros com a noiva eram, invariavelmente, às 8 e meia. Saíam para o cinema. Às vezes ficava a conversar, e eram balas de coco de Dona Antoninha e preleções sobre a educação da família, do Dr. Antoninho, que não cabia em si de satisfeito. Uma vez por semana levava a Ondina e as futuras cunhadas a algum baile, e aos domingos faziam excursões, no carro magnífico das voladas que levantavam poeira.

Essa noite chegara para a visita um pouco mais cedo. Havia gente no jardim, do lado esquerdo, no oitão da casa. Tinha levado o dedo à campainha; suspendeu o gesto, para ver melhor. Era Ondina. Com um rapaz.

— Domingo, à tarde, fico doente, banco dor de cabeça. Você vem, vamos ao cinema do bairro.

— E o trouxa?

— Vai-se embora... Preciso descansar um pouco, é pau!

— Porque você é uma ingrata. Não estamos mais no tempo dos casamentos forçados.

Ondina riu:

— Você é um bobinho! Então você pensa que é forçado? Não vê que é no meu, no seu interesse? Você não pode sustentar uma casa, não agüenta a despesa. E terá a parte melhor...

— Mas tenho ciúmes...

— Não seja bobo. Seja superior a essas coisas. O que vale neste mundo é o amor. Mais nada. Tudo são convenções.

Pluto retrocedeu. Arfava de susto, de raiva, de dor.

E encontrou o velho pai, na sala do escritório das poltronas largas, lendo a "Imitação de Cristo".

— Sua mãe não está passando bem hoje, Pluto.

Pluto abafou um soluço, não disse nada, subiu ao quarto da doente.

Dona Etelvina já se achava nas últimas. O olhar duro, opaco, olhando em torno. O peito magro arfava, rouquejava. Já não apresentava aquela agitação dos dias anteriores, nem tinha gemidos muito dolorosos, nem gestos impacientes, nem os pavores vagos das últimas noites de pesadelos e sonhos fantásticos. A fisionomia era quase serena. Parecia enxergar coisas estranhas, incompreensíveis, que as pupilas fixas procuravam decifrar. Uma expressão de espanto, mas sereno. De deslumbramento, quem sabe?

O padre Azambuja estivera à noitinha. Confessada pela quinta vez. O sacerdote prometera voltar mais tarde, porque acreditava que Dona Etelvina passaria ainda essa noite. Também o médico dissera a mesma coisa. E aplicara injeção de digaleno, de hexatona.

Nina e Edmundo velavam, davam ordens à enfermeira, que ia e vinha, com água e chá.

Um cheiro de éter e álcool queimado enchia o ambiente de meia-luz. E, às vezes, uma ou outra palavra do delírio. E o choro baixinho de Nina.

Pluto ajoelhou-se junto da mãe. Beijou-lhe a mão cujos dedos batiam leve como mariposas. Olhou-a longamente.

— Mãezinha . . .

Parece que o reconheceu. E sorriu.

Era o sorriso triste das horas derradeiras. Um sorriso que quer agradecer, que quer solidarizar-se com os que ficam para cá, do outro lado. Triste, propriamente, não se pode dizer. Porque é feito de doçuras infinitas como inocências e perdões. Sorriso de última hora . . . Pluto não resistiu, ergueu-se, foi ao corredor, estourou num pranto de arrancos.

A velha mãe era quem abria o seio para consolá-lo de todas as desgraças. Sua única luz na vida de tormentos. Ajudava-o a carregar a sua corcunda. Afagava-o, como outrora, na infância remota, e dizia-lhe que o seu rosto era lindo como o de um anjo.

— É uma pena o seu pequeno defeito, porque de cara não conheço nenhum rapaz como você . . .

"Pequeno defeito" . . .

Pluto desceu ao escritório. Avelino Prazeres enxugava uma lágrima.

— Está muito mal.

— Está — disse Pluto.

E, depois de uma pausa:

— Não me resta mais nada na vida.

Avelino admoestou-o:

— Um homem nunca diz isso. Você tem uma noiva, tem uma fortuna, uma responsabilidade, um papel a desempenhar, e, acima de tudo, uma finalidade superior, traçada por Deus.

Pluto levantou-se, revoltado:

— Na minha infância não foi essa lição que recebi do senhor. Agora é tarde. Não tenho noiva, não tenho nada. E eu sei como hei de acabar tudo isso. Acabo hoje mesmo.

Avelino admoestou-o:

— Meu filho!

Mas Pluto saiu como um corisco. Agarrou o volante de sua máquina, voou na noite de rumores vagos.

La deixar uma carta em poder de Evangelino Tupã, o amigo que nunca o fizera sofrer. Dava um balanço em todas as suas amizades e o subconsciente lhe apontava sempre Evangelino Tupã, o suave, o bom.

A bela figura de Marcos acendia-lhe despeitos subterrâneos; as de Manfredo e Mano o pavor das igualdades que deveriam ressaltar as desigualdades “de nascença”, como a sua; a de Edmundo enchia-o de dúvidas; a de Infantini, perfeito fisicamente, e rico como ele, humilhava-o. Detestava o pai, a irmã era ingênua. A sua amante, a Cozzete, dava-lhe a perceber o ridículo de sua situação. O Dr. Antoninho, um explorador; Dona Antoninha, uma hipócrita. A noiva, odiava-a. Ondina era a síntese de toda a crueldade humana, a expressão miserável dessa sociedade, onde a sua figura de corcunda não tinha lugar marcado.

E Evangelino Tupã avultava na sua gratidão. Agora, que a pobre mãe agonizava, era no seio do amigo que Pluto desejava deixar as suas últimas impressões da vida terrível.

Chegou devagarinho à porta e ouviu a música que se evoluva, abafada nas quatro paredes. Ficou escutando.

Apalpou o cabo do revólver rico de madreperla e prata. E ficou escutando . . .

Era um coro de vozes de seres invisíveis que cantavam, quase em surdina, e que lhe entravam pela alma, como um bálsamo bom. Deslizavam no ar da noite cálida arcanjos imponderáveis. Todas as coisas materiais se evaporavam, como um perfume.

A Cidade imaterializava-se; subia o corpo astral dos arranha-céus; subtilizavam-se os rumores demográficos dos burburinhos urbanos, dos *fox-trots* e dos *charlestons*, dos pregões matinais e dos hurras noturnos, rumores das bolsas e dos bancos, trepidação de motores, uivar de polias, tempestades de teares, fonfons de autos e silvos de locomotivas, e ovações de heróis, e gemidos obscuros de humildes, subtilizavam-se, revelando a unidade de Uma Só Voz, o misterioso sentido de todos os cantos de guerra e de paz, de todos os gritos de raiva ou de súplica...

A música de Evangelino Tupã tinha um fundo racial, que era apenas como um idioma em que se traduziam ânsias universais e a palavra que está na boca de todos os homens da Era da Máquina. E Pluto, o corcunda, a mão na maçaneta da porta, ficou magnetizado como um sapo, tonto como uma serpente que os faquires fazem dançar ao som das flautas de junco.

Sua alma se integrava no turbilhão das dores coletivas. E ele compreendia que já não se pertencia. Que a sua vida era sagrada porque devia comungar com as Coisas, os Seres, os astros infinitos. A vida deveria ser, forçosamente, um diálogo entre dois Absolutos...

As mãos de Evangelino Tupã foram escancarando novas portas e novas amplidões. Rasgando limites, desvendando mistérios, imprimindo forças nascentes às vozes nascentes das turbas, das massas ciclópicas da Metrópole.

Toda a Pluralidade Complexa se reduzia à Unidade Simplificadora. Dos rumores telúricos rompia um filete nítido, que era a transsubstanciação de todos os elementos e o comentário de todos os tumultos.

Evangelino Tupã acreditava, como Bauer e os amigos do Clube Talvez, na aparição misteriosa do Esperado. Mas, para ele, não era um homem, a transplantação do velho messianismo lusitano: era uma voz. Faltava uma voz na tormenta do Mundo.

A música de Tupã crescia, agora, tempestuosamente. A tempestade era o pano de fundo para a mágica aparição da Grande Voz.

Pluto empurrou a porta abruptamente, entrou com um ar desvairado, de êxtase. Ao abrir-se a porta, deu-se como uma explosão musical. Ondas místicas, sensuais, belicosas, confusas, antagônicas, em função de se harmonizarem, encheram o ambiente, cresceram violentas, gritaram como jatos de luz, assoberbaram Pluto, e pareciam dominar a Cidade, desdobrando-se pelo retângulo de estrelas da janela, tombando em cachões sobre a Avenida iluminada . . .

E Evangelino erguia a cabeça de cabeleira revolta.

Quando tudo ficou em silêncio, Pluto abraçou-o longamente, chorando.

E não disse nada.

E à proporção que a música se avolumava e crescia, e transcendentalizava-se, a Terra, e as misérias do mundo, pareciam distanciar-se e o Céu se abria numa revelação de Deus e do destino superior do Espírito!

XXXIV

MISERERE MEI...

Na névoa matinal, como uma espuma fina, o chilrear dos passarinhos. E o cheiro do incenso, na nave imensa. E a pacificação infinita dos instintos. Como uma força feita de verdades supremas — soluçada filosofia das resignações interiores — a bandeira branca das renúncias, a dor dos impulsos contrariados...

O órgão cantou a suavidade de todos os adeuses, que rolaram pelas abóbodas; e as grandes colunas góticas pareciam braços erguidos para o céu. Os monges, em fila, caminhavam para o altar, como sombras leves.

E tudo era leve no ar. E subiu no espaço, quase diáfano, o coro abemolado do cantochão. Mas havia uma dor, que arrastava as correntes, como um condenado, em direção ao patíbulo.

Ainda uma vez, o coração reagia. Ainda uma vez, queria gritar, falar aos astros todo o desespero dos seus desejos. Era o soluço abafado das memórias. Inquietação de esperanças indeterminadas. Rebeldia recôndita de células...

Pelos lajedos, havia lápides; letras quase apagadas da vida efêmera. E um Cristo de Rubens, formidável, na luz colorida dos vitrais. Panos pretos pendentes das paredes, como bandeiras triunfais da morte.

E a manhã cantava, lá fora, e o céu devia ser imensamente azul. Sobre a cidade loura, sobre os campos verdes, na alegria da primavera e do amor.

Recomeçavam todas as histórias. Cantavam, de novo, todos os poemas da vida. Crescia o lirismo que vai esplender ao meio-dia, que vai extinguir-se na tarde enfadonha...

O desaparecimento de Dona Etelvina precipitara a ascensão mística de Avelino Prazeres. Vira a morte, de perto. Vira, com os seus olhos, como uma pessoa se acaba.

A voz do padre Azambuja, lendo a oração dos moribundos, enchia o quarto da doente. Era grande e dominadora. Cortada pelos soluços arrancados do peito da enferma. Soluços que se iam espaçando. Como um navio que se afasta, no mar.

Primeiro, os rumores da despedida; depois, o zumbido dos apitos, a trepidação das máquinas, lenços a acenar. A figura do navio vai diminuindo. Chega à linha da barra. Começa a desaparecer. É, agora, um ponto negro. Com um pendão de fumaça. Depois, apenas a coluna de fumo. E o céu enorme, na ondulação deserta das águas...

E os que ficam no cais. E voltam para a cidade. Sob o sol alto.

Aqueles soluços de Dona Etelvina lhe deram a impressão de todas as distâncias. Houve um momento em que o padre Azambuja interrompeu a leitura, para virar umas páginas. E os estertores se destacaram na noite enorme.

Avelino Prazeres sentia, também, que cortava as últimas amarras que o prendiam ao mundo brilhante.

O órgão avolumava a sua voz misteriosa, feita de uma outra alegria, sem inquietude, que abria os braços para abençoar as aflições das felicidades inquietas. Das felicidades que sofrem o receio terrível de perder... Um prazer esquisito, como um abrir de asas, um estender de manto para a desgraça dos que se julgam felizes, para todos os que caminham na vida incerta.

Passara a noite em orações. Abafado e longínquo, chegava, no silêncio do seu quarto, o rumor de um *dancing*. Devia estar cheio de luzes, cabeças louras e morenas de mulheres, com relâmpagos de sorrisos.

Acordavam na velhice heróica de Avelino as reminiscências, pormenores de mulheres ocasionalmente amadas. Um sorriso, uma face rósea, uma ternura de olhos azuis, um brilho de

olhos negros. Corpos de mulheres jovens, ritmos de danças, sabor de beijos. Conchegos e carinhos de amores fáceis. A vida continuava lá fora...

O desejo não envelhece. A fisionomia interior é sempre a mesma, não se lhe dá dos cabelos brancos, da pele feita pergaminho. O coração, cego, não gosta de entender nada. Só a inteligência vigilante diz que tudo é consumado.

Miss Katy fôra a sua Estrada de Damasco.

Avelino pensava, até, em professar. E reaparecer na sociedade, falando as verdades eternas.

O órgão cantava a suavidade de todos os adeuses. Avelino Prazeres levava a mão ao peito:

— Miserere mei...

A vida continuava lá fora, renovando as primaveras, fulgindo perene, no amor efêmero.

E o órgão enchia o templo. Como uma voz que se estende, pelo infinito.

XXXV

O ATENTADO

Graciosa considerou a situação, resolveu procurar Edmundo. Estavam sem vintém, alimentavam-se de bananas. Faltava tudo e Dona Xuxula já nem praguejava: perdera a força para as lamentações, para os gestos de revolta ou as lamúrias cantaroladas com lágrimas escorrendo no rosto enrugado. Ao marido, também já não dizia nada. Ele rolava por um declive, que cada vez mais se acentuava: seboso e inchado, os zigomas túmidos, lustrosos, o nariz vermelho, os olhos empapuçados, sonolentos. Desaparecia de casa, dois dias seguidos. Surgia, às vezes, alta noite, com arrotos de pinga e exclamações anarquistas: "Que esta vida só à violência, à bala". Uma tarde, os moleques da calçada longa das palestras das tardes preguiçosas prorromperam numa vaia estrondosa. Dona Xuxula saiu à porta, quase morreu de vergonha: o Camurça tinha caído, bêbado, não podia levantar-se. Ela o recolheu piedosamente. Não adiantava mais recriminá-lo. "Perdeu a vergonha". Explicava à filha. E Dona Xuxula, também, se não havia perdido o velho brio agressivo, perdera a sensibilidade para certas formas morais. Tanto que, uma noite, Graciosa, tendo chegado tarde, contou-lhe a vida que vivia. E Dona Xuxula (que pedira à Virgem bons casamentos para as filhas), ouviu a narrativa e comentou: "Que se há de fazer? A vida é isso". E sacudiu os ombros.

A vida, realmente, "era isso". Pois o próprio Dr. Antoninho, o patrão sem entranhas do Camurça, não passara pelo desgosto de ver a Ondina sem noivo e desacreditada, e a outra filha, a Odete, envolvida no escândalo do divórcio da filha da Baronesa de Guamirim? Ora! E os pobres então?

Por fim, Dona Xuxula chegava mesmo a se interessar, de certa forma, pela "féria" de Graciosa. Nunca falou diretamente.

Mas, dava jeito de ouvir qualquer coisa a respeito. E conhecia bem as tristezas da filha, o seu ar de santa.

“Que terrível crise!” dizia a Graciosa. E comentavam, as duas, que “as coisas não vão bem”. O Camurça não sabia de nada. Mãe e filha ocultavam tudo ao velho ranzinza, bêbado mas honrado, como dizia nos seus arroubos. E tinham pena dele.

Dona Xuxula, depois dos sofrimentos agudos, ficara mais carinhosa para com a mãe. Também, a pensão de Dona Idalina era a única coisa garantida no fim do mês. Gastava-se a metade com a velha, a outra metade, comiam. Mas a velha ia morrendo devagar. Oitenta e três anos!

Quando as coisas iam bem, no tempo do bairro de Santa Cecília, se a velha morresse, diriam: “Coitada, descansou”. E ficariam contentes, e teriam uma preocupação de menos, pois os cento e poucos mil réis não pagavam a trabalhadeira. E agora, que os cento e poucos mil réis “já ajudavam”, torciam por que a velha não morresse. Eram cuidados redobrados.

Mas a situação ficou insustentável. Dona Idalina morria mesmo. Era inevitável. E, se ela morresse, de uma hora para outra, nem poderiam fazer o enterro, já não se fala no luto. E, em casa, faltava tudo.

Graciosa, também, andava doente. Precisava de remédios. Emagrecia, e os fregueses de Madame Bermudez já não a procuravam muito. Logo ao entrar o cliente no corredor, escutava: “Quais são as que estão hoje?” E Madame Bermudez enumerava: “Fulana, Beltrana, e Graciosa”. Os fregueses, quase sempre, respondiam: “Graciosa, não”. E aconselhavam: “Essa menina precisa tratar-se”. Escutava o diálogo, suspirava.

Lembrou-se da conversa (havia quanto tempo?) de Edmundo, na esquina da Rua Aurora. Resolveu procurá-lo, pedir um auxílio. Ele, agora, estava rico. Podia. E era bom.

No palacete de Higienópolis, recebeu-a a Nina. Que chorou muito, ouvindo a história triste dela. O Edmundo não devia tardar. Iria ver a família do Camurça, verificaria a situação, daria tudo o que precisasse.

Nina continuava a pensar “que o segredo da felicidade deve estar na força das dedicações e das missões consoladoras”. Sua alma pura e serena se harmonizava com a sensibilidade toda deli-

cadezas do marido, que compreendia o mistério das situações humanas para poder amar a todos os sofrimentos e alegrar-se em todas as alegrias.

A família de Avelino Prazeres, na verdade, atingindo o ápice das satisfações materiais, fazia como que um *movimento de regresso*, sorrindo de todas as lutas e competições que se agitavam impiedosamente na grande Metrópole. “A humanidade”, dizia Nina a Edmundo, “se dilacera na batalha cruel, inutilmente. É porque todos os lutadores põem na felicidade material o objetivo da sua vitória”.

Nina era lírica e boa, como as lindas manhãs de passarinhos.

Também o Camurça saíra para a rua. Foi ao “Tapagaio de Ouro”, onde encontrou Solidônio.

— Abaixo a plutocracia! — disse Solidônio cumprimentando-o. E segredou-lhe:

— O seu dia chegou.

Camurça olhou-o, apalermado. E Solidônio:

— É amanhã.

Explicou-lhe, então, que toda a cidade se agitava. Que iam apresentar um projeto, no Congresso, que acendia as cóleras dos estudantes, dos partidários do Dr. Becca, dos nacionalistas exaltados, e, como se tratava de beneficiar um poderoso grupo financeiro, também rugiam as raivas do proletariado. Era, aliás, um coincidência. A greve geral devia dar-se mesmo, no dia seguinte. A cidade ia se confraternizar, por motivos diferentes, num mesmo gesto de rebelião coletiva. “E você”, dizia Solidônio, “será o herói”.

Foram juntos, à Rua João Boemer. O Camurça saiu com um embrulho. Eram as bombas de dinamite. Que ele deveria atirar, no dia seguinte, em pleno recinto do Congresso.

Confabularam, confabularam...

E Camurça, o cérebro encharcado de aguardente, rumou para casa.

Pelo caminho, o álcool ia trepando. Começou a rir, primeiro. Depois, estufou-se num grande orgulho. Lembrou-se do Dr. Antoninho: “Hão de ver!” Recordou-se da cara de sátiro de seu Carvalho. “Hão de ver!” A imagem da mulher, da sogra, da filha, a miséria da sua casa, as noites terríveis, os dias angustiados, tudo passou como um cinema, amargando-o. Veio uma crise de choro. Parou um pouco, enxugou uma lágrima com a manga rota. E caminhou. Voltava-lhe, de novo, o orgulho. Do seu papel. Representaria, um momento, a cólera de todos os aflitos, o rugido da cidade infernal. E chegou à Rua Javri, das suas tristezas acabrunhantes.

Crianças sujas brincavam nas sarjetas pretas de barro preto. Na rua sem calçamento, poças d’água e riscos de rodas de carroças. Casas de caras sujas, amarelentas e salpicadas de lama. Telhados negros, com mato verde. E gente estendida pela calçada.

Era a hora dos “cavacos” crepusculares em que as populações operárias da cidade industrial trazem as cadeiras de pau encardido, os tamboretos e caixões de gasolina, para sentar, tomar a fresca, fumar cachimbo e comentar a crônica sempre renovada da vizinhança.

Uma roda de crianças rodava cantando a Dona Sancha. E a lua no alto, meio amarelada pela luz da tarde amarela, ficara olhando.

Um automóvel de luxo no bairro pobre! Era uma limusine gigantesca para a pequenez das casinhas, da ruazita estreita de sarjetas pretas. Um carro de raça, com a atitude solene de grandeza, os pára-lamas reluzindo, os pára-brisas rutilando. E vernizes novos. E pneus imponentes que rodavam cautelosos como uma dama que ergue a fímbria do vestido, para não o manchar. Era Higienópolis, era a Avenida, os bairros aristocratas, que vinham até à Rua Javri, tristonha e esquecida. Para acordar pavores vagos da gente pobre, a inveja dos olhares moços que sonhavam com estrelas de cinema, e o rancor subterrâneo dos proletários de meia idade, algo materialistas, com alma de burgueses e uma compreensão da existência como os próprios burgueses...

O grande carro era um acontecimento no bairro. Gente se erguia das cadeiras. Mulheres apontavam. Os meninos discutiam:

— “É Marmon que eu sei”, “Não é, seu bobo, é Lincoln”. “Penso que é uma Rolls-Royce”.

E subia um vozerio.

Camurça chegava neste instante. Gritou para a vizinhança, com sua cara de bêbado:

— Eis aí os algozes! Aí está onde vai o nosso pão.

Uns riam, outros escutavam e comentavam:

— Ele diz a verdade.

— Uma vaia, molecada! — berrou o Camurça num crescendo de cólera e de importância. De importância, pois ele era “a voz”. Ele era “o que falava”.

Prorrompeu uma assuada. Guinchos, assobios, e a assuada infernal avultou na rua burburilhante.

Camurça entusiasmou-se. E berrou:

— Isso não basta!

Ninguém viu direito o resto. Um estrondo formidável abalou o carro magnífico. Estilhaços voaram, feriram numerosas pessoas. E um enxame de gente rodeou imediatamente os escombros.

Havia um homem ferido: era Edmundo Milhomens. Uma moça morta. Era Graciosa, a filha do Camurça, que ficara com o peito esfaqueado. Só o chofer escapou com pequenas escoriações.

Transportaram Edmundo Milhomens para o Sanatório, onde a Nina chorava, com beijos ternos e promessas a Nossa Senhora. Os ferimentos eram graves, mas ele se achava fora de perigo. Teria uma febre, teria um mês e pouco de cama. “Felizmente”, diziam os amigos.

A Graciosa foi para o necrotério. Nina encarregou-se do enterro. Que foi quase alegre, como um casamento.

Vestiram Graciosa de branco. Puseram grinalda. E o caixão era branco. E o céu, na manhã de ouro, era romanticamente azul, como os sonhos de Nina.

Pardais cantavam no verde vivo de sol. O ar impregnava-se de um cheiro lírico de magnólias. Tudo como o pensamento de Nina.

Que pensava que as virgens das missas místicas de S. Bento e de Santa Cecília, e as crianças ingênuas, e as velhinhas santas, não tinham a alma mais branca do que a alma da filha do Camurça...

Dona Xuxula ficou sozinha com a velha enferma, enxugando as lágrimas e dizendo “que se há de fazer?”

A vizinhança espreitava, perguntava pormenores. Ninguém sabia as coisas direito, porque o Gavião Teixeira se incumbia de evitar notícias escandalosas nos jornais.

O Camurça foi preso no “Papagaio de Ouro”, às onze horas da noite. Foi arrastado, bêbado, moeram-no de pancadas.

Despertou no dia seguinte, com ressaca, no porão tenebroso do Gabinete de Capturas.

E as lágrimas engasgadas de uma dor sacudida como uma trituração de todos os ossos.

XXXVI

A TROMBETA DO ARCANJO

Laurentino Canoa, desde manhã cedo, plantara-se no seu escritório, com Gavião Teixeira e Mr. Sampson. O datilógrafo datilografava curvado sobre a máquina metralhando o teclado. Era a última demão dos artigos e parágrafos, das alíneas de subtilezas sorrateiras. E apontamentos para réplicas, para contragolpes e apartes perigosos. O Laurentino marcava com pedaços de jornais as páginas amoldáveis dos constitucionalistas, compulsava repertórios de jurisprudência e tratadistas estrangeiros que vinham a calhar.

E a máquina disparava martelando as laudas.

Mr. Sampson, estendido num largo *mapple*, fumava o seu cachimbo. E contava histórias de vários países, citava casos semelhantes, coisas da Índia e da Argentina, da Turquia e da China dos bons imperadores celestes.

Falava pouco Mr. Sampson. Durante todos os meses em que agira na Metrópole Brasileira, fora uma figura afastada da *avant-scene* onde se agitavam os figurões da terra, os opressores e os oprimidos, com seus dramas.

Ele atuava pela presença. E esta determinava o fenômeno químico-social dos precipitados humanos. Combinações de moléculas, afinidades de átomos, repulsões e incompatibilidades. Derivavam de Mr. Sampson as fórmulas algébricas, as expressões indicativas da luta e da confusão.

Às 10 horas, o Canoa começou a telefonar.

— Alô! É você? Não falte à sessão, heim? É indispensável. Veja lá se nos deixa mal.

Pegava a lista, pegava o fone, outra telefonada.

E, assim, correu a lista de todos os deputados da situação.

— E Rodrigo Jorge, está firme? — perguntou o Gavião Teixeira.

— De pedra e cal — respondeu Laurentino Canoa.

E fumava, agitado, um cigarro sobre outro. Diante da impassibilidade de Mr. Sampson. E dos olhos compridos do Gavião.

— Ia-me esquecendo! — exclamou batendo na testa. — O Conrado.

E telefonou ao Conrado:

— Está de prontidão o seu pessoal?

O outro, naturalmente, respondeu que sim. Porque o Canoa disse:

— Pois bem; mas acho pouco cinquenta homens. Veja se arranja mais, para encher as galerias. E esteja a postos, ao meio-dia e meia.

O Largo São Francisco fulgurava ao sol com movimento desusado. Eram os estudantes que se reuniam. Havia um orador, que falava em Pátria, em Bandeira Verde e Amarela. E outro, que recitava o soneto de Bilac:

*... os meus ossos, no chão, como as tuas raízes,
se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto.*

Na Praça da Sé, próximo à Catedral, um grupo reunido. E homens que subiam e desciam o elevador, indo e vindo do escritório do Dr. Becca.

O Dr. Becca, também como o Canoa, estudava. Ajudava-o o Sr. Hyggins, de New York, falava na doutrina de Monroe e chamava, para certos tópicos da conversa, o testemunho de autoridades norte-americanas em direito público, em direito interna-

cional, e ponderações de comercialistas quando o fio da discussão transitava sobre aspectos mais particulares da matéria. Esse Sr. Hyggins era o inimigo mais terrível de Mr. Sampson, que lhe ganhara o terreno. E era muito bom amigo do Dr. Becca, que ele ajudava como podia com bons negócios de advocacia, transações vantajosas.

Quando o Dr. Becca estivera no governo, favorecera as empresas do Sr. Hyggins. Agora o Sr. Hyggins fazia tudo por ver o Dr. Becca no poder.

Bancava sempre o superior. Homem de negócios, sempre apressado, não tinha tempo a perder. Homem de saúde, esportista. Homem de cérebro, que ria das molezas do coração. Homem do século, que desprezava superiormente os velhos preconceitos da moral cristã. Homem fino, de ciência, de gabinete, lido e relido em economistas. E o Dr. Becca se curvava sorrindo diante de tamanha superioridade. Sorrisos que custavam o seu tempo em ouro. *Time is money*.

Brincava com o Dr. Becca.

— Precisamos civilizar esta terra de negros.

Nessa manhã, nem podia conversar. Era um ir e vir de gente partidária do Partido Popular, apaniguados do Dr. Becca, que o haviam mandado com seus votos ao palácio da Praça João Mendes.

— Lá iremos em massa — disse um cabo eleitoral.

— Não falem — ordenou o Dr. Becca.

E preparava o seu discurso retumbante.

Mais abaixo, próximo à Casa Baruel subiam magotes de rapazes pelo elevador que conduzia ao Clube Talvez.

Lá estavam Marcos, Infantini, Corrégio, Bauer, Tupã, Manfredo, Mano, Teo, Bataglia, Américo, e os respectivos satélites, mais de cem, jovens e ardentes, curiosos pelo que ia acontecer.

O Clube Talvez era a ânsia maior, a inquietude, a aspiração indefinida. Entretanto, a aspiração mais forte.

Todos sentiam um pressentimento esquisito. Alguma coisa ia suceder.

No "Papagaio de Ouro", o Solidônio reunia a sua gente. Eram homens de olhar turvo de tristezas e revoltas acumuladas. Uns cinquenta, ao todo. Elementos inadaptados ao convívio dos companheiros de suas fábricas. Mistura de tecelões, de gráficos, de vidraceiros, de padeiros, de maquinistas. As contradições vivas de todas as comunhões. Detestavam a convivência dos rebanhos, o coro de vozes uniformizadas no mesmo tom. Não eram ovelhas rebeldas, nem chegavam a ser lobos, pois não constituíam uma alcatéia. Mas uma aliança ocasional. E não traziam idéias, nem traçavam um plano de ação, nem se inspiravam por um sonho. No entanto, fixavam o mesmo objetivo. A derrubada. A destruição.

Mano e Manfredo tinham avisado, também, os seus adeptos. Mas eles não viriam destacadamente, ostensivamente. Nunca os dois amigos faziam rotular os seus movimentos com dísticos partidários. Havia, é certo, o partido comunista, bem vivo na ilegalidade. Mas, nos grandes movimentos de opinião, o partido se misturava na grande massa, utilizando-se da ingenuidade das outras facções.

E, nessa manhã, declarara-se a greve geral. A princípio, Laurentino Canoa pensou em adiar a apresentação do seu projeto, para que ela não coincidissem com o movimento operário. Mas Mr. Sampson o tirava das dúvidas:

— O proletariado não se incomodará com isso. O seu problema é outro. Os elementos perigosos são, apenas, os nacionalistas exaltados e os oposicionistas ao seu partido, que desejam tirar proveito da situação. Mas, para derrotá-los, basta uma boa galeria. Ponha lá essa gente de Conrado.

E Laurentino Canoa decidiu não protelar mais.

Quando muito, teria umas assuadas de estudantes, uma pateada dos partidários do Dr. Becca. Alguns apartes impertinentes, que rebateria. Um discurso de frases literárias, que esmagaria. E depois, a figura de Rodrigo Jorge, apresentando o projeto, era magnífica, soberba. Quem poderia falar em nacionalismo ao velho representante das mais legítimas estirpes? Quem poderia falar em brasilidade a Rodrigo Jorge, que vinha de Domingos Jorge Velho, dos Paes Leme e dos Raposo Tavares? Que trazia

sangue de bugre no seu sangue, alma de bandeirante na sua alma?

De fato, Mr. Sampson tinha razão. Não havia perigo.

A greve geral inundava a baixada do Brás, como uma enchente do Tietê. Pelas vendas, pelos botequins, pelas praças, pelos passeios, nos pátios das fábricas, nas esquinas, por toda a parte, homens pardos, fuliginosos, que falavam e gesticulavam.

Ao meio-dia em ponto, rebentou, também, a greve da Light.

Parou a circulação da Cidade. As sístoles e diástoles do Triângulo. E as pulsações nos bairros longínquos, ritmando por um mesmo ritmo a palpitação única da Metrópole.

E constava que havia, também, soldados descontentes . . .

XXXVII

OLHOS NA TREVA, VOZES NA TEMPESTADE

Manhã pesada de calor opressivo. Luminosidade agressiva do estio de céu azul agudo e alvos castelos coruscantes de cômodos brancos, montanhas de luz.

Mormaço matinal; o hálito morno das pedras, da terra escaldada, das fachadas dos prédios com vidraças cintilantes de reflexos. E irradiações imponderáveis de magnetismos na atmosfera cálida, túmida de ameaças. Árvores imóveis. Claridade ofuscante de manhã brasileira.

Rodrigo Jorge saiu do banheiro, sorveu vagarosamente a sua xícara de café negro, bom café de São Paulo que, nessa hora — tinham soado as nove horas no velho relógio imperial dos pêndulos graves — lhe sugeriu a lembrança das grandes fazendas, terreiros largos do sol, imponentes casas de beirais.

Sentou-se na sala grande, mais fresca, a velha sala monárquica dos móveis antigos de entalhe, pôs-se a ler os jornais do dia. Era incrível: mas ele, Rodrigo Jorge, seria o relator do projeto de Laurentino Canoa.

. . . estudava genealogias e o velho orgulho empinava-lhe o busto arcaico . . .

Passou a mão pela barba grisalha, apoiou o queixo com o polegar e o indicador. Olhou em torno. Os vetustos retratos dos seus ancestrais.

Um bispo, róseo e calvo, a cruz de ouro sobre o peito de sombra violeta na sobrepeliz branca: D. Melquíades Rodrigo de Assunção Ferreira . . . O olhar duro sob as pestanas eriçadas, a barba pontuda sobre a gola de veludo azul, o senhor Conde do

Rio Turvo, Antônio Jorge de Botelho, deputado-geral, conselheiro de sua majestade. E, o queixo redondo, as suíças arrepiadas, o senador Camargo; e a Condessa de Santo Eustáquio, magra e fina, no seu corpete e no seu decote onde pendia uma cruz de diamantes; e o general Agostinho Jorge de Azevedo Leme, mestre-de-campo de Caxias, que se notabilizou mais tarde, como deputado-geral, quando exclamou em alta voz retumbante, apartando um discurso de Cotegipe: "Os Jorges de Azevedo ainda têm sangue para derramar pela independência e a liberdade!" Com a cara redonda de seu mestre-de-campo, — reprodução do retrato devido a Benedito Calixto — avultava a figura de pala, de chapeirão e espada à cinta de Domingos Jorge Velho. E D. Rodrigo César de Menezes olhava de um ângulo da sala.

Rodrigo Jorge contemplou-os, um por um, e a frase do Dr. Becca, num *meeting* que os jornais noticiaram, espicaçou-o como um golpe de florete: "É chegado o momento histórico em que se vão separar em dois campos, os defensores e os ofensores do brio nacional".

Mas, a esguia silhueta de Laurentino Canoa surgia apaziguadora: "A sua candidatura a presidente do Estado está firme; só falta o apoio de Mr. Sampson; a fim de não criarmos dificuldades financeiras futuras, ele é necessário. Mas a sua atitude neste caso, decidirá em seu favor". (. . . Quando fosse presidente, cortaria largo e fundo. Dessem-lhe a força nas mãos, haviam de ver . . .)

No fundo, Rodrigo Jorge era um revoltado como Camurça. A história e o fim trágico do escrevente do Dr. Antoninho impressionaram o velho deputado. A sua situação era a mesma. Apenas, dourada pela sua posição, o seu nome, a sua *toilette*, a sua cultura, a sua casa grande e solene, a sua voz grossa e grave. Mas a sua situação era a mesmíssima. De um lado, a presidência do Estado, do outro o corte do seu nome da chapa oficial, a miséria em casa, o casamento de Elvirinha desmanchado, pois Rodrigo bem sabia as razões ocultas de Gomes de Barros, o rei do café, meio quebrado, sempre elegante e com brilho.

Rodrigo Jorge não chegaria nunca a atirar uma bomba, mas seria impiedoso, quando galsasse as escadas dos Campos Elísios. Governaria sem compromissos, traçaria um programa nacionalista. E, afinal, o que o seduzia mais eram as continências do estilo, o automóvel oficial com a grande estrela de raios largos, a bandeira brasileira no tope do palácio, indicando a sua presença no recinto, as marchas batidas das bandas militares, à sua passa-

gem, as recepções de embaixadores e plenipotenciários, lugar de honra junto ao trono do Arcebispo nas missas solenes, o papel timbrado da presidência, os trens especiais para as excursões brilhantíssimas em que fazia discursos, com hino nacional retumbante e morteiros de festim.

Deram onze horas. Rodrigo Jorge começou a sua *toilette* meticulosa.

Mas, por que não olhava de frente para o espelho? Não enfrentava o cristal brilhante onde se destacava a sua figura nobre. Reagiu: encarou o sócia no fundo do espelho.

— Ah! És tu, Rodrigo!

Pegou por uns instantes o papel onde estava o projeto que devia apresentar. Leu tudo, de novo. Detinha-se nos parágrafos, nas alíneas subtis do Canoa. Uma onda de pudor ruborizou-lhe as faces. Voltou ao espelho, para afixar o plastrão.

— Sim, és tu, Rodrigo.

E baixou os olhos.

Para espetar o alfinete de ouro com a enorme pérola imponente. Examinou o vinco das calças. Enfiou o colete majestoso. Tudo, sem olhar para o espelho. Que o incomodava.

Ao abotoar os fechos dos punhos (dois brilhantes discretos), ficou olhando as veias saltadas da idade. Azuis. Era o velho sangue dos Jorges e dos Rodrigues, dos Lemes e dos Raposos.

— Tenho nas veias sangue de Cabrais, do senhor de Belmonte. Pelo ramo paterno, através de meu tataravô que vinha em linha reta de Manuel Preto, meu sangue vai se encontrar com o de Bartira, princesa de Piratininga, primogênita de Tibiriçá. . .

Vestiu o jaquetão, foi ao espelho, de novo. Estava impecável.

Ao meio-dia, começou a subir a maré.

Chegou, primeiro, o pessoal de Conrado: oitenta capangas, fiscais da Câmara Municipal, choferes da Luz, do Brás, garçons de hotéis das proximidades das estações, secretas das delegacias distritais, carregadores e engraxates, cambistas e passadores do

conto-do-vigário. Disfarçado entre os outros, o famigerado Jaguar-etê, que guardava dois revólveres no bolso de um sobretudo que o afogava no sol escaldante. Encheram a Praça, invadiram o edifício, velho pardieiro das discussões inúteis. E galgaram as galerias.

Logo depois, chegou a gente do Dr. Becca, homens do Partido Popular, muitos desocupados, pretendentes desatendidos de empregos, ex-funcionários demitidos cruelmente, motoristas, proprietários de pequenos bares, corretores, pracistas, barbeiros e gente avulsa de profissões indefinidas. Era a coorte adversária da legião de Conrado, o cabo eleitoral do Canoa.

Um rumor de vivas, de gritos, cresceu de repente. Vinha da Rua Riachuelo. Eram os estudantes de todas as escolas, com um estandarte verde-amarelo e canções de soldado. O Brasil vem ali, dizia Manfredo, e vem comprimido pelas duas ondas, de Canoa e de Becca.

Subindo do Largo da Sé, tinham aparecido os cento e poucos rapazes do Clube Talvez.

A Praça João Mendes coalhou de curiosos, de apaixonados, de interessados e até de indiferentes. A onda avolumava. E os deputados começaram a chegar.

Não houve nem vaías, nem aplausos. A multidão estava muda, como o céu mudo e azul de nuvens pesadas, ameaçadoras.

Laurentino Canoa, que entrara no velho pardieiro com Rodrigo Jorge e Gavião Teixeira, impressionou-se mal ante o aspecto de belicosidade sombria da massa que avultava de momento a momento. E mandou chamar a autoridade policial. Esteve conferenciando com ela (o magnífico Dr. Nolasco que se fazia acompanhar pelo terrível Dr. Teofrastró) e os dois delegados saíram de automóvel.

Pouco depois começaram a chegar soldados. Postou-se, no Largo Sete de Setembro, um esquadrão de cavalaria, outro na Praça da Sé. Uma companhia do 1.º Batalhão dividiu-se em grupos, nas esquinas da Rua Quintino, da Rua Carlos Gomes, da Rua Onze de Agosto. Uma outra porção de soldados dissolveu-se entre a massa. E os guardas-civis empertigados entraram pelo edifício adentro, colocaram-se nas galerias, no recinto, nos corredores, nas portas.

O aparato marcial despertou maior curiosidade, maior rumor e maior cólera. Resmungava-se por todos os cantos. A pequena praça continha, já, para mais de dez mil pessoas. Que a transbordavam, que desbordavam pelas ruas adjacentes.

Um funcionário da Câmara dizia que nunca vira uma coisa assim. E trabalhava, ali, havia trinta anos. Os velhos políticos tinham um ar medroso, desconfiado. Os mais animosos, enfrentavam a multidão com o olhar. E lembravam-se dos rutilantes dias belicosos dos episódios parlamentares dos primeiros dias do Império, dos dias trepidantes de Floriano. Em que o povo tomava parte, assumia um papel.

— Naquele tempo, — dizia um jovem deputado — existia um ideal comum e uma força comum que punha o povo na rua. E agora? Que quer essa gente?

O outro, a quem estas palavras eram dirigidas, contemplava da janela a cara do povo. Que cara era aquela? Havia várias fisionomias, vários grupos de fisionomias. Fixava um setor, tinha uma impressão; fitava outro, recebia outra impressão diferente.

Um rapaz do Clube Talvez, que estava no lado de fora, escutando o diálogo, interveio:

— O povo não tem mais cara. O povo é uma massa que se move. Precisamos é dar uma cara ao povo. Mas onde buscá-la?

E a onda ondulava regurgitando.

— E se viesse a massa operária, que declarou a greve geral?

— Seria conveniente mandar um orador, um agitador para entreter na Praça da Concórdia a terrível maré, para que não suba à cidade — disse Infantini, puxando o Dr. Becca pelo braço, na sala do café.

O Dr. Becca sorriu.

— Eles não vêm cá. Eles se agitam numa outra ordem de interesses.

E Infantini procurou o Canoa.

— Seria conveniente que alguém fosse ao Brás, segurar os grevistas, para que não subam; a cidade já está agitada, seria um horror se a situação viesse a piorar . . .

O Dr. Canoa sorriu.

— Para contê-los, já mandei pôr metralhadoras na Esplanada do Carmo, na Rua do Gasômetro, na Rua São Caetano e na Rua Glicério. Mas eles não vêm cá.

Infantini, apreensivo, falou aos estudantes:

— Seria conveniente que uma pessoa qualquer fosse ao Brás...

Eles nem responderam. Riram e cantaram a canção do soldado.

Dirigiu-se, então, aos seus amigos do Clube Talvez. Mas, cada um tinha uma opinião diversa. O único ausente era o Solidônio. Que capitaneava a gente terrível do “Papagaio de Ouro”. Os outros discutiam. E Mano e Manfredo diziam: “nós aguardamos a oportunidade”.

Marcos seria capaz de atrair as turbas. Ele era belo e forte e trazia consigo as fascinações irresistíveis. Porém Marcos, capaz de atrair, não seria capaz de responder à pergunta coletiva, se lhe indagassem: — para que rumo nos pretendes levar?

E Marcos, junto de seu grupo, assistia à deflagração das forças latentes, obscuras das massas. Com um sorriso de coragem. Com aquela altivez com que dizia: “enfrentemos resolutamente o século”.

E bateram duas horas da tarde escaldante. As nuvens brancas acinzentavam-se. . . O ar era mais pesado. Soaram os tímpanos e começou a sessão.

Havia longa matéria de expediente. O secretário pôs-se a ler em voz baixa a papelada da mesa. À esquerda, os três deputados oposicionistas passeavam os olhos pelas galerias. O Dr. Becca, de cabelos à *brosse-carré*, gordo e louro, o pescoço vermelho de peru; o coronel Ovídio, de bigodes aparados, de rosto cavado, a testa de calva luzidia; e o jovem Dr. Mauritano, o dos reptos violentos e das imagens literárias de arrebatado, com uma flor à lapela e uma gravata vermelha de pintas brancas. Era um aspecto solene e os deputados da situação tinham atendido ao apelo de Canoa: lá estavam todos, formalizados: a figura nédia e sono-

lenta de Lelo; os olhos de pálpebras mortíferas do velho Propércio: o rosto rosado de Lisandro, o jovem fazendeiro; a efígie majestosa de Mardônio Capistrano, de barba andô e apartes graves como tiros de canhões 42, e a irrequieta cabecinha dolicocefala de Antônio Tapajós; e o peito largo, como encouraçado para resistir a metralhas, de Alberto Sigismundo; e a cabeleira revolta de Cipriano Salinas, e os outros, formando filas de cabeças, e, emergindo entre elas, a expressão viva, dominadora, vigilante, de Laurentino Canoa, esguio e ressequido, que comandava, impunha, exigia, fazia todos andarem na linha, não se arredassem do recinto na hora da votação, não errassem nas respostas, "sim", ou "não", e fuzilassem de apartes a bancada adversária. Perto dele, Rodrigo Jorge, diante da sua carteira, amontoada de papéis. Com a cabeça pendida de um lado, apoiada à mão direita, como que atento à leitura da matéria desinteressante do expediente.

Um peso formidável, opressor, acabrunhante, como que estalava as vigas do velho edifício, asfixiando o recinto. Era o silêncio tumular das galerias, com centenas de respirações repressas. Os capangas de Conrado e do Dr. Becca, estudantes, gente da rua. E "grilos". E a apreensão das esperas.

A pressão atuava sobre Rodrigo Jorge. Todos acreditavam que ele compunha mentalmente o discurso que ia fazer daí a pouco. Que dispunha a ordem da matéria, antepondo contrapartes, preparando a refrega.

Mas Rodrigo Jorge sentia a pressão atmosférica. O ar carregado de eletricidade. Não a atmosfera, lá fora, do céu ardente, da tarde estival; mas a atmosfera dos espíritos, como toneladas de apreensões. Ele ia apresentar, defender o projeto de Laurentino Canoa. Ia ter os aplausos de Mr. Sampson, dos capangas de Conrado . . . Pôs-se a meditar, alheiou-se, numa abstração extática, que o imobilizava. Foi perdendo a noção do ambiente. Já não sabia onde estava. Seu pensamento fugia. Seu coração acompanhava o seu pensamento . . .

(E, então, numa tarde de opala, uma grande ave cantou na copa larga de um jequitibá. Um murmúrio de água na floresta impermeável. E um estalido de marcha, na selva . . .)

numa algazarra de entusiasmos cívicos:

— Viva o velho paulista!

Mas Rodrigo Jorge não teve tempo para agradecer, como era seu hábito, quando tirava o chapéu em rasgadas mesuras. Os capangas de Conrado esmurravam-no, puxavam-no pela barba, arrastavam-no pelos braços, pelas pernas, num excídio selvagem.

Onda bravia, os apaniguados do Dr. Becca investiram contra os homens de Conrado. Revólveres cintilaram. A confusão era terrível. Os que saíam esbarravam na torrente dos que entravam. A multidão remoinhava, e veio aos tropeções, aos arrancos, rodopiando, entre bordoadas dos guardas-civís, espaldeiramentos de soldados e bengaladas do grupo de estudantes. Na praça, a balbúrdia foi ainda maior, generalizando-se por todo o âmbito do logradouro.

Como para agravar o pânico e a desordem das agressões sem objetivo, das correrias sem rumos, dos berros sem sentido, a chuva começou a desabar. E os trovões avultaram, retumbando, aos tombos, retumbos de bombardeio. Do Largo Sete de Setembro, veio a primeira carga de cavalaria. E outra, da Praça da Sé. Os soldados brandiam as espadas, ensangüentavam cabeças. Arrancavam-nos das selas, moíam-nos de pancadas. E os cavalos, sem freios, disparavam esmagando, tinindo as ferraduras nas pedras que faiscavam. Eram mais de cinquenta mil pessoas, comprimindo-se, amassando-se, rugindo, entre gritos de ódio e de socorro, e ninguém se entendia no tumulto ciclópico, no vaivém tempestuoso, de esbarros, de quedas, de estrondos, de retintins de sabres e baques, estrépitos pipocados de tiroteio bravo.

Um raio ziguezagueou no céu tenebroso como um salto de jaguar bramindo, e interrompeu a corrente elétrica. A cidade ficou às escuras. Foi quando se ouviu, como o estridor de um tufão longínquo, a população do Brás, que subia, que enfrentara as metralhadoras da esplanada do Carmo, que invadia o Triângulo, como uma fatalidade em marcha. Era a vasa da Metrópole, que crescia, que avultava, que galgava a colina, que se estendia ameaçadora, invencível, estrugindo com um grito coletivo de ferocidade. Era a maré que subia.

Duzentos mil operários. A legião dos tecelões, a coorte dos

motorneiros, dos condutores de bondes, a horda dos padeiros, a falange dos vidraceiros, a turba dos calceteiros, dos lixeiros, dos maquinistas e foguistas, dos pedreiros e carpinteiros, farândolas de homens, mulheres, velhos, meninos, espectros fuliginosos, que vinham aos magotes do Ipiranga, da Mooca, do Pari, do Belenzinho, da Luz, do Bom Retiro, legião indeterminada, imprecisa, sem um objetivo exato, mas rouquejando num resmungar abafado de procela, e marcando a cadência soturna da hora trágica, com o ritmo de chumbo de seus passos reboantes como um coro de bumbos . . .

Chegava com a tempestade que despejava catadupas de água roncando pelas sarjetas como estrupidos de cavalos, em gorgolões estertorantes, trepidantes de enxurradas bravas. E com o estouro de forjas da trovoadas do estio, que era como um bater metálico de bronzes, retumbos sinistros, deslocamentos de massas, paredes, e torres, aos tombos, e gongos longos, como urucungos de bonzos selvagens. E vinha se encontrar com o rumor telúrico da cidade alta, raivando numa mesma raiva indefinida, debatendo-se numa mesma cegueira desnorteadora, de trevas espessas, de milhares de vozes sem sentido, de gemidos e imprecações, e a ventania dos delírios desvairantes, que sacudiam a multidão como um siroco levanta as dunas na tempestade, como o vento sertanejo estremece a galharia das florestas de araucárias nas solidões das campanhas do planalto do Sul.

A confusão era completa, assoberbante, alucinadora. Trepado numa cimalha, Marcos gritou a Infantini:

— A escuridão é absoluta! Só enxergo braços se agitando. Venha ver: uma massa de trevas, onde não se divisa uma cabeça. Há, somente, braços.

— É o Ofício das Trevas! — gritou Evangelino Tupã, com sua voz profética.

Mano e Manfredo tinham conseguido chegar, no tumulto enorme, mais próximo dos amigos.

— Estão feridos?

— Não.

— Que é que há?

— Eis a pergunta! — disse Evangelino Tupã.

Mas, não puderam continuar. Uma onda mais forte, arrasou-os, de roldão. Fuzilavam tiroteios. Tombos e baques. Berros e uivos. As duas multidões se defrontavam, chocando-se, fundindo-se, à semelhança das procissões de Encontro dos ritos litúrgi-

cos, porém com a violência das pororocas encapeladas de longos estouros escachoantes de cataratas amazônicas.

Nesse instante, na treva da cidade sem iluminação, na treva do temporal, na treva delirante dos espíritos, aqueles poucos amigos, tão heterogêneos, tão contraditórios, irmanavam-se. Eles eram os únicos olhos na Treva. A única voz na Tempestade.

E foi, talvez, por isso que, à luz de um relâmpago vermelho que iluminou tudo, que banhou o panorama com sua luz de sangue, acompanhado do estalo e da explosão de uma trovada formidável, aqueles olhos viram alguma coisa, viram alguém. E aquelas vozes clamaram, em coro, como uma só voz:

— É ele! É ele! Sim! Nós o vemos!

E caíram as trevas mais espessas. Na confusão. No desejo vibrante. Sobre todos os gestos, sobre todos os gritos.

XXXVIII

UM RUMOR DE PASSOS...

A febre tinha galgado a coluna termométrica oscilando na altura dos 40. Edmundo, no seu delírio, imaginava embalar-se numa rede, no calor emormado dos estios brasileiros. Uma paisagem com palmeiras recortadas no firmamento azul, de ar parado. Um silêncio de meio-dia, de luminosidade cegante. Enormes árvores pesadas, com balanços de cipós. Onde lerdos bichos-preguiças cerravam as pálpebras dormentes. Molezas felinas de onças dormitando na sombra das grotas boas. Lagoas, igarapés do Norte; sangas esverdeadas do Sul. Tabuleiros infinitos, causticados de canícula. Matas impermeáveis onde o vivo rubro das flores equatoriais, o violeta-cinza das quaresmeiras e o ouro cegante dos ipês. E planos indefinidos, pântanos... Pântanos largos e negros, pesados. Com antas pesadas, andando. Subia um rumor de tudo aquilo. Era uma marcha, lenta e lerda.

— Ouço passos, estão andando...

Parecia uma procissão vagarosa. Numerosa. De todos os lados da carta geográfica do Brasil. Eram pés nas calçadas, nas estradas, nas campanhas, nos pântanos. Que vinham do Nordeste, que vinham da Amazônia; que se espriavam pelos planaltos do Centro; que se multiplicavam nas campinas, nas planuras de Goiás, de Mato Grosso. Pelas pastagens de Minas, pelas ruas de café de São Paulo, na ondulação das coxilhas meridionais.

Quarenta milhões de seres humanos andando. Oitenta milhões de pés, movendo-se, lerdos e pesados, mas inflexíveis e insistentes.

— Escutem... Há um rumor de passos... O Brasil está andando... São multidões que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas, nem do vento. Ouço passos andando...

XXXIX

?

Para onde?

“... uma obra vigorosa, intensa, vivida e que ficará como um documento considerável do momento social que vamos vivendo”.

“... livro (...) poderoso e impressionante, que é um retrato trágico do Brasil de hoje”.

TRISTÃO DE ATAHYDE



Este livro foi editado em convênio com o Instituto Nacional do Livro/MEC, que reservou uma parte da tiragem para distribuição à sua rede de bibliotecas públicas em todo o território nacional.